



SÓCRATES ENCONTRA DESCARTES

*O Pai da Filosofia Interroga o Pai da Filosofia
Moderna e seu Discurso do Método*

PETER KREEFT



VEDE EDITORIAL

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

PETER KREEFT

SÓCRATES ENCONTRA DESCARTES

O Pai da Filosofia Interroga o
Pai da Filosofia Moderna e seu
Discurso do Método

Tradução de Gabriel Melatti



Sumário

Capa

Folha de Rosto

Dedicatória

Introdução

1. O Encontro

2. O Argumento Central

3. O Princípio

4. A Filosofia é uma Ciência?

5. O Plano Secreto de Descartes

6. A Finalidade do Conhecimento

7. A Busca da Certeza

8. A Razão do Novo Método

9. A Quem se Destina o Novo Método?

10. O Método

11. O Matematicismo de Descartes

12. A Moral Provisória de Descartes

13. Primeiro Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: A Dúvida Universal

14. Segundo Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: “Penso, logo existo”

15. Terceiro Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: “O que sou”

16. Quarto Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: O Critério de Veracidade

17. Quinto Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: As Provas da Existência de Deus

18. Sexto Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: A Prova da Existência do Mundo Material

19. Descartes e o Futuro da Humanidade

20. O Legado Cartesiano

Créditos

Sobre o Autor

Sobre a Obra

Para Joseph Flanagan, S.J.

Introdução

Sócrates e Descartes são provavelmente os dois filósofos mais importantes que já existiram, pois foram os que influenciaram de modo mais profundo toda a filosofia que os sucedeu. Sócrates é chamado o “Pai da Filosofia”, enquanto Descartes é o “Pai da Filosofia Moderna”. Estas duas alternativas filosóficas fundamentais, a clássica e a moderna, tiveram em Sócrates e Descartes, respectivamente, os seus fundadores.

Há pelo menos sete características comuns aos dois filósofos, e que os distinguem de todos os demais.

Primeiro, ambos foram iniciadores, revolucionários, praticamente sem ninguém que os precedesse. Não houve filósofo, além dos dois, que tenha dependido tão pouco dos antecessores, ao mesmo tempo que tornava os pensadores seguintes tão dependentes de si. O método, as perguntas e as respostas de Sócrates eram quase que totalmente diferentes das dos filósofos ditos “pré-socráticos”; Descartes, por sua vez, tentou recomeçar a filosofia toda do zero, como se os dois mil anos que o precederam simplesmente não houvessem existido. Ninguém mais na história do pensamento fez o que os dois fizeram, nem tão completamente quanto o fizeram.

Segundo, ambos começaram duvidando e questionando tudo, ou quase tudo, mesmo aqueles lugares-comuns que todo mundo julgava indiscutíveis. Ambos compreenderam que o primeiro passo, e o mais importante, para um método verdadeiramente científico é nada supor de antemão, ou, no mínimo, questionar as pressuposições, removendo os preconceitos do lado subjetivo da consciência e colocando-os no lado objetivo, onde farão parte do grupo dos examinados, e não mais dos examinadores.

É claro que muitos filósofos concordam com isso, mas nenhum realizou este ideal de modo tão completo e original quanto os dois. Na época de Sócrates os livros eram poucos, não havia universidades e a tradição filosófica com que trabalhar era limitada; Descartes tinha tudo isso em abundância, mas resolveu duvidar de tudo, ou pelo menos tentou. Assim, ambos confiavam na experiência direta e no pensamento individual em vez de na autoridade e na tradição da comunidade.

Terceiro, ambos fizeram da busca pelo conhecimento do *eu* a busca filosófica central, ainda que com *eu* quisessem dizer coisas um pouco diferentes. O que Sócrates queria dizer com “conhece-te a ti mesmo” era “conhece a essência do Homem, a natureza humana universal”; o que Descartes queria dizer era “conhece tua própria existência enquanto indivíduo”.

Também as razões por que empreenderam essa busca eram diferentes. A razão de Sócrates era a obediência ao comando do deus do oráculo de Delfos, em cujo templo via-se a inscrição “Conhece-te a ti mesmo”. A razão de Descartes era superar o ceticismo que acometera muitos dos melhores pensadores da época (especialmente Montaigne) mediante a descoberta da única certeza absoluta, que pudesse ser usada como ponto de partida de uma filosofia nova e mais certa: “Penso, logo existo”. De qualquer forma, ambos se voltaram para o “eu”, para a alma, a mente, o espírito, como objeto de interesse fundamental, muito mais do que qualquer outro filósofo. (Os únicos rivais de Descartes, neste aspecto, são Pascal, seu contemporâneo, e Agostinho, doze séculos antes; Sócrates não teve predecessores ou contemporâneos que o pudessem rivalizar.)

Quarto, ambos identificaram o *eu* com a alma, e não com o corpo. Ambos eram “dualistas”, isto é, acreditavam que a realidade é dual (dupla): matéria (incluindo nossos corpos) e espírito (incluindo nossas almas). Não houve dualistas mais famosos que Sócrates (através de seu discípulo Platão) e Descartes.

Quinto, ambos concentraram-se na questão epistemológica, ou o “problema crítico” de “como sabemos?” Sócrates fazia essa pergunta diante de toda afirmação específica, enunciada por alguém, sobre o que quer que fosse, enquanto Descartes fazia essa pergunta a si mesmo e a respeito do conhecimento em geral. Diferentemente de Sócrates, Descartes exigia uma razão para crer na própria razão antes de usá-la para construir uma filosofia, como um carpinteiro que verifica suas ferramentas antes de construir uma casa. Talvez essa questão tenha resposta, talvez não. De qualquer forma, nenhum outro filósofo concentrou maior atenção sobre a pergunta “como sabemos” do que os dois.

Em sexto lugar, cada um deles criou um novo método filosófico, posto que, através de seus métodos, ambos tenham chegado às conclusões tradicionais. Nos dois casos, o novo método exigiu critérios mais rigorosos, bem como razões mais precisas e mais bem fundamentadas para justificarmos nossas crenças e opiniões. Ambos, cada um a seu modo, restringiram o conceito daquilo que se entendia por “razão”. Antes de Sócrates, ela incluía mito, intuição e tradição.

Sem rejeitar nenhuma dessas coisas mais antigas, Sócrates exigiu algo novo: definições claras e argumentos lógicos. Descartes, por sua vez, restringiu ainda mais o conceito de “razão”; a partir dele, a “sabedoria” dava lugar à “ciência”, a lógica filosófica à lógica científica e o método dialético de Sócrates (o método do “diálogo”), dava lugar ao método científico. Nenhum outro filósofo ofereceu um método que modificasse tão completamente o pensamento filosófico. E nenhum outro método, de nenhum outro filósofo, foi tão universalmente imitado pelos filósofos posteriores, quanto os deles dois.

Em sétimo lugar, ambos acreditavam ter sido encarregados de filosofar por uma força divina, que agia por intermédio de um sinal sobrenatural. No caso de Sócrates, foi o oráculo de Delfos que, tendo anunciado ao seu amigo Querofonte não haver ninguém mais sábio do que Sócrates, induziu o filósofo a questionar as pessoas com o propósito de encontrar alguém que fosse mais sábio do que ele mesmo, induzindo-o assim a desenvolver o método socrático de filosofar por meio do exame racional.

Sócrates também dizia possuir um “sinal espiritual” ou “voz divina” pessoal, a qual, ainda que não o comandasse a fazer algo específico, freqüentemente o impedia de realizar alguma ação prejudicial. Como a maioria dos cidadãos atenienses de seu tempo, Sócrates aspirou à carreira política, mas a “voz divina” o proibiu. Assim, em conjunto, tanto o oráculo de Delfos como a “voz divina” o conduziram à filosofia. Em sua *Apologia*, defende não apenas a si mesmo, mas a sua encrenqueira vocação de filósofo, e toda vez que menciona a filosofia nesse discurso, menciona também “o deus” como origem de sua vocação filosófica.

Também Descartes tornou-se filósofo, ao que parece, devido a uma intervenção divina. Com vinte e três anos de idade ele já era considerado um gênio científico, e só adiou a publicação de seus trabalhos por causa da condenação de Galileu. Na noite de 10 de novembro de 1619, Descartes teve um sonho que mudou sua vida, um sonho no qual, segundo acreditava, fora visitado pelo divino Espírito da Verdade, que o instruía a filosofar.

Não é preciso acrescentar que a maioria dos filósofos e a maioria das filosofias não começam assim. Sócrates e Descartes são, nesses sete aspectos, espantosamente diferentes dos outros filósofos, ao mesmo tempo que são espantosamente parecidos um com o outro. No entanto, também são muito *diferentes* um do outro, tão diferentes como as visões de mundo antiga (clássica) e moderna (científica), que ajudaram a fundar.

Por isso, um diálogo entre Sócrates e Descartes é também um diálogo entre os dois estágios fundamentais das histórias da filosofia: da ciência e da civilização

com conteúdos fundamentais das histórias da filosofia, da ciência e da civilização ocidental.

1

O Encontro

DESCARTES: Eu devo estar sonhando. Estava morrendo, e agora me sinto bem vivo. Era um homem velho e doente, e agora me sinto jovem e saudável. Pensava estar deitado em uma cama fria, no úmido e sombrio inverno da Suécia, e agora estou aqui, cavalcando este magnífico cavalo branco, ao longo desta estrada ensolarada, nesta bela região que lembra o sul da França.

E vem alguém adiante, acenando para eu parar. Será um anjo? Ah, não. Um anjo não se parece com *aquilo*. Parece mais um porco – ou um sapo – parece até Sócrates – por Zeus, que de fato é Sócrates!

SÓCRATES: Na terceira acertaste, Renè. Como dizíamos lá na Grécia, “à terceira é de vez”.

DESCARTES: És tu... um anjo?

SÓCRATES: É bastante improvável!

DESCARTES: E isto aqui... é o paraíso?

SÓCRATES: Ainda não, mas é o caminho.

DESCARTES: Tu me foste enviado por... Autoridades Superiores?

SÓCRATES: Eu fui.

DESCARTES: Então *estou* morto. Ou melhor, meu corpo está.

SÓCRATES: Teu antigo corpo, de qualquer forma.

DESCARTES: Então o que está cavalcando este cavalo? Tenho o direito de saber!

SÓCRATES: As Autoridades Superiores não me permitem responder a tais questões por enquanto.

DESCARTES: E o que as tuas Autoridades Superiores querem que eu faça, então?

SÓCRATES: Que desças do cavalo.

DESCARTES: Ah. Tudo bem. Eis-me aqui. Pronto. E agora? Vais me conduzir ao céu?

SÓCRATES: Antes preciso mandar o teu cavalo para o céu. Vai, estás dispensado!

DESCARTES: E não é que sabe o caminho? Olha lá ele voando! Mas por que *eu* tenho de esperar? Por que o meu cavalo vai para o céu antes de mim?

SÓCRATES: Porque aqui não cometemos erros; e todo mundo sabe que é um erro pôr a carroça na frente dos bois – ou Descartes antes do cavalo.

DESCARTES: Pode até ser verdade que aqui não cometeis erros, mas os trocadilhos que cometeis são decerto terríveis. E por que estamos falando português, e não francês ou grego?

SÓCRATES: Porque portuguesa é a língua do autor do livro em que estamos.

DESCARTES: Ah. Só espero que ele não seja viciado em trocadilhos. Sabias que o trocadilho é a forma mais baixa de humor? É um tipo de doença literária. É essa a idéia de piada que ele tem?

SÓCRATES: Não, é a que Ele tem.

DESCARTES: Quem?

SÓCRATES: O Autor do autor do livro em que estamos: o Criador.

DESCARTES: Ah. Talvez o meu senso de humor também precise descer do cavalo. Parece que o Criador transcendente rebaixa-se a profundezas humorísticas verdadeiramente abissais.

SÓCRATES: Ah, mas Ele já se rebaixou a profundezas muito maiores que essas...

DESCARTES: Então Ele é um comediante?

SÓCRATES: Mas é claro!

DESCARTES: Perdoe-me se pareço surpreso, e mesmo um tanto cético, mas aquele trocadilho não traz consigo a marca de um grande comediante. Não tem a graça e o estilo de um...

SÓCRATES: De um aristocrata francês? Não. É alguma surpresa descobrires que Deus não é um aristocrata francês?

DESCARTES: Bem, não. Mas o *Criador*...

SÓCRATES: Já paraste para observar atentamente as Suas criações? Já ficaste face a face com um avestruz? Já viste suricates brincando? Ou aristocratas franceses, que seja?

DESCARTES: *Touché*, Sócrates. Tu és *mesmo* o verdadeiro Sócrates.

SÓCRATES: Tanto quanto *tu* és o verdadeiro Descartes.

DESCARTES: Estás brincando comigo?

SÓCRATES: Não, eu te estou testando. Duvidas da tua própria existência?

DESCARTES: Não.

SÓCRATES: Então não duvides da minha.

DESCARTES: Para falar a verdade, *já* duvidei de minha própria existência, assim como da existência de tudo o mais. A dúvida universal era o primeiro passo do método que ensinei.

SÓCRATES: Então não segues o que ensinaste.

DESCARTES: Não, não, eu não ensinei ceticismo. Ceticismo significa duvidar de tudo o tempo inteiro. O meu método é uma *resposta* ao ceticismo. Uma vez ultrapassada a dúvida universal, podemos nos arrogar conhecimento certo a respeito de quaisquer idéias que, durante a experiência, se tenham mostrado incontestáveis – em primeiro lugar, a idéia de nossa própria existência.

SÓCRATES: Penso ver aí uma analogia. A dúvida universal é como uma espécie de morte; a idéia da própria existência é como a alma; a indubitabilidade da própria existência é como a imortalidade da alma; e o conhecimento certo obtido dessa forma é como a Visão Beatífica do Paraíso; por fim, passar pelo teu método filosófico é como uma ressurreição. Não é assim?

DESCARTES: Isso me parece um pouco... um pouco demais! Nunca cheguei a pensar nas coisas dessa maneira.

SÓCRATES: Então como *de fato* as concebeste?

DESCARTES: Simplesmente como um modo de superar o ceticismo debilitante, estabelecendo assim um fundamento para todas as ciências. *Como expliquei* no meu *Discurso do Método*...

SÓCRATES: Este livro aqui, tu queres dizer?

DESCARTES: Tu o tens aí?

SÓCRATES: Vê com teus próprios olhos.

DESCARTES: Então há livros no paraíso?

SÓCRATES: Quem disse que isto aqui é o paraíso? Pensei que não fizesses suposições; não é este o primeiro passo do teu método?

DESCARTES: Nunca recomendei que o meu método fosse utilizado no dia-a-dia; na verdade... quem sabe eu tenha uma charada para ti, Sócrates. Qual a diferença entre Descartes e a Virgem Santíssima?

SÓCRATES: Qual...?

DESCARTES: É que muitos testemunharam a Sua Assunção, poucos a minha suposição.

SÓCRATES: Se o trocadilho é a “doença literária”, parece que é uma doença contagiosa.

DESCARTES: Então isto aqui não é o paraíso?

SÓCRATES: Ainda não. Não para ti, pelo menos.

DESCARTES: Não para mim; ao contrário do meu cavalo?

SÓCRATES: Ao contrário de mim. Isto aqui é o paraíso para mim, mas para ti é o purgatório. Terás, portanto, de suportar o exame racional do teu livro.

DESCARTES: Ah, mas este é um purgatório muito, mas muito mais agradável do que esperava. Podes examinar à vontade, Sócrates. Lá na Terra, em minha busca pela verdade, travei inúmeros diálogos agradabilíssimos e mantive correspondência com muitos sábios; mas isto que vamos fazer agora é muito, mas muito melhor do que tudo o que já fiz.

SÓCRATES: E se estás em busca da verdade, irás para um lugar muito, mas muito melhor do que qualquer outro em que estiveste.

2

O Argumento Central

SÓCRATES: Antes de começarmos o exame e avaliação do teu livro, precisamos entender as razões que tiveste para escrevê-lo. Que problema ele buscou solucionar? Deve ter sido um problema muito grande, visto o grande sucesso que obteve ao longo dos muitos séculos que se seguiram à tua morte. Foi um dos livros que mais profundamente transformaram a maneira de pensar dos homens.

DESCARTES: Então daqui podes ver o futuro?

SÓCRATES: Não há futuro aqui, senão o eterno presente.

DESCARTES: Tens então o conhecimento de todas as coisas?

SÓCRATES: É claro que não.

DESCARTES: Quanto sabes?

SÓCRATES: Tanto quanto necessário.

DESCARTES: Mas não tanto quanto gostarias?

SÓCRATES: Não é assim. Eis a diferença entre este mundo e o antigo: aqui não há descontinuidades, seja o intervalo entre o presente e o futuro, seja o hiato entre desejos e necessidades.

DESCARTES: Então é esse o segredo de tua felicidade, tal como ensinou Marco Aurélio. Dize-me uma coisa, ele está por aqui?

SÓCRATES: Mais tarde, haverá tempo de sobra para tais indagações.

DESCARTES: Mas tenho boa memória, e lembro-me de teres dito que aqui não há mais descontinuidades, não há mais intervalo entre desejos e necessidades. E eu *desejo* saber onde está Marco Aurélio.

SÓCRATES: Tu *não* tens boa memória. Pois te esqueces de que isto aqui só é o paraíso para mim; para ti é o purgatório.

DESCARTES: Ah. Que devo fazer, então...?

SÓCRATES: Por enquanto, tua tarefa é ajudar-me a explorar as questões que estão no teu livro, e não satisfazer a tua curiosidade acerca deste mundo.

DESCARTES: Por que justamente *tu* é que me foste enviado?

SÓCRATES: Porque o teu livro revolucionou a filosofia, empreendimento este que eu tive a boa sorte de começar, ou melhor, de ter sido o instrumento divino para que outros o pudessem começar. Começa então dizendo, por favor, qual foi o problema que observaste no mundo e como o procuraste resolver com teu livro.

DESCARTES: Eu o farei de boa mente. E acredito poder resumi-lo mediante duas imagens: a primeira, o declínio da filosofia; a segunda, a ascensão de todas as outras ciências.

Ao contemplar o panorama filosófico diante de mim, enxerguei apenas três alternativas, nenhuma delas com futuro promissor. Primeiro, havia os filósofos escolásticos do final da Idade Média, debatendo obsessivamente diferenças puramente verbais, palavreando mecanicamente suas fórmulas antiquadas, multiplicando indefinidamente um sem-número de distinções sutilíssimas e tratando abstrações como se fossem a única realidade. Segundo, havia os místicos naturais: ocultistas, alquimistas e astrólogos. No meu entender, tanto estes quanto os escolásticos eram figuras cômicas. As mentes filosóficas sérias estavam se tornando céticas, como Montaigne. E esta era a terceira opção: o ceticismo. Eu queria oferecer uma alternativa radical a todas as três, uma que, partindo da refutação do ceticismo, prosseguisse em direção a uma filosofia realmente científica.

SÓCRATES: Que queres dizer com “científica”?

DESCARTES: Este é de fato um conceito-chave. Enquanto a filosofia definhava nos remansos da estagnação, todas as outras ciências progrediam admiravelmente. Para falar a verdade, houve mais progresso científico em um único século do que em todos os séculos anteriores juntos. Então fiz a mim mesmo a pergunta óbvia: por quê? Por que este progresso tremendo não se repetiu na filosofia? E a minha resposta foi, em uma palavra: “método”. O método científico foi a maior descoberta da história das ciências, sendo a chave-mestra que lhes abriu todas as portas. Exceto as da filosofia. Foi por isso que decidi escrever o *Discurso do Método*; como um experimento a fim de verificar a hipótese de que o método científico era capaz de revitalizar também a filosofia.

SÓCRATES: Teu experimento me parece muitíssimo razoável. Sem dúvida compreendes a premissa por trás dele?

DESCARTES: Eu nada presumi. Era um *experimento*; não pressupus nenhum resultado de antemão.

SÓCRATES: Mas tu presumiste que a filosofia é uma ciência, ao supores que nela poderíamos empregar o método científico, não é isso?

DESCARTES: Sim, é claro, é uma ciência no sentido amplo: um corpo organizado de conhecimentos que explica as coisas pelas suas causas e prova verdades por meio de demonstrações racionais. Eu sei que ela não é como as outras ciências, uma vez que, não possuindo nenhum campo de atuação em particular, toma todos os campos como seus, sem limitar-se aos dados sensíveis. Neste aspecto é como a matemática, mas diferentemente dela, a filosofia não lida com medições quantitativas. A minha esperança, no entanto, era encontrar a essência mesma do método científico, comum às ciências empíricas, às ciências matemáticas – e às ciências filosóficas. Se eu conseguisse encontrá-la, defini-la e resumir suas regras básicas, ter-se-ia então o que faltava: um único método essencial que pudesse ser aplicado à filosofia tão eficazmente quanto o fora às outras ciências.

É por isso que a palavra mais importante no título do meu livro, *Discourse de la methode*, é justamente a palavra “la” (“o”). Este era o método que havia transformado *todas* as ciências e que, conforme esperava, haveria de transformar também a filosofia.

SÓCRATES: Posso compreender muito bem tua esperança. Mas não podes ter deixado de perceber o quão radical e revolucionária era essa idéia. A educação que recebeste te proporcionou extensa cultura filosófica, e certamente aprendeste que Aristóteles, o mais influente filósofo do mundo (e o mais provido de bom senso) ensinava que cada ciência exigia um método diferente, uma vez que o método é proporcional ao objeto que se estuda, e que cada ciência trata de seu próprio objeto.

DESCARTES: Tens razão. Mas tendo em vista que Aristóteles se revelara equivocado em tantos outros pontos no que diz respeito às ciências, julguei possível que ele se tivesse enganado a respeito do método também. Ou que, pelo menos, tivesse deixado algo escapar. É evidente que os métodos das ciências precisam variar de acordo com o objeto estudado, mas, entre todos esses métodos, apenas um pouco diferentes uns dos outros, não haverá algo em comum que nos permita chamar a todos de métodos “científicos”? Se eu fosse capaz de isolar essa essência comum e formular seus princípios básicos, teria feito com o método científico aquilo que Aristóteles fez com os princípios da lógica: abstrair do específico o universal, e do geral o particular.

SÓCRATES: Mas na verdade não é justamente isso o que faz *tudo* pensamento racional?

DESCARTES: Sim, mas o meu objetivo não era apenas teórico – encontrar os princípios gerais do método que fora utilizado com tamanho sucesso nas ciências – mas também prático: tendo encontrado e formulado esses princípios gerais, eu os queria aplicar à filosofia como ninguém antes aplicara, permitindo a ela que fizesse o que nunca fizera, e que todas as outras ciências já estavam fazendo, isto é, decidir as questões em definitivo, resolver as disputas controversas de uma vez por todas, chegar a respostas inequívocas que satisfizessem a todas as dúvidas razoáveis, acabando, dessa forma, com as tristes divisões entre as diferentes escolas de pensamento.

Veja bem, no meu tempo os filósofos ainda estavam divididos pelas mesmíssimas questões que os dividiram no passado, fosse na Grécia, na época em que viveste, fosse mais tarde, em Roma, ou ainda durante a Cristandade medieval. Mas os cientistas já não estavam de tal forma divididos. Eles aprenderam a resolver as disputas incessantes que tiveram no passado porque descobriram esta maravilhosa ferramenta para acabar com todas as discordâncias: o método científico. Assim, minha esperança era que, aplicando essa mesma ferramenta à filosofia, nela obtivesse os mesmos resultados. E isso seria de uma importância muito maior, visto que a filosofia é a mais importante das ciências e trata da mais importante das questões. Mas a fim de utilizar a ferramenta, era preciso que, primeiro, eu a isolasse e definisse. Eis o propósito do meu livro.

SÓCRATES: Tu o tornaste admiravelmente claro. Poderias agora explicar a divisão do livro em seis partes, em seis narrativas?

DESCARTES: Sim. Eis como as resumi no prefácio: “Na primeira parte se encontrarão diversas considerações relativas às ciências.” Aqui eu descrevo como vim a descobrir o método. Dou ao leitor uma pequena autobiografia.

“Na segunda [parte], [estão] as principais regras do método que o autor buscou.” A busca que empreendi é descrita na Primeira Parte, o tesouro que encontrei, na Segunda.

“Na terceira, [estão] algumas das regras da moral que [o autor] tirou desse método.” Esta é a minha primeira aplicação do método: à moralidade, de forma bastante preliminar e provisória.

“Na quarta, [estão] as razões pelas quais o autor prova a existência de Deus e da alma humana, que são os fundamentos de sua metafísica”. Esta é a minha segunda aplicação do método: à filosofia e à teologia filosófica. Mais tarde expandi este breve capítulo em um livro inteiro, as *Meditações*.

“Na quinta [estão as] questões de física que [o autor] buscou.” Esta é a

na quinta ... [estas as] questões de física que [o autor] discute.... Esta é a minha terceira aplicação do método: às ciências físicas, especialmente à medicina; novamente, de modo bastante introdutório.

“Na última, algumas coisas que o autor julga necessárias para ir mais adiante na pesquisa da natureza.” Neste capítulo está o meu prognóstico, previsão ou profecia a respeito do tanto que se há de realizar no futuro por esta maravilhosa ferramenta.

SÓCRATES: Quão perfeitamente claro e ordenado me parece! Começemos, portanto, a explorar este livro extraordinário.

DESCARTES: Por onde queres começar?

SÓCRATES: Ora, pelo começo, é claro.

3

O Princípio

SÓCRATES: Nós, os gregos de outrora, tínhamos um ditado: “Começar bem é ter feito a metade.” Significa que o momento crucial de qualquer empreendimento é o seu começo. O velho Arquimedes dizia, “Dai-me uma alavanca suficientemente grande e um ponto em que apoiá-la, e eu levantarei o mundo.” Precisamos então, em primeiro lugar, examinar cuidadosamente o teu “ponto arquimédico”, aquele em que se apóia todo o restante do que irás dizer.

DESCARTES: Tal ponto de fato existe, Sócrates. Em certo sentido, ele é todo o “sentido” da minha filosofia: uma nova fundação, uma certeza sólida em que apoiar todo o pensamento subsequente. Tal é o meu *cogito ergo sum*, “Penso, logo existo.” Esta é a primeira afirmação do meu sistema filosófico. No entanto, é só na Quarta Parte do *Discurso do Método* que faço um resumo deste sistema.

SÓCRATES: Então há outro ponto de partida, ponto arquimédico ou princípio anterior a esse.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E, se o teu livro reflete o teu pensamento, o início do teu pensamento encontrar-se-á no início do teu livro, não é assim?

DESCARTES: É isso mesmo.

SÓCRATES: Precisamos então examinar muito cuidadosamente o seu primeiro parágrafo.

DESCARTES: Sim. Pois ele fala da razão, que é a ferramenta com que realizamos todo o nosso raciocínio, seja em filosofia, seja nas outras ciências. Acredito que, antes de construirmos nossos edifícios, devemos examinar as ferramentas de que dispomos. Isso é verdade tanto para o trabalho mental quanto o é para o trabalho braçal.

Mas como posso conseguir outra cópia do meu livro, para que eu o possa ler também? Onde conseguiste essa que tens aí? Oh! – uma cópia apareceu em minhas mãos tão logo a concebi em pensamento e a desejei! É assim que as coisas acontecem por aqui?

coisas acontecem por aqui.

SÓCRATES: Não, não todas, somente aquelas que precisam acontecer assim.

DESCARTES: Eu queria saber...

SÓCRATES: Sim, querias. Confissão aceita; eis aqui a penitência: deves concentrar-te no assunto em questão, isto é, no teu antigo livro, e não no teu novo mundo.

DESCARTES: Não há tempo bastante para isso?

SÓCRATES: Há tempo bastante para tudo aqui. No entanto, aqui ele é medido em momentos presentes, os quais, por sua vez, são medidos, não pelo movimento de corpos materiais, como o sol e a lua, mas por tarefas delegadas. O momento em que estamos é o “agora” de que foste incumbido. E este “agora” é hora de investigar o teu livro, não de satisfazer tua curiosidade.

DESCARTES: Eu aceito a penitência. Investiguemos, portanto, a minha primeira sentença.

SÓCRATES: Aqui está: “O bom senso é a coisa do mundo mais bem partilhada.” Eis aqui o teu ponto arquimédico: o bom senso é igual para todos. É isso mesmo?

DESCARTES: Sim. E este é de fato um novo “ponto de partida” para a filosofia, como a Democracia é para a Política, visto que iguala o que antes se pensava ser hierárquico e desigual, isto é, algo de que uns poucos têm muito, e muitos têm pouco. Este é, portanto, um novo começo, uma nova raiz ou *radix*, e, por esse motivo, verdadeiramente “radical”.

SÓCRATES: E essa coisa que, segundo teu novo ponto de partida, é igual para todos, tu a denominas “bom senso”?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E o que queres dizer com “bom senso”?

DESCARTES: Ofereço algumas expressões equivalentes. Uma delas seria simplesmente “senso comum”, pois afirmo que o “bom senso” é comum a todos os homens. Outro sinônimo aparece duas frases depois: “o poder de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso”. E, ainda na mesma frase, eu ofereço mais um sinônimo: “razão”.

SÓCRATES: Admiravelmente claro! Logo, a tua primeira declaração, que é a raiz ou *radix* ou “ponto arquimédico” ou princípio de tua novíssima filosofia é que *a razão é igual em todos os homens*.

DESCARTES: Sim. Eu democratizei a razão.

SÓCRATES: Nenhum começo deveria passar sem questionamento, não concordas?

DESCARTES: Concordo.

SÓCRATES: Ainda mais um começo tão radical quanto este.

DESCARTES: De fato.

SÓCRATES: Devemos, portanto, examinar as razões que tens para creres na veracidade deste novo começo.

DESCARTES: Tu as encontrarás no restante do primeiro parágrafo.

SÓCRATES: Então devemos examinar esse parágrafo com o maior cuidado, pois ele é o fulcro sobre o qual repousa a própria alavanca da filosofia moderna. Com ele seremos capazes de “alavancar” todo o resto. É o princípio do princípio do princípio. Contigo, a quem chamaram “pai da filosofia moderna”, a filosofia começa de novo. E tu começa com este livro, o qual, por sua vez, começa com este parágrafo.

Dize-me então como justificas este novo começo?

DESCARTES: Eu o apresentei em três passos claros e distintos. (1) primeiro, fiz minha declaração fundamental de que a razão é igual para todos os homens. (2) Em seguida, dei a razão para crermos nisso. (3) Por último, extraí a sua consequência ou corolário. Estas são as três coisas que afirmo no primeiro parágrafo.

SÓCRATES: Tu o poderias ler, por favor?

DESCARTES:

(DM 1, par.1)

(1) O bom senso é a coisa do mundo mais bem partilhada, (2) pois cada um pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm. Não é verossímil que todos se enganem nesse ponto: antes, isso mostra que a capacidade de bem julgar, e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se chama o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens; (3) e, assim, que a diversidade de nossas opiniões não se deve a uns serem mais racionais que os outros, mas apenas a que conduzimos nossos pensamentos por vias diversas e não consideramos as mesmas coisas. Pois não basta ter o espírito bom, o principal é aplicá-lo bem. As maiores almas são capazes dos maiores vícios, assim como das maiores virtudes; e os que andam muito lentamente podem avançar muito mais se seguirem sempre o caminho reto, ao contrário dos que correm e dele se afastam.

(Le bon sens est la chose du monde la mieux partagée; car chacun pense en être si bien pourvu, que ceux même qui sont les plus difficiles à contenter en toute autre chose n'ont point coutume d'en désirer plus qu'ils en ont. En quoi il n'est pas vraisemblable que tous se trompent: mais plutôt cela témoigne que la puissance de bien juger et distinguer le vrai d'avec le faux, qui est proprement ce qu'on nomme le bon sens ou la raison, est naturellement égale en tous les hommes; et ainsi que la diversité de nos opinions ne vient pas de ce que les uns sont plus raisonnables que les autres, mais seulement de ce que nous conduisons nos pensées par diverses voies, et ne considérons pas les mêmes choses. Car ce n'est pas assez d'avoir l'esprit bon, mais le principal est de l'appliquer bien. Les plus grandes âmes sont capables des plus grands vices aussi bien que des plus grandes vertus; et ceux qui

ne marchent que fort lentement peuvent avancer beaucoup davantage, s'ils suivent toujours le droit chemin, que ne font ceux qui courent et qui s'en éloignent.)

SÓCRATES: Dessas três afirmações, (1) aquela que fazes acerca da razão, (2) as premissas a partir das quais tu a deduziste, (3) o corolário que dela se extrai, qual das três, no teu entendimento, é a mais importante?

DESCARTES: O corolário, sem dúvida. Pois se a diversidade de opiniões nasce, não de diferenças inatas na razão, mas tão somente do uso de diferentes métodos, então o uso “do” método permitiria à humanidade, pela primeira vez na história, superar aquelas entranhadas diferenças de crença e opinião que, em todas as épocas e lugares, foram causa de guerras, sobretudo de guerras religiosas. Ninguém antes pensou que isso fosse possível. Mas agora a doença é curável porque a sua causa foi diagnosticada corretamente.

SÓCRATES: Compreendo. O teu método poderia trazer enormes conseqüências para o mundo.

DESCARTES: Realmente. É claro que não ousei dizê-lo com todas as letras no livro. No meu tempo, os poderes constituídos temiam qualquer mudança radical, ainda que fosse para melhor.

SÓCRATES: Tu afirmas que as diferenças de opinião *não* surgem de diferenças inatas na razão, diferenças estas que não se poderiam jamais mudar ou superar, mas surgem tão somente de diferenças de método, o qual se *pode* mudar. É isso mesmo? É isso tudo o que precisamos fazer: usar o mesmo método?

DESCARTES: Eu menciono *dois* aspectos do método científico: o fato de “conduzirmos nossos pensamentos por vias diversas (*voies*)”, com isto quero dizer, essencialmente, *métodos* diversos; e o fato de “não considerarmos (*considerons*) as mesmas coisas”, isto é, não consideramos os mesmos *dados*. Mas podemos compartilhar os dados de que dispomos uns com os outros, como fazem os bons cientistas; e podemos todos concordar em usar o mesmo método, isto é, o método, o método científico, como também fazem os bons cientistas. E, uma vez tendo feito essas duas coisas, teremos superado as duas fontes do desentendimento, sendo todos por fim conduzidos à mesma verdade. Não é possível compartilhar ou trocar as nossas diferenças inatas; assim, se a razão for, desde o nascimento, diferente em cada indivíduo, não haverá esperança de entendimento. Mas se, e somente se, a razão for igual para todos, poderemos ter a esperança de finalmente alcançar na filosofia aquela espécie de concordância universal que se alcançou nas outras ciências.

SÓCRATES: Estou impressionado com a simplicidade, clareza e obviedade da tua idéia, bem como com a sua abrangência e poder, com a capacidade que tem de, por assim dizer, “sacudir o mundo”.

DESCARTES: Muito obrigado, Sócrates. Fico profundamente grato por teres aprovado minha idéia; eu, que sempre me considereei teu discípulo e admirador, agora te vejo retribuir minha admiração! Sabia que poderia contar contigo como aliado na guerra contra a irracionalidade.

SÓCRATES: Não tão depressa, Renè. Eu disse que estava impressionado pela simplicidade da tua idéia e pelo seu poder. Mas nada afirmei até agora acerca de sua veracidade.

DESCARTES: Julgas que é falsa?

SÓCRATES: Não, como poderia saber antes de examiná-la?

DESCARTES: Ah. É claro. Bem, vamos examiná-la, então. Estamos aqui para investigar o livro inteiro, não estamos?

SÓCRATES: Sim, mas um argumento de cada vez. E primeiro as coisas primeiras. Examinemos, portanto, o teu primeiro argumento, o teu “ponto arquimédico”, aquele que diz ser a razão igual para todos: será isso verdade, ou não?

Tu ofereces dois argumentos a favor de sua veracidade. Eis o primeiro:

(DM 1, par. 1)

O bom senso é a coisa do mundo mais bem partilhada: pois cada um pensa estar tão bem provido dele, que mesmo os mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm. [E] não é verossímil que todos se enganem nesse ponto: antes, isso mostra que [...] a razão, é naturalmente igual em todos os homens.

Posso colocar o argumento em forma silogística?

DESCARTES: Pois não. Afinal, tu és o inventor do silogismo!

SÓCRATES: A conclusão é que a razão é igual em todos os homens.

A premissa explícita é que todos *crêem* possuí-la suficientemente.

Percebes qual a premissa implícita que deves pressupor a fim de provares a conclusão?

DESCARTES: Certamente – que aquilo em que todos os homens, por natureza, *crêem* é verdade.

SÓCRATES: Pois bem, e *essa* suposição, por sua vez, por que seria verdade?

DESCARTES: Porque se deve confiar na razão humana. É justamente *porque* os homens a possuem todos na mesma medida que podemos confiar no seu testemunho quando todos concordam a respeito de alguma coisa. Tu percebes, por certo, a consistência da minha argumentação.

SÓCRATES: Ah, mas eu diria “circularidade” em vez de “consistência”. Tu declaras que todos os homens são igualmente sábios, ou racionais, porque crêem sê-lo; e declaras também que a sua *crença* – de que são sábios – é verdadeira porque são todos igualmente sábios. Parece, desde o princípio, um argumento circular: um argumento circular para o teu princípio, para o teu “ponto arquimédico”. Não parece um começo muito auspicioso para uma nova filosofia cuja ambição é ser mais crítica e mais científica do que todas as anteriores!

DESCARTES: Ó, Sócrates, eu não sou tão desconhecedor assim da lógica! Tu interpretas mal o meu objetivo nessa frase, na primeira razão que dou para o meu “ponto arquimédico”: não é para ser uma *prova*, um argumento demonstrativo. Eu a proponho tão somente como *pista*. Não é um raciocínio do tipo que Aristóteles e os lógicos escolásticos denominavam uma “demonstração perfeita”, o qual, partindo das causas, vai até os efeitos; mas ao contrário, partindo do efeito, prossegue em direção às causas, como da impressão digital se vai ao dedo. Ele aponta, indica, direciona a atenção para aquilo que lhe causa. Se a minha declaração inicial é verdadeira – se é verdade que a razão é igual para todos – então há certas conseqüências, a começar pelo fato de os homens estarem todos satisfeitos com o tanto que lhes coube de razão, da mesma forma que estão todos satisfeitos com o tanto que lhes coube de olhos e de ouvidos.

SÓCRATES: Agora compreendo a tua lógica. Mas não a tua psicologia.

DESCARTES: Que queres dizer?

SÓCRATES: Tu dizes que os homens estão todos satisfeitos com o tanto de razão que lhes coube. Acho notável que tenhas tomado a satisfação consigo próprio como sinal de *sabedoria*. Tu, que te consideras meu discípulo! Eu a tomei como um sinal de tolice. Foi assim que interpretei o enigma do oráculo de Delfos, que dizia não haver no mundo ninguém mais sábio do que eu. Foi por causa da minha *insatisfação* com minha própria sabedoria – sabedoria esta que eu julgava ser zero – que fui considerado mais sábio do que aqueles que, possuindo tanta sabedoria quanto eu, estavam, no entanto, satisfeitos com ela. E agora supões que eles é que têm razão e são sábios, ao invés de dizeres que são tolos e estão equivocados.

DESCARTES: Quando afirmei isso?

SÓCRATES: Quando disseste: “não é verossímil que todos se enganem nesse ponto.”

DESCARTES: Ah.

SÓCRATES: E eis aqui o que parece ser outra ironia. Não, pior que uma ironia, um paradoxo. Não, pior que um paradoxo, uma contradição.

DESCARTES: Eu pensei ter tomado o cuidado de sempre seguir a boa lógica e evitar contradições. O que é?

SÓCRATES: Tu foste, provavelmente, o homem mais inteligente do mundo no teu tempo, não foste?

DESCARTES: Visto que aqui a falsa modéstia não prevalece sobre a sinceridade, devo reconhecer que sim.

SÓCRATES: E não foste tu o primeiro a criar esta nova filosofia?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E esta filosofia, não é ela baseada nas premissas que expuseste no início do primeiro parágrafo?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E não diz uma dessas premissas que nenhum homem é mais ou menos inteligente do que outro?

DESCARTES: Ah.

SÓCRATES: Tua brilhante e original filosofia, uma filosofia que ninguém fora capaz de criar antes de ti, repousa sobre a premissa de que nenhum homem pode ser mais genial do que o outro.

DESCARTES: Talvez seja preciso genialidade para descobrir que a genialidade é comum a todos os homens. Eu democratizei a razão, e isso foi radicalmente novo.

SÓCRATES: E o que dizer então dos homens do passado? Ao democratizar a razão, por que ignoraste a democracia dos mortos?

DESCARTES: A democracia dos mortos?

SÓCRATES: A tradição. Se pretendias estender a franquia a todos os homens, porque excluístes os mortos, que são a grande maioria deles?

DESCARTES: Eu fui sem dúvida um progressista, e não um conservador, mas isso não é contradição, mesmo que seja um erro. Por que julgas haver contradição?

SÓCRATES: Porque comesas redefinindo a razão como igual para todos os homens, mas a tua própria redefinição igualitária da razão é um ato de elitismo! Pois a maioria dos homens discorda dela.

DESCARTES: Tua argumentação é muito inteligente, Sócrates. Mas a minha resposta é muito simples.

SÓCRATES: Estou esperando.

DESCARTES: Eu não me contradigo nesse ponto porque eu *não* me declaro elitista, nem mais sábio do que qualquer um. Na verdade, digo o seguinte:

(DM 1, par.2)

Quanto a mim, nunca presumi que meu espírito fosse em nada mais perfeito que os do comum; inclusive desejei seguidamente ter o pensamento tão rápido, ou a imaginação tão nítida e distinta, ou a memória tão ampla, ou tão presente, como de alguns outros.

SÓCRATES: Ah, mas aí estás tu de novo a te contradizer! Pois agora dizes que tua mente é *inferior* a dos outros, ou seja, que a deles é superior a tua; logo, que estavas errado ao afirmar que todas são iguais.

DESCARTES: Isso não passa de um sofisma inteligente, Sócrates.

SÓCRATES: Prova-me que não passa de um sofisma. Responde à minha acusação de que te contradizes.

DESCARTES: Não há contradição alguma. Tu não foste capaz de mostrar uma única contradição lógica entre duas frases quaisquer do meu livro.

SÓCRATES: A contradição não é entre duas coisas que disseste, mas entre o que dizes e o ato mesmo de dizê-lo. Se, como afirmas, não és superior aos outros, por que ages como se o fosses, ignorando-os, sobretudo aos antigos, cuja sabedoria foi testada e peneirada pelo tempo? Por que inventares um começo inteiramente novo para a filosofia, um tipo radicalmente novo de filosofia?

DESCARTES: Ainda que me contradiga, o próprio livro não se contradiz, se te limitares a julgar o livro em vez do seu autor.

SÓCRATES: Mesmo assim, ainda não temos razão suficiente para acreditar na tua primeira frase, no teu ponto arquimédico. Ainda falta um chão em que assentar o fulcro de tua imensa alavanca.

4

A Filosofia é uma Ciência?

DESCARTES: Sócrates, devo ser sincero: estou profundamente desapontado contigo. Tens um monte de refutações inteligentes; soas, no entanto, mais como sofista do que cientista.

SÓCRATES: Não sou nem sofista nem cientista: sou filósofo.

DESCARTES: Mas a filosofia é uma ciência; logo, se és filósofo, és também cientista.

SÓCRATES: Pois bem, isso depende daquilo que entendemos por “ciência”. Dize-me, por favor, o que tu entendes. Começemos com alguns exemplos. A lógica, para ti, é uma ciência?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E o amor é uma ciência?

DESCARTES: Não.

SÓCRATES: E o amor à sabedoria é um amor?

DESCARTES: Sim, por definição.

SÓCRATES: E a filosofia é amor à sabedoria?

DESCARTES: Sim, literalmente.

SÓCRATES: Então a ciência da lógica acaba de provar que a filosofia não é uma ciência.

DESCARTES: Reconheço que o amor não é uma ciência. O amor é um *je ne sais qua*, um “não sei quê”. Mas a sabedoria, certamente, é uma ciência, pois é o conhecimento ordenado dos princípios primeiros; ou tu negas que ela o seja?

SÓCRATES: Não. Nunca neguei que a *sabedoria* fosse uma ciência. Neguei que a *filosofia* fosse uma ciência, visto que a filosofia não é sabedoria, mas o amor à sabedoria. E o amor à sabedoria pertence ao gênero “amor”, e não ao gênero “sabedoria”. E o amor, por sua vez, não é uma ciência, como tu mesmo reconheceste.

DESCARTES: Ah, mas o amor à sabedoria pertence ao gênero “sabedoria” tanto quanto ao gênero “amor”, sendo, portanto, uma ciência, visto que a sabedoria é uma ciência. Não é sabedoria amar a sabedoria?

SÓCRATES: De fato é. A sabedoria nos instrui a amá-la. Mas o servo que é instruído não é a mesma coisa que a senhora que o instrui. O amor à sabedoria pertence ao gênero “sabedoria” tanto quanto o conhecimento de cavalos pertence ao gênero “cavalo”, ou o ato de escalar uma montanha pertence ao gênero “montanha”. Conhecer algo sobre cavalos é um conhecimento, não um cavalo; e o amor pelos cavalos é um amor, não um cavalo. Da mesma forma, o amor à sabedoria é um amor, não uma sabedoria.

DESCARTES: Sócrates, suspeito que o que estás fazendo comigo não seja nada socrático...

SÓCRATES: Tu queres dizer isto de dar respostas curtas e diretas ao invés de fazer perguntas longas e indiretas?

DESCARTES: Sim. Por que mudaste o teu método?

SÓCRATES: Estava apenas “medindo o vento à ovelha tosquiada”.

DESCARTES: Suspeito que fui gentilmente insultado.

SÓCRATES: Gostarias que eu retornasse ao meu estilo puro?

DESCARTES: Não, a não ser quanto a isto: tu também tens sido pouco socrático por estares usando termos como “sabedoria”, “ciência” e “razão” sem insistires em defini-los.

SÓCRATES: Pelo cão, é verdade! *Mea culpa, mea culpa, mea maxima culpa!* Que mau demônio me enganou? Absolutamente indesculpável! Bem, parece que o meu segredo foi revelado: eu estava brincando quando disse que isto aqui era o purgatório para ti, mas o paraíso para mim. Pois se fosse mesmo o paraíso, eu jamais teria cometido tamanha tolice. Não, isto aqui é purgação e purificação para nós dois, e ambos haveremos de errar, expondo a todos nossa estupidez.

DESCARTES: Se não podes vir a concordar que a sabedoria é igual para todos, quem sabe assim admitas, pelo menos, que a estupidez o seja!

SÓCRATES: Ai de nós! Nem mesmo ela pode ser igual, visto que é o oposto da sabedoria, de forma que, quanto maior a tolice de um indivíduo, tanto menor será a sua sabedoria, e quanto maior a sabedoria, tanto menor a tolice. Assim que, se uma é desigual, a outra também o será.

DESCARTES: Não concordas que em todos os homens há certa mistura de sabedoria e estupidez?

SÓCRATES: Sim, mas não na mesma proporção.

DESCARTES: Penso que não há nenhuma discordância real entre nós dois quanto a esse ponto, Sócrates, pois o que quero dizer com este “bom senso” que é igual para todos os homens não é a mesma coisa que quiseste dizer com a “sabedoria”, que é desigual. É por isso que o adverti de que já está mais do que na hora de definirmos nossos termos.

SÓCRATES: Temo que já passou, e *muito*, da hora. Pois bem, dizem que tolo é aquele que aprende com a experiência, então que pelo menos este tolo aqui aprenda algo com ela. Definir os nossos termos é o que vamos fazer!

DESCARTES: Pensaste que o que eu quero dizer com “bom senso” é o mesmo que queres dizer com “sabedoria”?

SÓCRATES: Sim, pois pensei que já o tivesses definido como “a capacidade de bem julgar, e distinguir o verdadeiro do falso”, definição esta que eu pensara ter compreendido e com a qual concordara. Suponho que foi essa a razão por que não insisti, como tenho por costume, em uma longa discussão preliminar acerca da definição do nosso termo-chave. Mas agora vejo que presumi erroneamente. Retrocedamos então – às vezes é esta a única estrada para o progresso – e perguntemo-nos o que cada um quis dizer com “a capacidade de bem julgar, e distinguir o verdadeiro do falso”.

Quiseste dizer “a capacidade de bem julgar e distinguir o verdadeiro do falso” a respeito *do que quer que seja*? A respeito, por exemplo, de como curar a lepra, de qual a cor dos olhos de Homero, de quantos planetas existem, do porquê de os homens bons sofrerem, de quantos “seis” existem num milhar, de a guerra ser boa em alguns casos ou não, de existirem muitos deuses, apenas um, ou nenhum? Afirmas que os homens possuem todos a mesma habilidade para julgar cada uma dessas coisas?

DESCARTES: É claro que não. Pois somente aqueles que viram Homero são capazes de dizer qual a cor de seus olhos. Quanto às outras questões, no entanto, creio que todos os homens possuem a mesma *capacidade inata* de descobrir a verdade a seu respeito, contanto que lhes sejam fornecidas as ferramentas apropriadas e que disponham de tempo. Que me dizes quanto a isso?

SÓCRATES: Digo que todos os homens, de fato, possuem a mesma capacidade de encontrar a verdade; mas somente a respeito de algumas dessas questões, não a respeito de todas. Distinguíste de todas as outras a questão acerca da cor dos olhos de Homero – acertadamente, creio eu – pois somente a experiência sensível pode nos mostrar a verdade aí, e somente os poucos homens que

conheceram Homero tiveram essa experiência, de forma que, nesse caso, a maioria não se encontra em pé de igualdade com a minoria. Contudo, no que diz respeito às outras questões, o papel que a experiência sensível desempenha em respondê-las não é o mesmo, certo? Às vezes esse papel é inexistente, como na questão acerca dos números. Em outras ocasiões, a experiência sensível é um elemento necessário, mas que precisa ser complementado pelo uso do cálculo matemático, como na questão acerca do número de planetas. Às vezes, a experiência sensível precisa ser complementada por experimentos, como na questão acerca da cura da lepra. Outras vezes, ainda que se mostre necessária, a experiência sensível precisa ser complementada por uma experiência que está além do sensível, bem como pelo discernimento moral, como se vê nas questões acerca do porquê de os homens bons sofrerem, e de a guerra ser boa ou não. Por fim, a experiência sensível precisa, em alguns casos, ser complementada pela desenvoltura no lidar com conceitos metafísicos abstratos, bem como pela facilidade em realizar raciocínios lógicos bastante complexos, como se vê na questão a respeito de existirem muitos deuses, um, ou nenhum. Concordas?

DESCARTES: Acho que sei o que estás tramando. Ao me interrogares sobre *método*, questionas minha declaração de que estou dando à humanidade “o” método para encontrar todas as verdades, ao contrário de Aristóteles, que julgava necessário existirem muitos métodos diferentes para conhecer os muitos tipos diferentes de verdade. Muito bem, um método só pode ser testado na prática. Se o que afirmo sobre “o” método for verdade, então ele funcionará; se não for verdade, não funcionará. Assim, só é possível verificar a minha primeira afirmação – aquela que está no próprio título do meu livro, isto é, a afirmação sobre “o” método – verificando a maneira como utilizei este mesmo método no restante do livro. Façamos o teste agora mesmo, se não te importares.

SÓCRATES: Se é esta a tua única suposição, quer dizer, que o teu novo método funcionará para todas as coisas, e se tal suposição sobre o método só pode ser testada por meio das várias aplicações deste mesmo método, então vamos ao teste. Mas, e se houver uma segunda suposição? E se esta suposição disser respeito à teoria, e não à prática; à verdade, ao invés de à utilidade? Nesse caso, parece-me, será preciso questioná-la, não concordas? O primeiro princípio do teu método não é justamente questionar todos os pressupostos?

DESCARTES: Sim. Que outra suposição é essa, que tu dizes que faço?

SÓCRATES: Ora, é a que trata daquilo mesmo que estivemos investigando durante todo esse tempo! A respeito de a razão ser igual para todos os homens ou não. Foi por isso que enumerei todas aquelas maneiras diferentes de se conhecer a

verdade – a respeito da matemática, da guerra, da lepra – pois elas parecem refutar esse teu pressuposto.

DESCARTES: Percebo a estratégia da tua argumentação. Mas não vejo como esses exemplos podem refutar o pressuposto de que a razão é a mesma para todos os homens. Pois o equipamento mental necessário para descobrir a verdade a respeito de qualquer um desses assuntos está presente em todos: experiência sensível, habilidade matemática, discernimento moral, experiência das relações humanas, poder de abstração – essas coisas são comuns a todos os homens. As diferenças inatas são apenas diferenças de velocidade. É isso que queremos dizer, ou que deveríamos querer dizer, quando falamos em graus maiores ou menores de inteligência. Alguns homens levarão mais tempo para desenvolver essas capacidades inatas, enquanto outros progredirão mais depressa; alguns empregarão maior força de vontade na tarefa, enquanto outros serão mais preguiçosos; uns, portanto, alcançarão a verdade mais depressa do que outros. Alguns poderão até mesmo necessitar de cirurgia para corrigir danos físicos ao cérebro. Mas todos podem alcançar a verdade, pois todos possuem os poderes naturais necessários para tanto, e todos os possuem porque esses poderes naturais fazem parte da natureza e da essência humanas; e a natureza humana está presente em todos os seres humanos, e não apenas em alguns. Essa é uma lei da lógica: a essência está presente em todos os membros da espécie, enquanto os acidentes o estão em alguns membros somente. Para falar em termos políticos, a essência é igualitária ao invés de elitista; somente os acidentes são elitistas. E a razão é a essência humana, ou parte dela. Por isso, a razão é igualitária. E esta é a minha *prova* daquilo que denominas como minha segunda pressuposição:

(DM 1, par. 2)

Pois quanto à razão, ou ao senso, na medida em que é a única coisa que nos faz homens e nos distingue dos animais, quero crer que ela está por inteiro em cada um; e nisso sigo a opinião comum dos filósofos que dizem que há mais e menos apenas entre os *acidentes*, e não entre as *formas*, ou *naturezas*, dos *indivíduos* de uma mesma *espécie*.

Logo, assim como os triângulos, sendo todos igualmente triangulares, são todos compostos de três lados, da mesma forma os homens, sendo todos igualmente humanos, são todos racionais.

SÓCRATES: A lógica da tua argumentação é impecável.

DESCARTES: Podemos prosseguir ao restante do livro, então?

SÓCRATES: Não antes de aplicarmos mais um testezinho ainda à tua hipótese, se me permitires.

DESCARTES: Que outro teste ainda requeres, se a argumentação é perfeita?

SÓCRATES: O teste da experiência. Será que ela corresponde à tua conclusão? Será que encontraremos na vida real aquilo que o teu raciocínio prediz?

DESCARTES: Tu podes ver que sim. Pois é evidente que os princípios do raciocínio são conhecidos por todos. Não há uma “lógica grega” e outra “francesa”, nem uma “lógica masculina” e outra “feminina”. Há simplesmente lógica. Se todo A é B, e todo B é C; logo, todo A é necessariamente C, seja na Grécia ou na França, seja homem ou mulher, sejam A, B e C animais, conceitos, deuses ou substâncias químicas.

SÓCRATES: Sim, mas o raciocínio lógico é apenas uma parte daquilo que nós antigos entendíamos por “razão”.

DESCARTES: Sem dúvida precisamos definir os nossos termos.

SÓCRATES: É justamente isso o que estamos fazendo. Estudaste a filosofia de Aristóteles, não estudaste?

DESCARTES: Sim. E eu o superei e corriji alguns de seus erros...

SÓCRATES: E a lógica de Aristóteles? Tu a estudaste?

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: Alegas ter corrigido algum erro seu no que se refere à Lógica? Tu por acaso inventaste uma nova Lógica?

DESCARTES: Não. Não há outra Lógica, assim como não há outra Geometria além da de Euclides.

SÓCRATES: Ótimo. Mas na verdade *há* outra geometria, uma geometria que nega o axioma de Euclides a respeito das linhas paralelas. Ela foi inventada por um russo, chamado Lobashevsky, uns trezentos anos após a tua morte, e funciona muito bem. Contudo, é impossível haver uma Lógica que negue os axiomas de não-contradição e identidade...

DESCARTES: Por favor, conte-me mais a respeito desse tal Lobashevsky!

SÓCRATES: Amanhã, talvez. Uma coisa de cada vez, por favor, um dia de cada vez, e um livro de cada vez. Pois bem, te recordas que, na lógica, Aristóteles distingue entre os *três* “atos da mente” que compõem a razão, elevando a mente humana acima da dos animais?

DESCARTES: Claro. Isso é elementar.

SÓCRATES: Lembras de quais são os “três atos da mente”?

DESCARTES: É claro. São eles: compreender o significado de um conceito, julgar a verdade de uma proposição que une dois conceitos (um deles sujeito e o outro, predicado), raciocinar quanto à verdade de uma conclusão partindo da aceitação

de certas premissas. O primeiro e o terceiro atos da mente são meios de se chegar à verdade, que se encontra tão somente no segundo ato da mente, isto é, no juízo. Tanto definir termos quanto raciocinar são meios de se chegar à verdade, ao passo que somente as *proposições* é que podem ser verdadeiras ou falsas. Os termos ou são claros ou não são, enquanto os argumentos ou são válidos, ou são falaciosos.

SÓCRATES: Exato. Mas, quando *tu* falas da “razão”, é somente ao terceiro ato da mente, ou talvez ao segundo e ao terceiro combinados, mas não ao primeiro, que te referes. Talvez a compreensão não seja a mesma em todos os homens, ainda que a capacidade de julgar e raciocinar o sejam.

DESCARTES: Na verdade, a terminologia dos “três atos da mente” vem dos filósofos escolásticos medievais, não de Aristóteles.

SÓCRATES: Mas a distinção entre os três atos foi feita por Aristóteles, não foi? – ainda que a formulação seja diferente.

DESCARTES: Sim, mas a formulação é importante, visto como a própria terminologia pode, às vezes, servir de impedimento ao progresso. Considera, por exemplo, a terminologia de Aristóteles referente às “quatro causas”. As distinções que ele faz são válidas, mas elas atrasaram o progresso das ciências por séculos, ao insistir que a “causa final”, ou o propósito de alguma coisa, era a “causa das causas” e a sua explicação suprema. A ciência saiu à caça de causas finais e encontrou somente o incerto, o questionável, o subjetivo. Somente a partir do momento em que ela pôs de lado essas categorias e modificou a sua terminologia, é que começou a progredir. Não tomo Aristóteles como autoridade, seja em ciência, seja em filosofia. Pois a filosofia pode desencaminhar a ciência. E, de mais a mais, no que diz respeito à filosofia, eu sempre preferi Platão a Aristóteles, como pensei que fizesses também.

SÓCRATES: Então vamos usar as categorias de Platão. Tu te recordas da “linha dividida” no final do livro VI da República?

DESCARTES: Certamente. Por que a mencionas?

SÓCRATES: Porque, para Platão, ela era o mapa dos níveis de conhecimento e educação, que ele depois retratou dramaticamente na parábola da fuga da caverna da ignorância para a luz da certeza, no começo do Livro VII.

DESCARTES: A imagem mais notável da história da filosofia! E com a qual me identifico pessoalmente, por ter realizado eu mesmo a fuga da caverna através do meu método.

SÓCRATES: E tu te lembras de como Platão, em seguida, detalha esses quatro estágios da educação no restante do Livro VII, estabelecendo o currículo de sua Academia, currículo este que permaneceu por dois mil anos, e que foi o mapa da tua própria educação?

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: Podes me dizer, em linguagem clara e direta, como compreendes esses quatro estágios?

DESCARTES: Começamos sem duvidar de nada, aceitando todas as aparências como verdadeiras, todas as imagens, figuras e opiniões sobre as coisas, sem questionar essas imagens querendo saber imagens de que coisas elas são. Tu vês, o primeiro passo do meu método, a dúvida, é precisamente o primeiro passo da educação tal como Platão a entendia: a exigência de ascender um degrau acima na escada, de questionar as sombras no muro da caverna, de questionar toda a autoridade, toda a tradição e as opiniões estabelecidas, que é exatamente o que tu mesmo fizeste, Sócrates, em cada um dos teus diálogos.

SÓCRATES: É verdade, e é por isso que continuo a fazê-lo até hoje, e desta vez contigo.

DESCARTES: Oh. Quer dizer que questionas a importância de questionar? Pões em dúvida o valor da dúvida, que é a primeira regra do meu método?

SÓCRATES: Não, isso seria ir rápido demais. Nós ainda não estamos investigando as quatro regras do teu método, pois ainda não avançamos o suficiente na leitura do teu livro. Por enquanto só estamos investigando aquilo que entendes por “razão”. O primeiro nível da “linha dividida” de Platão representa o primeiro nível da razão, e também o mais baixo. Confiar em imagens, sejam elas físicas ou mentais, confiar em figuras e confiar na opinião convencional, isto é, confiar na autoridade da tradição – não é assim que todos começamos a aprender quando crianças? Podemos, mais tarde, questionar a tradição e as opiniões, mas como poderíamos fazê-lo, sem que primeiro as tivéssemos absorvido? Eu mesmo, sempre iniciei meus diálogos perguntando aos outros pelas suas opiniões, e somente depois disso começava a questioná-las. Como poderia alguém avançar ao segundo estágio da linha sem ter começado pelo primeiro?

DESCARTES: Tu queres dizer que mesmo a crença ingênua nas imagens, mesmo as sombras no muro da caverna, fazem parte da “razão”?

SÓCRATES: É isso mesmo.

DESCARTES: Mas aí não há distinção entre os homens e os animais, pois estes também crêem nas aparências, vivendo em função delas. Não compreendo como

podes chamar isso de “razão”.

SÓCRATES: É muito simples: quando nós antigos definimos o homem como o “animal racional”, incluímos no termo “razão” todas aquelas faculdades que encontrávamos na experiência e que distinguiam os homens dos animais, mesmo coisas tão pouco “rigorosas” quanto a consciência moral, ou capacidade de distinguir entre o bem e o mal; a sensibilidade estética, ou percepção intuitiva da beleza e da feiúra; também a capacidade de ler as faces e os corações humanos de forma intuitiva; e mesmo a consciência do sagrado, de algo a que se deve adoração, de alguma espécie de deus ou deuses. Todas essas coisas não passam de “aparências imediatas”, ainda que não sejam aparências *sensíveis*. Na verdade, são aparências imediatas para a nossa *razão*.

DESCARTES: Compreendo o que queres dizer. Mas, e o segundo nível da linha, a experiência sensível dos entes físicos reais no mundo, como difere da experiência dos animais?

SÓCRATES: Por distinguir-se do primeiro nível, isto é, por separar a realidade das aparências. Questionamos as aparências e as testamos. No nível sensorial, testamos as figuras e as imagens através da experiência sensível direta das coisas que as produziram, ou seja, tendo visto as sombras, nós nos perguntamos pelas coisas reais que as causaram. É assim que começamos a nossa educação. Os habitantes da caverna olham em volta de si, procurando encontrar os objetos que projetam as sombras. Só fazem isso porque, espantados, interrogam a si mesmos. Eles se tornam filósofos (A filosofia começa com o espanto). Passam a buscar a verdade tão somente porque desejam vê-la. Os animais não fazem isso. Os animais não se tornam filósofos. A curiosidade deles é apenas uma curiosidade prática.

DESCARTES: Compreendo. Dessa forma temos uma interpretação dinâmica da “linha dividida” de Platão, ao invés de uma interpretação estática: não são tanto os níveis em si mesmos, mas é o movimento ascendente de um para outro o que constitui a razão.

SÓCRATES: Exatamente. Logo, a “razão” abrange os quatro níveis. O estudante sobe do primeiro nível, isto é, desde as imagens das coisas, até o segundo nível, o das coisas em si mesmas, e daí para o terceiro, isto é, das coisas em si mesmas para as leis e princípios que as explicam. E estes princípios são os princípios da matemática e da lógica, especialmente os princípios que governam o tipo de raciocínio que vai das premissas até a conclusão, das hipóteses às conseqüências,

do “se” ao “então”. E isto, creio, é o que *tu* queres dizer quando falas da “razão” que é a mesma em todos os homens: ela é o terceiro nível da linha de Platão.

DESCARTES: Sim. É por isso que eu disse que não existe uma lógica grega e outra francesa, existe apenas a Lógica.

SÓCRATES: E nisso estás absolutamente certo. Portanto, o moderno método científico, que ajudaste a formular, é, em essência, a combinação destes dois níveis da linha de Platão: a experiência sensível do segundo nível e a medição matemática, juntamente com o raciocínio lógico, do terceiro.

DESCARTES: Eu diria, antes, que são dois *movimentos*, duas exigências: primeiro, a exigência de um movimento que vá do primeiro ao segundo nível, ou seja, a necessidade de verificarmos aquelas aparências, impressões e opiniões do primeiro nível por meio da experiência sensível do segundo nível e, em segundo lugar, a exigência de um movimento que vá do segundo ao terceiro nível, ou seja, a necessidade de julgarmos a experiência sensível dos entes físicos no segundo nível por meio dos princípios e das leis da lógica e da matemática do terceiro nível. Francis Bacon enfatizou o primeiro desses dois movimentos, ou seja, a parte empírica do método científico. Eu enfatizei o segundo, ou seja, o elemento matemático.

Creio que o velho Pitágoras tinha razão ao dizer que a matemática é a linguagem da natureza, de modo que a medição matemática, os princípios matemáticos e o raciocínio matemático constituem a chave da certeza em todas as ciências físicas.

SÓCRATES: Creio que é isso o que Platão quis dizer com o símbolo do fogo dentro da caverna. O fogo é a luz da caverna, a luz que ilumina o mundo físico. Mas ela é tão somente a luz do mundo físico, e não a luz do mundo superior, do mundo que está fora da caverna. Assim, não vejo como o teu método matemático possa ser um método *universal*. Podemos fazer medições quantitativas das coisas físicas, mas não das coisas espirituais. Não é possível medir Deus ou a alma com uma fita métrica.

DESCARTES: Mas ainda podemos usar o *método do raciocínio matemático*, obtendo, assim, certeza, e superando as divergências de opinião que têm assolado a filosofia desde os seus primórdios.

SÓCRATES: Crês que será possível utilizá-lo depois que tivermos atingido o quarto nível da “linha”? Crês ser possível usar o raciocínio lógico-matemático para conhecer e julgar as essências das coisas?

DESCARTES: Sem dúvida. Tu mesmo o fizeste – ou foi talvez Platão? – quando raciocinaste com tanto acerto a respeito da justiça, na *República*.

SÓCRATES: No Livro I, sim. Mas lembra-te do que acontece no final: fiquei insatisfeito com a investigação precisamente por não ter alcançado o quarto nível: a compreensão da Forma essencial da Justiça.

DESCARTES: Talvez tenha sido esse o motivo de Platão não ter descoberto o método científico: ele tentou fazer coisas demais, quis incluir coisas demais na “razão”. Como disseste, Sócrates, a “razão”, tanto no teu entendimento, como no de Platão, bem como no entendimento da maioria dos filósofos antigos, abrangia todos os quatro níveis da “linha”. Ao excluir os níveis superior e inferior da linha de Platão, e ao combinar os dois restantes, nós, modernos, criamos o método científico.

É como agrupar soldados que estivessem dispersos pelo campo de batalha, dispondo-os em uma falange densa e compacta, de modo que, em sua “estreiteza”, obtenham maior sucesso do que em sua “amplitude”. Ou então como um refletor que, concentrando a luz de palco em um único ator, concentrasse nele, dessa forma, toda a atenção da platéia (por exemplo, enquanto Hamlet recita o solilóquio “Ser ou não ser, eis a questão”) em vez de iluminar o palco inteiro ao mesmo tempo com intensidade reduzida. Esse método de “estreitar” a razão obteve sucesso notável em todas as ciências.

SÓCRATES: Sim, realmente. Mas obterá o mesmo sucesso quando aplicado à filosofia? Ser ou não ser científico em filosofia, *eis* é a questão.

DESCARTES: Eu respondo: ser. Por isso é que escrevi meu livro. Acho que o teu querido mestre Platão estava errado ao julgar que cada um dos níveis da sua “linha” exigia um tipo de pensamento e um método diferentes.

SÓCRATES: Platão chegou a essa conclusão depois de muita experiência. A tua conclusão, contrária a dele, parece ser uma hipótese a priori.

DESCARTES: Ela não é nem uma coisa, nem outra. É uma hipótese a ser testada. E o meu livro é o teste.

SÓCRATES: Então se faz necessário testar o teste.

DESCARTES: Já estava na hora! Por que costumas falar durante tanto tempo sobre alguma coisa antes de fazê-la?

SÓCRATES: Talvez por eu ser como Hamlet. Ou, talvez, por eu ser demasiado paciente – impaciente com a impaciência, por assim dizer. Ou, quem sabe, por não nos faltar tempo, aqui. Ou, o que é mais provável, porque desejo que nos tornemos muito mais claros e cuidadosos no pensar do que somos comumente.

DESCARTES: Em outras palavras, por concordares com a exigência fundamental do meu método. Acho que somos muito parecidos um com o outro, Sócrates. Que achas?

SÓCRATES: Acho que não há razão para irmos tão depressa. Quem sabe. Ao fim, veremos.

O Plano Secreto de Descartes

SÓCRATES: A primeira parte do teu livro é uma pequena autobiografia intelectual, ao mesmo tempo fascinante e esclarecedora, na qual os leitores são convidados a tomar parte na história de tuas duas descobertas: da necessidade de um novo método, e do método que supriu essa necessidade. Tenho apenas uma ou duas perguntinhas sobre esta parte.

DESCARTES: Isto não me surpreende.

SÓCRATES: Tu dizes o seguinte:

(DM 1, par. 3)

Mas não receio dizer que penso ter tido muita sorte. *[A tua descoberta deve ter sido mesmo obra do acaso, e não fruto dos teus poderes intelectuais, já que, segundo tu mesmo disseste, os homens são todos idênticos quanto ao poder intelectual da razão.]* Desde a juventude encontrei-me em certos caminhos, que me conduziram a considerações e máximas com as quais formei um método que penso ser um meio de aumentar gradualmente meu conhecimento, e de elevá-lo aos poucos ao mais alto ponto que a mediocridade de meu espírito e a curta duração de minha vida permitam atingir.

[Mais adiante no livro fazes menção a estes dois obstáculos à obtenção do conhecimento: a mediocridade da mente humana e a curta duração de nossas vidas, quando escreves, “o espírito depende tanto do temperamento e da disposição dos órgãos do corpo que, se é possível encontrar um meio que torne comumente os homens mais sábios e mais hábeis do que foram até aqui, creio que é na medicina que se deve buscá-lo.” Mas falaremos sobre isso mais tarde.]

(DM 1, par. 3)

Pois dele já recolhi tantos frutos que, muito embora nos julgamentos que faço de mim mesmo eu tenda sempre para o lado da desconfiança e não o da presunção, [...] não deixo de sentir uma extrema satisfação com o progresso que penso já ter feito na busca da verdade.

Acho que tenho algumas perguntas, poucas apenas, sobre essa tua “extrema satisfação”, algo que desejei a minha vida inteira, mas que nunca cheguei nem perto de alcançar. Portanto, se puderes me ensinar o caminho para essa “extrema satisfação” a que tanto almejei, ser-te-ei eternamente obrigado.

DESCARTES: Percebo a ironia, Sócrates. Julgas-me pouco sábio, até mesmo arrogante, por esperar tanto do meu método, ao contrário da tua “sabedoria”, que é o reconhecimento de não a possuir. Mas logo no parágrafo seguinte eu afirmo: “todavia, pode ocorrer que eu me engane.”

SÓCRATES: Fico feliz em ouvir que não crês na impossibilidade de estares errado. Certamente deves te sentir, e com razão, “extremamente satisfeito” com tamanha humildade!

DESCARTES: Lamento que não creias em minha humildade.

SÓCRATES: Ah, eu creio na *crença* que tens em tua própria humildade.

DESCARTES: Mas no próximo parágrafo eu mostro o quão humildes são de fato as minhas pretensões:

(DM 1, par. 5)

Assim meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir sua razão, mas apenas mostrar de que maneira procurei conduzir a minha.

SÓCRATES: Falaste realmente a sério isso aí?

DESCARTES: Acho que sim (parece que não consigo mentir neste lugar!). Foi por isto que dei o título de *Meditações* ao meu livro mais extenso. Por ser uma série de meditações ou experimentos mentais a serem feitos somente por indivíduos em particular, cada um a seu tempo, na privacidade de seus próprios pensamentos.

SÓCRATES: Mas como esses experimentos podem ser científicos, se são tão pessoais?

DESCARTES: Porque a ciência também é um empreendimento individual, ainda que, é claro, os cientistas compartilhem os resultados de seus experimentos, convidando outros indivíduos a reproduzi-los. Foi exatamente isso o que fiz, no laboratório de minha própria mente.

SÓCRATES: Mas a ciência busca verdades objetivas, universais e impessoais.

DESCARTES: De fato; e a filosofia também. O ato de buscar, no entanto, é subjetivo, individual e pessoal.

SÓCRATES: É verdade. Então quando escreves: “assim meu propósito não é ensinar aqui o método que cada um deve seguir para bem conduzir sua razão”, tu queres dizer isso mesmo?

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: Porém, quando acrescentas, “mas apenas mostrar de que maneira conduzi a minha”, não é isso o que queres dizer.

DESCARTES: Por que o dizes?

SÓCRATES: Respondo a essa pergunta fazendo-te outra: tu escreveste para leitor nenhum, para alguns, ou para todos?

DESCARTES: Para alguns: para todos aqueles que desejam filosofar.

SÓCRATES: E esses leitores, são todos convidados a repetir o teu experimento mental?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E o que julgas haver de novo nesse teu experimento mental? Os leitores, que proveito tiram dos teus pensamentos, que não poderiam conseguir de outros, em especial dos filósofos do passado?

DESCARTES: Certeza, e concordância universal: o fim das diferenças de opinião.

SÓCRATES: Esses fins, tu os considera desejáveis?

DESCARTES: Certamente.

SÓCRATES: E todos nós os desejamos?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E porque os teus leitores hão de obter esses fins universalmente desejados através da tua filosofia, e não através das outras?

DESCARTES: Nós já vimos a resposta a essa questão, Sócrates. Em uma palavra, a resposta é “o método”. Não possuo mente superior a dos outros, também não ofereço um conjunto radicalmente novo de conclusões filosóficas: provo a existência do Eu, da alma, de Deus, do corpo e do mundo, que todos nós já sabíamos existir. A diferença é que encontrei um método melhor.

SÓCRATES: E o que o torna melhor? No que difere dos métodos anteriores?

DESCARTES: Ele é verdadeiramente científico.

SÓCRATES: E qual a diferença entre ciência verdadeira e autobiografia verdadeira?

DESCARTES: A autobiografia revela verdades específicas a respeito de um indivíduo em particular, ao passo que a ciência descobre leis universais, que são objetivas e impessoais ainda que a *busca* por essas leis seja pessoal.

SÓCRATES: Então quando dizes que escreves apenas para mostrar como conduziste os teus próprios pensamentos, e não para dizer aos outros como devem conduzir os seus, pretendes apenas a uma verdade autobiográfica, e não a uma verdade científica.

DESCARTES: É claro. No entanto, alguns quererão trilhar os mesmos caminhos que eu, e realizar os mesmos experimentos mentais, obtendo, assim espero, os mesmos resultados. Mas a decisão de seguir os princípios científicos e de buscar a verdade objetiva deve ser uma escolha subjetiva, pessoal. Não vejo contradição alguma nisso, ou mesmo qualquer problema. Tu vês?

SÓCRATES: Creio que sim. Estou tentando “ler nas entrelinhas”, como se diz, para melhor compreender as tuas intenções neste livro. E penso ver, sim, uma contradição, quando leio somente o que escreveste, sem levar em conta o que não escreveste.

DESCARTES: Onde?

SÓCRATES: Na Segunda Parte, onde dizes novamente, desta vez com mais detalhes, aquilo que já havias dito logo no início do livro, naquela frase que estivemos examinando esse tempo todo. Para falar a verdade, o arranjo que deste às palavras na Segunda Parte parece ter sido francamente elaborado de modo a contradizer a primeira sentença do teu livro. Está no terceiro parágrafo, onde escreves:

(DM 2, par. 3)

Por isso eu não poderia de modo algum aprovar esses temperamentos perturbadores e inquietos que, não sendo chamados, nem por seu nascimento nem por sua fortuna, ao manejo dos assuntos públicos, não deixam de introduzir-lhes sempre, em idéia, alguma nova reforma. [*eis aqui a palavra que era o estopim das guerras de religião no teu tempo*] E, se eu pensasse haver neste escrito a menor coisa pela qual pudessem suspeitar-me tal loucura, ficaria muito aborrecido de aceitar que ele fosse publicado. Meu propósito nunca foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos e construir num terreno que é todo meu. Se minha obra me agradou bastante e vos mostro aqui o modelo, nem por isso quero aconselhar que a imitem... e o mundo se compõe quase só de dois tipos de espíritos, aos quais [ela] não convém de modo algum. A saber, (1) aqueles que, acreditando-se mais hábeis do que são, não podem impedir-se de julgar precipitadamente... (2) Depois, aqueles que, tendo bastante razão, ou modéstia para julgar que são menos capazes de distinguir o verdadeiro do falso do que outros pelos quais podem ser instruídos, devem assim contentar-se em seguir as opiniões desses, em vez de buscar por si próprios outras melhores.

Ora, há algo bastante curioso aqui. Essas duas classes de pessoas que dizes *não* dever usar o teu método – são justamente as duas classes de pessoas que tu dizes que *não existem*, logo no primeiro parágrafo da Primeira Parte!

Primeiro, “aqueles que se acreditam mais hábeis do que são”. De acordo com o que escreveste no primeiro parágrafo, não existe ninguém que se encaixe nesta descrição, visto que: “cada um pensa estar tão bem provido dele [do bom senso] que mesmo os mais difíceis de contentar em qualquer outra coisa não costumam desejar tê-lo mais do que o têm.” E logo depois ainda dizes que “não é verossímil que todos se enganem nesse ponto.” Juntemos essas duas afirmações e surge a conclusão de que todos possuem o mesmo “bom senso” ou “capacidade de julgar e distinguir o verdadeiro do falso”, bem como estão todos cientes dessa situação e satisfeitos com ela. Logo, no que diz respeito à faculdade do bom senso ou razão, não há *ninguém* que se acredite mais hábil do que é na realidade.

E há mais uma classe composta de indivíduos inexistentes. que é o segundo

grupo de pessoas ao qual a leitura do teu livro não é recomendada: “aqueles que, tendo bastante razão (mas não a possuímos todos na mesma medida? Tu disseste que sim.) para julgar que são menos capazes de distinguir o verdadeiro do falso do que outros.” Todavia, no primeiro parágrafo da Primeira Parte disseste que: “a capacidade de bem julgar, e distinguir o verdadeiro do falso, que é propriamente o que se chama o bom senso ou a razão, é naturalmente igual em todos os homens.” Mas se é igual, então ninguém é menos capaz de raciocinar do que o outro.

O arranjo que deste às palavras na Primeira Parte é repetido com exatidão na Segunda, de modo que o leitor atento, ao ler este parágrafo, lembrar-se-á do anterior. “*La puissance de bien juger et distinguer le vrai d’avec le faux, qui est proprement ce qu’on nomme le bons sens ou la raison*” é aquilo que, na Primeira Parte, afirmas ser igual para todos. Mas na Segunda Parte dizes: “*Puis de ceux qui, ayant assez de raison ... pour juger qu’ils sone moins capable de distinguer le vrai d’avec le faux que quelques autres.*” Logo, algumas pessoas possuem menos razão do que outras.

Visto que és homem extremamente inteligente e racional, não é possível que tão evidente contradição tenha sido mero descuido. Deve ser uma pista deixada de propósito. Mas pista de quê?

DESCARTES: Sócrates, sem dúvida és inteligente o bastante para responder a essa pergunta. Em qual daquelas duas passagens eu acredito realmente, e qual delas foi escrita apenas para despistar os inquisidores, que temiam qualquer novidade que ultrapassasse a esfera privada ou que fosse oferecida ao público como uma nova “reforma”, ainda mais num tempo em que a Reforma causara a mais sangrenta guerra até então? Tu, mais do que todos, deverias compreendê-lo. Inseri esse parágrafo, Sócrates, para escapar ao teu destino.

SÓCRATES: É claro! Tu não terias escrito livro algum se não acreditasses que ele seria capaz de reformar os pensamentos. E não apenas os pensamentos privados, visto que o teu método é justamente o oposto de um método privado, destinado apenas a uns poucos indivíduos; o teu é o método científico, que é público e universal. Foi esta a solução que encontraste para o seguinte dilema: publicar teus pensamentos radicalmente novos e ser perseguido pelos tolos que tentam matar idéias matando pessoas, ou então negar à humanidade o método através do qual esses mesmos tolos poderiam ser dominados, e por meio do qual, quem sabe, até mesmo as guerras ideológicas cessariam de existir.

DESCARTES: Muito bem, Sócrates. Tua perspicácia revelou minha estratégia. Eu espalhei tantas pistas pelo meu livro quantas bastassem às raposas como tu, mas que os cães dos inquisidores não pudessem encontrar.

E para os bons entendedores aí vai outra pista: no começo da Segunda Parte, donde citaste o parágrafo que escrevi sobre “reforma”, descrevo a experiência de ter testemunhado devastadora guerra religiosa, causada por diferenças apaixonadas de opinião. E o meu novo método, eu o ofereço como terapia para quê? Como libertação de quê? Diferenças de opinião! E afirmo que estas são curáveis, pois são causadas não por diferenças inatas na razão, mas pelo uso de diferentes “abordagens” ou métodos. Subtraia a causa e terás subtraído o efeito. Remova as diferenças de método e acabarás com as diferenças de opinião. Acabe com as diferenças de opinião e terás acabado com as guerras religiosas.

Percebes agora a importância do meu livro, e porque eu não poderia tê-lo publicado antes que o incidente Galileu estivesse esquecido, ou pelo menos, que se tivesse amainado? E porque, na ocasião de publicar o livro, tive de incluir pistas falsas para os inquisidores e indicações ocultas para os sábios? Meu objetivo era ser um homem bom e honesto e trabalhar para o bem comum, mas nunca tive desejo ou vocação de me tornar um mártir.

6

A Finalidade do Conhecimento

SÓCRATES: Agora compreendo muito bem por que escondeste objetivos tão radicais e revolucionários dos poderes políticos de então, ao mesmo tempo que sugeria esses objetivos de maneira velada aos leitores inteligentes. (sei quão pouco inteligentes os censores podem ser!) Ainda assim, revelas um bocado dessas tuas novas e radicais exigências no relato autobiográfico que fazes da tua vida acadêmica, em especial a tua profunda insatisfação com toda a filosofia do passado, sobretudo com a filosofia escolástica medieval que os Jesuítas, os melhores professores da época, te ensinaram.

DESCARTES: Ah, sim. O clero implicava com tudo o que escrevia, tentando fazer condenar meus livros pela Igreja. Mas eu só estava tentando alicerçar aquelas crenças básicas, que todos tínhamos em comum, em terreno novo e mais firme, sobretudo as duas crenças religiosas fundamentais: a crença na existência de Deus e a crença na imaterialidade e imortalidade da alma.

SÓCRATES: Coisa semelhante aconteceu comigo. Minha filosofia também oferecia um método novo, mas não um conteúdo novo. Também eu busquei um fundamento mais firme e mais racional em que assentar as crenças tradicionais – e por causa disso fui temido e mal compreendido. Eu te acompanho, portanto, no espírito de tua jornada – por enquanto, pelo menos. Sigamos, pois, adiante neste teu caminho.

Escreveste o seguinte:

(DM 1, par. 6)

“Fui nutrido nas letras [*lettres*, livros] desde a minha infância, e, convencido de que por meio delas podia adquirir um conhecimento claro e seguro [*assure*, assegurado, garantido, certo] de tudo o que é útil [*utile*] à vida, eu tinha um desejo extremo de aprendê-las.”

Logo nessa primeira frase nós damos com três razões para tua insatisfação com a filosofia escolástica que teus professores te ensinaram – na verdade, para tua insatisfação com toda a filosofia anterior. Tu buscavas uma filosofia baseada na experiência pessoal, e não nos livros; uma filosofia que fosse certa em vez de provável e que não fosse apenas teórica, mas também prática, ou útil.

provável e que não fosse apenas teórica, mas também prática, ou útil.

DESCARTES: Compreendes-me perfeitamente bem, Sócrates. Compreendes também como essas três coisas relacionam-se entre si?

SÓCRATES: Creio que sim. Na tua opinião, só o conhecimento certo é realmente útil e só o conhecimento baseado na experiência, e não na confiança em autores de livros pode ser conhecimento certo.

DESCARTES: Nós somos mesmo espíritos irmãos.

SÓCRATES: Até certo ponto, pelo menos. A primeira das tuas três exigências é bastante semelhante a minha. Voltando à já mencionada “linha dividida” de Platão, o primeiro nível, que ele denominava “conhecimento das imagens”, parece-me que é como as “letras” (livros) que estudaste; se bem que Platão tivesse em mente, nesse nível mais baixo, apenas as imagens *físicas*, tais como desenhos, figuras ou o reflexo de um espelho, podemos incluir aí também as imagens *mentais* ou opiniões. Esse tipo de conhecimento é transmitido de uma pessoa para outra; ele depende de intermediários, bem como da tradição estabelecida e da confiança na autoridade daqueles que fundaram essa tradição. Assim como eu, quiseste ver com teus próprios olhos, conhecer por meio de tua própria experiência (fosse ela sensorial, fosse intelectual). Tu não te satisfizeste em confiar nos intermediários sem questioná-los, os quais, no teu caso, não se constituíam simplesmente de imagens, mas também de livros, professores e de toda a tradição acumulada. Essa insatisfação é o primeiro passo para a investigação racional crítica.

DESCARTES: E, assim como Platão, eu não esperava que todo mundo desse esse primeiro passo. Confiança naqueles que são os transmissores de uma tradição sempre foi o suficiente para a maioria dos homens. Eu não esperava fazer de todos os homens filósofos.

SÓCRATES: Mas eu sim. Eu fui mais igualitário que Platão. Eu convidava a filosofar todos aqueles que encontrava, até mesmo o jovem escravo de Menon, que não recebera educação alguma. Eu o trouxe até o nível seguinte da “linha dividida” por meio de certa dedução matemática, se te recordas.

DESCARTES: Que leitor do “Menon” poderia esquecer este maravilhoso exemplo de educação? Creio, portanto, que nós dois também concordamos quanto à necessidade deste passo, que vai do segundo ao terceiro nível, da experiência sensível até a certeza da matemática.

SÓCRATES: Sim, mas acho que discordamos no que diz respeito ao quarto nível, o mais alto, isto é, o nível da sabedoria filosófica, que consiste na intuição intelectual daquilo que Platão chamava as Formas ou essências. Era esse o meu

propósito último, e o mais alto tipo de certeza, uma certeza que, ao contrário da matemática, não depende de premissas.

DESCARTES: Mas os filósofos discordam sem cessar no que diz respeito à sabedoria e às essências. Logo, esse tipo de conhecimento *não* é mais certo do que aquele da matemática.

SÓCRATES: Penso então que discordamos sobre onde encontrar esse teu ideal de certeza. E penso também que discordamos quanto ao ideal de utilidade. Buscaste “um conhecimento certo de tudo quanto fosse útil à vida”, enquanto busquei a verdade como um fim em si mesma. Buscaste um conhecimento científico logicamente certo a respeito das coisas mutáveis deste mundo, a fim de que as pudesses usar, controlar e melhorar. Foste um seguidor de Bacon, e não de Aristóteles, não só no que diz respeito ao método para obter conhecimento, mas também quanto à finalidade do conhecimento. Creste na máxima de Bacon, “conhecimento é poder”. Buscaste “a conquista da natureza pelo homem”.

DESCARTES: Eu dificilmente poderia esperar que compartilhasses do meu entusiasmo pela conquista da natureza, Sócrates. Vós, antigos, não tínheis idéia do potencial da tecnologia.

SÓCRATES: Potencial para quê?

DESCARTES: Para o progresso humano.

SÓCRATES: Talvez não tivéssemos idéia mesmo, mas uma idéia que tenho muito clara é a da necessidade de se definirem os termos. O termo “progresso”, por exemplo. Que queres dizer com ele?

DESCARTES: Explico isto mais detalhadamente na Sexta Parte do meu livro. Com “progresso” quero dizer o entendimento da natureza (em especial daquela parte da natureza que nos é mais próxima, ou seja, os nossos próprios corpos) a fim de a conquistarmos, controlarmos, melhorarmos e usarmos “para o alívio da condição humana”.

SÓCRATES: O alívio de quê?

DESCARTES: Do sofrimento. Negas que seja um propósito honrado?

SÓCRATES: Não, mas...

DESCARTES: Eu sabia que haveria um grande “mas”.

SÓCRATES: Então, com *sofrimento* queres dizer *dor*?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E a dor é o contrário do prazer?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Julgas que o prazer seja o bem maior?

DESCARTES: Não.

SÓCRATES: Então como pode o alívio da dor ser o bem maior?

DESCARTES: Não estou dizendo que é o bem maior, mas somente que é parte de um bem maior, nomeadamente, a felicidade humana.

SÓCRATES: Acho que podes adivinhar qual será minha próxima pergunta.

DESCARTES: Que é a felicidade?

SÓCRATES: Sim. Não é ela a realização de todos os desejos humanos? Aceitas essa definição de felicidade?

DESCARTES: É o significado usual do termo.

SÓCRATES: Assim a conquista da natureza (que os homens denominarão “tecnologia”) faz aumentar a felicidade na medida em que dobra a natureza à vontade do homem, satisfazendo os seus desejos – é dessa forma que ela contribui para a felicidade?

DESCARTES: Parece ser essa a conexão.

SÓCRATES: E a felicidade é o bem maior?

DESCARTES: Sim. Pois todos buscam tudo quanto leve a ela, e ninguém a busca como meio para outro fim.

SÓCRATES: Nós, antigos, acreditávamos que a felicidade, ou o bem maior, consistia na conformação da alma humana à realidade objetiva – por exemplo, através do conhecimento da verdade como um fim em si mesma e da adequação de nossos desejos a esta mesma verdade por meio das virtudes da sabedoria prática, da justiça, da coragem e do controle de si mesmo. Mas dizes que o bem maior consiste em conformar a realidade objetiva aos desejos da alma. Em outras palavras, dizes que o poder é um bem maior do que o conhecimento.

DESCARTES: Não, não, eu não disse que o poder é o bem maior, mas que a felicidade é o bem maior.

SÓCRATES: Mas julgas que o poder está mais perto do bem maior do que o conhecimento está, pois afirmas que o conhecimento é um meio para obter poder e que o poder é um meio para chegar à felicidade.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Então nosso parentesco espiritual é muito menor do que imaginas.

7

A Busca da Certeza

SÓCRATES: Continuando tua narrativa, escreves:

(DM 1 par. 6)

Fui nutrido nas letras desde a minha infância, e, convencido de que por meio delas podia adquirir um conhecimento claro e seguro de tudo o que é útil à vida, eu tinha um desejo extremo de aprendê-las. Mas assim que concluí todo esse curso de estudos, ao cabo do qual é costume ser admitido na classe dos doutos, mudei inteiramente de opinião. Pois me vi embaraçado em tantas duvidas e erros [...]

Creio que devemos parar por aqui a fim de investigar estas duas palavras, “dúvidas” e “erros”, já que resumem tua crítica dos dois mil anos de filosofia que te antecederam, e também aquilo que esperas obter com tua nova filosofia.

DESCARTES: É justo. Ambas incitaram minha busca como esporas incitam um cavalo. Eu fui um cavaleiro do espírito, Sócrates – como tu.

SÓCRATES: Se eram as dúvidas que te deixavam insatisfeito, o que buscavas então era o seu contrário, não é isso?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E qual é o contrário da dúvida?

DESCARTES: A certeza, ou incontestabilidade. Era este o atributo que eu via faltar na filosofia tradicional. Muitas de suas idéias eram possivelmente verdadeiras, úteis e profundas. No entanto, não havia como eu *saber* se eram verdadeiras, mas tão somente *opinar*.

SÓCRATES: E este atributo que buscavas, a incontestabilidade, durante a tua formação, chegaste a encontrá-lo em algum lugar?

DESCARTES: Sim, eu o encontrei.

SÓCRATES: Onde?

DESCARTES: Em uma disciplina apenas: na matemática.

SÓCRATES: E chegaste a encontrar algum filósofo antes de ti que acreditasse na possibilidade de a *filosofia* alcançar a mesma certeza, ou grau de certeza, ou tipo de certeza da matemática?

DESCARTES: Nenhum.

SÓCRATES: Mas *tu* pensaste ser capaz de encontrar esta certeza na filosofia?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Por quê?

DESCARTES: Porque todos os outros filosofaram não como quem pratica uma ciência, mas como quem professa uma religião: aceitando a autoridade da tradição. Quase todos os filósofos cristãos aceitaram ou a autoridade do “divino Platão”, ou a *do* “Filósofo”, o grande Aristóteles, que ensinara que cada ciência necessitava de seu próprio método e possuía seu próprio grau de certeza. Foi essa a pressuposição que eu pus em dúvida, questionando assim a quase infalibilidade de Aristóteles.

SÓCRATES: Por falar em “infalibilidade”, a segunda coisa na qual disseste estar “embaraçado” eram *erros*, certo?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E os erros resultam da falibilidade, não resultam?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E o oposto da falibilidade é a infalibilidade, não é?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Portanto, o que buscavas era a infalibilidade, a ausência de todo o erro. E não menos em filosofia. Tu disseste que querias uma filosofia que imitasse a ciência, e não a religião; mas agora tenho a impressão que o que querias era antes conferir à filosofia a infalibilidade de uma revelação divina! Posso entender o medo que tinhas dos inquisidores.

DESCARTES: Mas a razão da infalibilidade na religião é completamente diferente daquela da ciência matemática. Na religião é a autoridade divina. Em matemática é a auto-evidência de tautologias tais como $X = X$ ou $2+2 = 4$.

SÓCRATES: Entendo. Bem, continuemos com tua história:

(DM 1, par. 6)

Achava-me embaraçado em tantas dúvidas e erros que me pareceu não ter tirado outro proveito, ao tratar de instruir-me, senão descobrir cada vez mais minha ignorância. No entanto eu estava numa das mais célebres escolas da Europa, onde pensava deviam existir homens sábios, se os houvesse em algum lugar da Terra. Eu havia aprendido tudo o que os outros lá aprendiam; inclusive, não me contentando com as ciências que me ensinavam, percorrera todos os livros que tratavam daquelas considerações mais curiosas e mais raras e que puderam cair entre minhas mãos [...] contudo, eu não deixava de estimar os exercícios praticados nas escolas [...]

O que *a mim* parece “curioso e raro” é aquilo que dizes logo adiante sobre cada uma das disciplinas que estudaste. Parece louváveis por algo

completamente diferente daquilo que cada uma delas *deveria* oferecer, “condenando-as com a frouxidão dos teus louvores”.

DESCARTES: Perdoa-me a interrupção, Sócrates, mas preciso esclarecer duas coisas antes de analisares o que afirmo adiante sobre cada disciplina. Em primeiro lugar, a avaliação que fiz de cada uma delas foi sincera, e não sarcástica. E em segundo, a todas faltava aquilo que eu buscava, nomeadamente, a certeza que só encontrara na matemática. O que afirmo é ter encontrado um modo de estender tal certeza a todas as outras disciplinas, e isso através do meu novo método (que é o ponto discutido neste livro), e da minha filosofia, e do esforço de toda minha vida para beneficiar a humanidade, segundo penso.

SÓCRATES: Obrigado pelo esclarecimento. Vamos percorrer então a lista de todas as disciplinas do conhecimento humano, tais como as encontraste na universidade, observando a falta de certeza comum a todas elas:

1. Sabia que as línguas que se aprendem são necessárias ao entendimento dos livros antigos;
2. que a gentileza das fábulas desperta o espírito;
3. que as ações memoráveis das histórias o alevantam e que, sendo lidas com discrição, ajudam a formar o juízo;
4. que a leitura de todos os bons livros é qual uma conversação com as pessoas mais qualificadas dos séculos passados, que foram seus autores, e até uma conversação premeditada, na qual eles nos revelam tão somente os melhores de seus pensamentos;
5. que a poesia tem delicadezas e doçuras muito encantadoras;
6. que a eloquência tem forças e belezas incomparáveis;
7. que as matemáticas têm invenções muito sutis, e que podem servir muito, tanto para contentar os curiosos, quanto para facilitar todas as artes e diminuir o trabalho dos homens;
8. que os escritos que tratam dos costumes contêm muitos ensinamentos e muitas exortações à virtude que são muito úteis;
9. que a teologia ensina a ganhar o céu...

A propósito, deves ter percebido como falseaste tanto a teologia como a filosofia moral neste passo, pois ambas afirmam que nos podem dar *conhecimento*, e mesmo algumas provas, mas tu as louvas tão somente por pregarem sermões convenientes!

DESCARTES: Não falseei a filosofia moral nem a teologia que *eu* aprendi. Ambas careciam da certeza que diziam fornecer.

SÓCRATES: Entendo. Então estavas *mesmo* “condenando com louvores frouxos” – era uma ironia, uma crítica disfarçada de elogio.

DESCARTES: Sim. E tanto mais em relação à filosofia, que menciono a seguir. Tu hás de perceber como os seus argumentos assemelhavam-se mais àqueles dos teus adversários sofistas do que às provas autênticas com que buscavas refutá-los:

10. que a filosofia dá meio de falar com verossimilhança de todas as coisas e de se fazer admirar pelos menos eruditos;
11. que a jurisprudência, a medicina, e as outras ciências trazem honras e riquezas àqueles que as cultivam.

De todas essas disciplinas, somente uma encontrei que me desse certeza:

(DM 1, par. 10)

Comprazia-me sobretudo com as matemáticas, por causa da certeza e da evidência de suas razões; mas não notava ainda seu verdadeiro emprego, e, pensando que serviam apenas às artes mecânicas, espantava-me de que, sendo seus fundamentos tão firmes e tão sólidos, não se tivesse edificado sobre eles nada de mais elevado. Tal como, ao contrário, eu comparava os escritos dos antigos pagãos que tratam dos costumes a palácios muito soberbos e magníficos, erigidos apenas sobre a areia e sobre a lama. Erguem muito alto as virtudes e apresentam-nas como as mais estimáveis de todas as coisas que existem no mundo, mas não ensinam bastante a conhecê-las, e amiúde o que chamam com um nome tão belo não é senão uma insensibilidade, ou um orgulho, ou um desespero, ou um parricídio.

Veja bem, é como se eu tivesse diante de mim duas visões, uma ao lado da outra: a primeira era a visão de belos palácios, tais como a tua filosofia moral, Sócrates, assentados na areia, ou mesmo nas nuvens, em vez de no chão firme; e a segunda, a de uma única fundação verdadeiramente sólida e imóvel, o raciocínio matemático, como uma rocha imensa sobre a qual se tivessem construído apenas umas poucas e humildes choupanas. Não pude resistir a tal convite: combinar as duas imagens, transportando os antigos palácios para a nova fundação ou, em outras palavras, levando a nova fundação até os antigos palácios.

Era isso o que eu acreditava que tivesses tentado também, Sócrates, enquanto viveste e com as ferramentas de que dispunhas à época.

SÓCRATES: Que “ferramentas” queres dizer?

DESCARTES: Ora, o *teu* novo método, obviamente, que no teu tempo causara o mesmo tipo de revolução que o meu método causara na minha época, ainda que em nível mais primitivo. Nós dois buscamos construir alicerces mais certos e exatos por debaixo dos templos de sabedoria que herdáramos de nossas culturas. Trocaste os alicerces do mito por aqueles da lógica, os da tradição pelos da razão, os da confiança na autoridade por aqueles da prova. E eu transformei a lógica, a razão e mesmo a prova em algo mais certo e mais exato, por meio dessa pista que encontrei na matemática.

Perceba que ambos tomamos consciência de três coisas como ninguém mais em nossos respectivos tempos: da importância do conhecimento para a vida, especialmente para nossa vida moral; da importância da ciência para o conhecimento; e da importância do método para a ciência.

Estás de acordo com essas três teses, não está? Decerto ensinaste a primeira

delas, a importância do conhecimento para a vida, em especial para a vida moral, não ensinaste?

SÓCRATES: Ensinei.

DESCARTES: E alguns minutos atrás dizias considerar o método científico a mais importante descoberta na história da ciência. Então concordas no quão importante para a ciência ele é.

SÓCRATES: Concordo.

DESCARTES: Concordas então com minha outra tese, sobre a importância da ciência para a filosofia? Pois se concordas, então é apenas um pequeno passo para concordares também com o uso do método científico em filosofia.

SÓCRATES: Eu não sei se o método científico poderá ser usado ou não em filosofia – e não o saberei até ter investigado tua tentativa de fazê-lo. Talvez funcione, talvez não. Talvez o teu novo método salve a filosofia, ou talvez a destrua, assim como o *meu* novo método de pensar logicamente destruiu a credibilidade dos antigos mitos. Com efeito, era exatamente isto o que o teu compatriota Augusto Comte ensinou, três séculos depois de ti: que na minha época a filosofia substituíra-se à religião, em vez de salvá-la (ele identificava toda a religião com o mito); e que na tua a ciência substituíra-se à filosofia, em vez de salvá-la. Por ser ateu, ele saudou essas duas mortes com entusiasmo, mas houve quem as lamentasse, e houve também quem duvidasse que qualquer dos pacientes houvesse morrido.

DESCARTES: Qual é a tua opinião sobre isso tudo, Sócrates?

SÓCRATES: Penso que talvez estejas certo, talvez errado. Talvez a filosofia necessite de um método tão distinto das ciências naturais quanto do mito. É uma das coisas que tentaremos descobrir ao avaliarmos teu experimento mental: pode a filosofia ser praticada, como procuraste fazer, pelo método científico, ou não?

DESCARTES: O sabor do pudim se descobre comendo. Descobriremos o quão palatável minha filosofia é quando a examinarmos. Até agora, temos examinado apenas os seus preâmbulos.

SÓCRATES: Começas a te impacientar?

DESCARTES: Não. E isto me surpreende. Durante minha vida terrena, a impaciência era vício que freqüentemente descobria em mim mesmo. Mas aqui parece impossível impacientar-se. O próprio tempo parece diferente aqui.

SÓCRATES: Talvez seja apenas tua atitude em face dele que se tenha tornado diferente.

DESCARTES: Sabes que Agostinho duvidava que o tempo fosse algo em si mesmo,

independente de certa atitude mental ou de uma mente que o medisse. É o tempo objetivo, subjetivo ou ambos?

SÓCRATES: É força resistirmos à tentação de explorar esta estrada secundária. Haverá tempo bastante para isso mais tarde. De volta ao teu livro, à defesa dele e às tuas três teses – da importância do método para a ciência, da ciência para o conhecimento e do conhecimento para a vida. Concordo com a primeira e com a última, mas questiono a do meio.

DESCARTES: Por que não concordas com ela?

SÓCRATES: Eu não disse que não concordava. Disse que a *questionava*, a fim de saber se concordo ou discordo. E acho que é preciso concordar com ela em um ponto, pelo menos. Pois a ciência – no sentido amplo em que nós, antigos, a compreendíamos – consiste em dar boas razões, de forma a transformar a mera crença ou opinião em conhecimento. Pois bem, talvez o teu método matemático seja a melhor maneira de se fazer isso, talvez não. Talvez o meu raciocínio não-matemático possa fazer mais do que o teu raciocínio matemático, talvez não. Mas de qualquer forma, o método continua sendo importante para a ciência e a ciência continua sendo importante para o conhecimento. E tua terceira tese, de que o conhecimento é importante para a vida humana, é, por força, verdade, visto que não há nada de especificamente humano que não esteja acompanhado dele. Talvez o conhecimento não seja por si só *suficiente* para uma vida moral, como pensei que fosse, mas é certamente *necessário*. E isso é verdade seja o conhecimento apenas um meio para se obter um fim maior, seja ele próprio a finalidade mais alta; seja o bem que ele traz um *auxílio* à vida, uma utilidade, como vós, modernos, tendes por hábito crer, seja ele um grande bem em si mesmo, como nós, antigos, costumávamos pensar.

DESCARTES: Mas isto certamente faz uma enorme diferença!

SÓCRATES: Por certo que faz. De fato, faz uma diferença absoluta, pois é a questão acerca do *summum bonum*, do Bem Supremo, da finalidade e do propósito últimos da vida humana. Estávamos nós, antigos, certos ao crer que o bem maior é a conformação de nossos pensamentos e ações à realidade objetiva por meio da sabedoria e da virtude? Ou estais vós, modernos, certos, ao crer que o bem maior é a conformação da realidade objetiva aos nossos pensamentos e desejos por meio da tecnologia? O conhecimento serve à verdade, como disse Aristóteles, ou ao poder, como disse Bacon? Que poderia fazer mais diferença do que isto? Mas ambos os lados concordam em que o conhecimento é primordialmente necessário, seja como um fim em si mesmo, seja como um

meio de se alcançar a sabedoria e a virtude, seja como uma maneira de desenvolver a ciência e a tecnologia.

Mas a questão que desejo levantar agora não é se vós, modernos, estais certos acerca do *summum bonum* – esta questão é demasiado profunda para nossa capacidade agora – mas se nós todos, filósofos antigos e modernos, estamos certos ou errados acerca do primado do conhecimento.

DESCARTES: Estás sugerindo que o conhecimento seja talvez menos importante do que pensamos? Estou abismado com te ouvir dizer isso, Sócrates, *tu*, entre todos os homens. Como pode tal coisa?

SÓCRATES: Bem, é apenas um talvez, mas um talvez que não podemos deixar passar sem exame se quisermos obedecer à primeira regra do teu método: nada pressupor e tudo duvidar.

DESCARTES: Podes examinar, então. Mas qual seria a alternativa possível?

SÓCRATES: Talvez aquilo em que acreditava a maioria dos filósofos da Idade Média, fossem cristãos, judeus ou muçulmanos. A maior parte deles diria, em primeiro lugar, que o conhecimento não é tão importante quanto a *caridade*; e, em segundo lugar, que o conhecimento que vem através da ciência não é tão importante, ou mesmo tão certo, quanto aquele que vem pela *fé*, se de fato há uma revelação divina, um conhecimento transmitido por um Deus que não pode enganar nem ser enganado. E diria, em terceiro lugar, que o conhecimento não é tão importante quanto a *sabedoria*, e que a ciência não é tão importante quanto a filosofia; ainda, em quarto lugar, diria que a *certeza* no conhecimento não é tão necessária quanto dizes ser.

DESCARTES: Então, de certo modo, eles rebaixaram o conhecimento que eu exaltei.

SÓCRATES: Somente em relação àquilo que eles afirmam ser o bem maior. Mas também exaltaram o conhecimento que tu rebaixaste.

DESCARTES: Quê? Como pode ser, se rebaixaram o que eu exaltei?

SÓCRATES: Porque dizem que o conhecimento é *mais* importante do que acreditas. Tu o procuras com a finalidade de conquistar a natureza por meio da ciência e da tecnologia. Eles diriam que o conhecimento é um fim em si mesmo; que aperfeiçoar a alma por meio da sabedoria teórica, e aperfeiçoar a vida por meio da sabedoria prática é mais importante do que aperfeiçoar o mundo material por meio da tecnologia.

DESCARTES: Como disseste, Sócrates, essas questões são demasiado profundas. Mas eu achava que estávamos examinando meu humilde livrinho, o qual não

levanta essas questões, mas somente a questão do meu novo método para obter conhecimento; é sobre os meios do conhecimento, e não sobre seus fins.

SÓCRATES: Tens razão, já vamos voltar ao teu texto. Mas nesse longo desvio não nos afastamos do tema. Eu o situei em um contexto histórico mais amplo; inseri a tua sugestão *tática* no contexto de uma “grande *estratégia*”, por assim dizer.

DESCARTES: Não me gabo de nenhuma grande estratégia, ao contrário do que pensas, Sócrates. Sou apenas um cientista com um novo método, um novo instrumento, um novo *Organon*, para além do velho *Organon* aristotélico, como o era Francis Bacon.

SÓCRATES: Voltemos nossa atenção, portanto, a esse novo instrumento. Podemos começar comparando-o com o antigo?

DESCARTES: Por favor.

SÓCRATES: Tu e Bacon pareceis ter cada um isolado uma parte do velho instrumento de Aristóteles: ficaste com a parte dedutiva e puramente racional e Bacon ficou com a parte indutiva e sensorial. Assim que, os dois séculos de filosofia que se seguiram a vós foram dominados pela questão da epistemologia, a ciência filosófica do conhecimento, e em especial pela busca da certeza e do método apropriado para obtê-la, dividindo os filósofos em duas escolas, conhecidas como Empirismo e Racionalismo. (Por alguma razão, todos os empiristas mais importantes foram britânicos, ao passo que os racionalistas mais importantes foram todos continentais.)

DESCARTES: E tu, Sócrates, tomaste, neste debate, o mesmo partido que eu: foste racionalista.

SÓCRATES: Não, não inteiramente. Isso é um erro, e um erro comum. Aristóteles me compreendeu melhor: ele percebeu que eu também inventara o raciocínio *indutivo*, cujo ponto de partida é empírico.

DESCARTES: Mas nunca foste empirista! O empirista é como um verme, rastejando cegamente pelo chão.

SÓCRATES: Sim, mas não é o puro racionalista como uma nuvem, que não toca o chão de forma alguma? Não é mais completo e mais humano ser como uma árvore, com as raízes na terra e os galhos erguidos aos céus?

DESCARTES: Estás substituindo argumentos por imagens, Sócrates. Analogias não são argumentos.

SÓCRATES: Concordo. Mas as imagens, como os sentidos, nos mostram algo.

DESCARTES: Essa tua imagem da árvore, o que mostra para *mim* é que temos sido como pássaros, voando por sobre a árvore da minha filosofia, para obtermos dela

uma visão geral, mas até agora não pousamos em seus galhos. Podemos então voltar aos galhos do texto, por favor?

SÓCRATES: É exatamente isso o que devemos fazer.

DESCARTES: Tu só falas, mas não fazes!

SÓCRATES: Tua censura é justa. Vejamos – chegáramos àquele trecho em que falas do que absorveste da sabedoria filosófica e teológica que te fora legada pela tradição medieval. Dizes:

(DM 1, par. 11)

Eu reverenciava nossa teologia, e pretendia, como outro qualquer, ganhar o céu; mas, tendo aprendido como coisa muito segura que o caminho para lá não está menos aberto aos mais ignorantes do que aos mais doutos, e que as verdades reveladas, que conduzem a ele, estão acima de nossa inteligência, eu não ousaria submetê-las à fraqueza de meus raciocínios, e pensava que, para empreender examiná-las e ser bem sucedido, era preciso contar com alguma assistência extraordinária do céu, e ser mais do que homem.

Esta passagem me intriga por vários motivos.

Primeiro, falas como se já tivesses alcançado a certeza, quando dizes “tendo aprendido como coisa muito segura”. Se “certeza” é aquilo que *buscas*, por que afirmas que já a possuis?

Segundo, dizes ter aprendido que “o caminho para lá não está menos aberto aos mais ignorantes do que aos mais doutos”. Foi isso o que te ensinaram os melhores professores de teologia na melhor escola do mundo? – que, no que tange essa disciplina, o saber vale pouco mais do que a ignorância, e que conhecer as verdades reveladas por Deus e bem compreendê-las não aumenta em nada as nossas chances de irmos para o céu?

Terceiro, dizes ter aprendido “que as verdades reveladas, que conduzem a ele, estão acima de nossa inteligência”. Se foi isso o que aprendeste com os teólogos jesuítas, então sua doutrina era de que a própria ciência da teologia a que se dedicavam era impraticável! Pois teologia é “fé em busca de entendimento”. Nenhum desses teólogos era capaz de distinguir entre *apreender* as verdades sobre Deus e *compreendê-las*? O segundo, como disseste, é de fato inacessível ao homem, mas o primeiro, de acordo com o que dizem vossas Escrituras, não só é possível como necessário para a salvação (acho que está em Hebreus 11,6. Podes verificar).

Quarto, dizes, “eu não ousaria submetê-las à fraqueza de meus raciocínios”. Eu me pergunto por que razão tua humildade limita-se tão somente à teologia, visto que em todas as outras ciências afirmas possuir mais conhecimento e certeza, e não menos.

Quinto, dizes que para ser bem sucedido em teologia “era preciso contar com alguma extraordinária assistência do céu, e ser mais do que homem”. Então o que me dizes das realizações de Santo Agostinho, a cujo tratado *Contra os Acadêmicos* tomaste de empréstimo tua refutação do ceticismo, “Penso, logo existo”? Ou de Santo Anselmo, a cujo *Proslogium* tomaste o argumento ontológico da existência de Deus? Que, com efeito, tens a dizer acerca de *todos* os outros teólogos da história do Cristianismo? Afirmas que eles não foram bem sucedidos, ou que tiveram alguma extraordinária assistência do céu e eram mais do que homens? Falharam ou eram deuses? Se falharam, porque te serviste deles? Se eram deuses, como poderia ser que não reconhecessem a si mesmos como tais? – pois todos disseram que *não* eram deuses, e que sua teologia *não* vinha de nenhuma “extraordinária assistência do céu”, mas que usavam a razão humana para compreender a revelação divina.

E sexto, tua formação teológica foi assim tão pobre que chegaste a confundir teologia com religião? Pois “teologia” significa apenas “ciência de Deus”, e toda ciência é uma disciplina abstrata e racional, quer tome suas premissas da fé e da revelação divina, quer tome da razão. Mas “religião” é algo concreto e pessoal que serve para ligar uma pessoa com Deus. (O próprio termo “religião” vem de uma palavra em latim que significa “ligação”.) A finalidade da religião é a salvação; a finalidade da teologia é a compreensão. Não posso crer que teus professores fossem tão estúpidos que confundissem as duas coisas, ou que tu o sejas. Só posso concluir que, não sendo possível que tu ou teus professores fossem tamanhos idiotas, tu debes ter sido pouco honesto ao escrever esta passagem e confundiste as duas coisas de propósito. Pois este parágrafo não sobrevive ao exame mais elementar.

DESCARTES: Meu livro não é sobre teologia, mas sobre filosofia, ciência e seus métodos. Se errei em teologia, quer por ignorância, quer intencionalmente, bem, então eu errei em teologia. Aceito o juízo das autoridades designadas por Deus para tanto. Mas pensei que o teu trabalho aqui, Sócrates, era somente examinar o livro de filosofia que de fato escrevi, e não o livro de teologia que não consegui escrever.

SÓCRATES: Foste tu quem mencionou o assunto no teu livro, não eu. O que escreveste, escreveste, e tudo o que escreveste eu questionarei.

DESCARTES: Então, se for preciso, retiro o que escrevi sobre a teologia– mas não o que escrevi sobre a filosofia. Podemos examinar *este* assunto, por favor?

SÓCRATES: Certamente.

DESCARTES: Sócrates, precisas entender minha insatisfação com o triste estado da filosofia no meu tempo. Escrevi o seguinte:

(DM 1, par. 12)

Da filosofia nada direi, senão que, vendo que foi cultivada pelos mais excelsos espíritos que viveram desde muitos séculos e que, no entanto, nela não se encontra ainda uma só coisa sobre a qual não se dispute [*dispute*], e por conseguinte que não seja duvidosa [*douteuse*], eu não alimentava qualquer presunção de acertar melhor do que os outros.

SÓCRATES: “... nela não se encontra uma só coisa sobre a qual não se dispute, e por conseguinte que não seja duvidosa” – reconheces o pressuposto que está por trás desse argumento?

DESCARTES: É claro: que tudo que está em disputa é duvidoso.

SÓCRATES: E estavas à procura de algo que *não* fosse duvidoso, certo?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Algo como $2 + 2 = 4$?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Digamos que eu argumentasse que $2 + 2$ não são quatro. Isso tornaria o cálculo duvidoso?

DESCARTES: Sim, se admitirmos que tudo aquilo que está em disputa é duvidoso.

SÓCRATES: Assim só me resta concluir que tua busca pela certeza nunca obterá sucesso.

DESCARTES: Por quê?

SÓCRATES: Porque mesmo se vieres a encontrar uma verdade que seja em si mesma bastante certa, ela tornar-se-á duvidosa tão logo um único idiota a conteste.

DESCARTES: Não, não, não foi isso o que eu quis dizer. Uma proposição certa não se torna incerta *em si mesma* só porque um tolo a contradisse. Ela se torna incerta somente *para o tolo*.

SÓCRATES: Então o pressuposto de que tudo aquilo que está em disputa é duvidoso não é verdadeiro.

DESCARTES: Creio que não.

SÓCRATES: Então tua argumentação não tem valor algum, pois que depende de uma premissa falsa.

DESCARTES: Então retiro esta argumentação.

SÓCRATES: Então existem verdades certas mesmo que estejam em discussão.

DESCARTES: Sim, mas sem um método para tanto, como poderemos saber quais são elas?

SÓCRATES: Obviamente não poderemos, se com “método” queres dizer uma resposta à questão, “como poderemos conhecê-las?” Pois não há meio de conhecer sem um meio de conhecer.

DESCARTES: Exatamente o que estou tentando dizer, Sócrates. Eu mesmo não teria expressado tão bem esse pensamento.

SÓCRATES: Mas talvez existam outros métodos além do teu.

DESCARTES: É claro que existem! Mas o meu fará o que nenhum outro foi capaz de fazer.

SÓCRATES: Que é...?

DESCARTES: Acabar com as discordâncias. Foi isso o que o método científico fez e que nenhum outro método conseguiu.

SÓCRATES: Vejo que este é o teu argumento central. Devemos, portanto, testá-lo; e conheço duas maneiras de fazê-lo. Uma é a crítica racional da tua argumentação, que é o que estamos fazendo agora. A outra seria observar, na história, se o teu método de fato cumpriu o que prometera, se os filósofos que o utilizaram concordaram uns com os outros mais do que aqueles que utilizaram o meu método, ou o de Aristóteles, ou se concordaram *menos*; observar se por acaso, séculos mais tarde, o termo *philosophia perennis*, “a filosofia perene”, a filosofia permanente, a filosofia que permaneceu e que gerou mais concordância, seria aplicado para designar a nova filosofia moderna que fundaste ou a antiga filosofia escolástica medieval que buscaste suplantare.

Mas não estamos aqui para uma aula de história; estamos aqui para uma lição sobre como analisar o teu texto. Resistirei à tentação de pegar outra estrada secundária, e retornarei a ele.

Tu mencionas a seguir *três* fontes de conhecimento, contando-nos como caminhaste de uma para outra: primeiro, os livros e a tradição, que são frutos da experiência e dos pensamentos de outros; depois a tua própria experiência do mundo, adquirida mediante as viagens que empreendeste; e finalmente teus próprios pensamentos, tua própria versão do “conhece-te a ti mesmo”, realizados ao voltares-te para o teu interior:

(DM 1, par. 14)

Eis por que, tão logo a idade me permitiu sair da sujeição de meus preceptores, deixei inteiramente o estudo das letras. E, resolvendo-me a não mais procurar outra ciência, além daquela que se poderia achar em mim próprio, ou então no grande livro do mundo, empreguei o resto de minha mocidade em

viajar... Mas, depois que empreguei alguns anos em estudar assim no livro do mundo, e em procurar adquirir alguma experiência, tomei um dia a resolução de estudar também a mim próprio.

DESCARTES: Como tu o fizeste, Sócrates. Eu estava subindo a “linha dividida” de Platão, escapando para fora da caverna.

SÓCRATES: Está na hora, portanto, de ver aonde esta subida te levou, ao começarmos a Segunda Parte do teu livro.

DESCARTES: Tu pretendes deter-te em cada parte do livro tão longamente quanto o fizeste na primeira?

SÓCRATES: Não. Estava apenas “preparando o terreno”, ou, para usar outra metáfora, agora que nos pusemos em movimento, já podemos acelerar.

8

A Razão do Novo Método

SÓCRATES: Continuemos a leitura do teu livro:

(DM 2, par. 1)

Achava-me, então, na Alemanha, para onde fora atraído pela ocorrência das guerras, que ainda não findaram[1] e, quando retornava da coroação do imperador para o exército, o início do inverno me deteve num quartel, onde, não encontrando nenhuma freqüentação que me distraísse, e não tendo, além disso, por felicidade, quaisquer solitudes ou paixões que me perturbassem, permanecia o dia inteiro fechado sozinho num quarto bem aquecido [*um símbolo perfeito para tua própria mente!*], onde dispunha de todo o vagar para me entreter com os meus pensamentos.

Entre eles, um dos primeiros foi que me lembrei de considerar que, amiúde, não há tanta perfeição nas obras compostas de várias peças, e feitas pela mão de diversos mestres, como naquelas em que um só trabalhou. Assim, vê-se que os edifícios empreendidos e concluídos por um só arquiteto costumam ser mais belos e mais bem ordenados do que aqueles que muitos procuraram reformar, fazendo uso de velhas paredes construídas para outros fins. Assim, essas antigas cidades que, tendo sido no começo pequenos burgos, tornaram-se, no correr do tempo, grandes centros, são ordinariamente tão mal compassadas, em comparação com essas praças regulares, traçadas por um engenheiro à sua fantasia numa planície.

Uma imagem apropriada para um novo tipo de filosofia: uma nova espécie de cidade, desprovida de acaso, tradição e mistério; um palácio de cristal feito de pura razão, todo constituído de linhas e ruas retas, projetado desde o princípio por um único homem, quase um segundo Adão.

DESCARTES: Exatamente como teu discípulo Platão propôs na *República*. Ele percebeu que um estado justo e racional não poderia advir de uma mudança gradual nos regimes tradicionais, mas somente através de uma revolução súbita e total: quando um filósofo se tornasse rei, ou um rei, filósofo. Ele comparava isto com tingir tecido novo e branco ao invés de tecido velho e já tingido.

SÓCRATES: Nos séculos que se seguiram à tua morte, isto é o que irá definir a França, em oposição à Inglaterra: revolução em nome da razão em vez de crescimento gradual dentro dos limites da tradição. E tornas evidente tua preferência pelo estilo francês quando escreves, no mesmo parágrafo:

Assim, imaginei que os povos, que tendo sido outrora semi-selvagens e só pouco a pouco tendo-se civilizado, não elaboraram suas leis senão à medida que a incomodidade dos crimes e das querelas a

tanto os compeliu[2] não poderiam ser tão bem policiados como aqueles que, a começar do momento em que se reuniram, observaram as constituições de algum prudente legislador.

DESCARTES: Sim, e devo lembrá-lo que a Igreja é governada à maneira francesa, não à maneira inglesa, como mostro a seguir: *“Tal como é bem certo que o estado da verdadeira religião, cujas ordenanças só Deus fez, deve ser incomparavelmente mais bem regulamentado do que todos os outros.”*

SÓCRATES: Mais uma estrada secundária e mais uma tentação. Mas não vou discutir isso contigo agora. A História já deu seu veredicto sobre essas coisas.

Mas, continuando, resumes com clareza a fé na precedência da razão sobre a tradição com estas palavras, que valem quase que por uma fórmula:

(DM 2, par. 1)

E assim pensei que as ciências dos livros, ao menos aquelas cujas razões são apenas prováveis e que não apresentam quaisquer demonstrações, pois se compuseram e avolumaram pouco a pouco com opiniões de mui diversas pessoas, não se acham, de modo algum, tão próximas da verdade quanto os raciocínios que um homem de bom senso pode efetuar normalmente com respeito às coisas que se apresentam. (*les simples raisonnements que peut faire naturellement un homme de bon sens touchent les choses qui se présentent*).

DESCARTES: Tenho certeza de que minha fé na razão e no homem comum, em vez de na autoridade dos ditos especialistas, faz vibrar em ti uma corda, Sócrates.

SÓCRATES: Ah, e faz. Agrada-me sobretudo a tua descrição da história da filosofia, quando dizes “mas, tendo aprendido, desde o colégio, que nada se poderia imaginar tão estranho e tão pouco crível que alguns dos filósofos já não houvesse dito”, frase que personifica a filosofia que veio *depois* de ti, muito mais do que a que veio antes. Como dizem alguns, de certa idéia notoriamente absurda, “só um filósofo poderia acreditar nisso”.

Quanto à tua preferência pelo homem comum aos “especialistas”, isto também compartilho contigo. E é por isso que me surpreendo com o que dizes a seguir, pois parece contradizer exatamente o que havias dito anteriormente, solapando a razão mesma de escreveres este livro:

(DM 2, par. 3)

Eis por que não poderia de forma alguma aprovar esses temperamentos perturbadores e inquietos que, não sendo chamados, nem pelo nascimento nem pela fortuna, ao manejo dos negócios públicos, não deixam de neles praticar sempre, em idéia, alguma nova reforma [*Era essa a palavra mais perigosa no teu tempo, não era?*] E se eu pensasse haver neste escrito a menor coisa que pudesse tornar-me suspeito de tal loucura, ficaria muito pesaroso de ter aceito publicá-lo. Nunca o meu intento foi além de procurar reformar meus próprios pensamentos, e construir num terreno que é todo meu. De modo que, se tendo minha obra me agradado bastante, eu vos mostro o seu modelo, nem por isso quero aconselhar alguém a imitá-lo.

Só tenho uma pergunta a respeito deste trecho: estavas falando a sério?

DESCARTES: Que estás insinuando?

SÓCRATES: Que tua intenção era que este parágrafo fosse levado a sério apenas pelos teus inimigos, não pelos teus amigos. Que não lhe davas importância, nem acreditavas nele, mas que o escreveste apenas para despistar teus adversários. Que foi um osso que jogaste aos cães da Inquisição. Não é isso?

DESCARTES: E como achas que eu responderia a essa pergunta se pensasse que, em vez de meu amigo, fosses talvez meu inimigo?

SÓCRATES: Agora duvidas de minha identidade?

DESCARTES: Estou pensando duas vezes, ao lembrar-me de como brincaste com teus inimigos em Atenas.

SÓCRATES: Se sou o verdadeiro Sócrates, não tens razão para temer, mesmo se eu estiver brincando; já se eu fosse um agente da Inquisição, eu não estaria brincando.

DESCARTES: Ah, mas este é justamente o tipo de argumento manhoso que Sócrates usaria.

SÓCRATES: Mas *não* os cães da Inquisição. Então, consegui te convencer de que eu sou eu?

DESCARTES: Vamos dizer que sim.

SÓCRATES: Em outras palavras, não consegui. Pois se tivesse conseguido, tu não estarias jogando este joguinho de “vamos dizer que sim” comigo.

DESCARTES: Sócrates, serei sincero contigo, já que este lugar parece me impelir à sinceridade. Escrevi tal passagem por que não queria acabar da mesma maneira que tu. Ser mártir não é vocação de todo mundo.

SÓCRATES: É verdade. Mas *morrer* é vocação de todo mundo. E com frequência está em nossas mãos decidir como iremos morrer.

DESCARTES: Que estás sugerindo?

SÓCRATES: Dizes estar contente de não teres terminado teus dias como eu. Mas eu estou feliz de não ter terminado os meus dias como tu.

DESCARTES: Que raios queres dizer com isso?

SÓCRATES: Tu morreste em função das exigências irracionais de um tirano, pois a Rainha da Suécia te fazia levantar tão cedo para ensiná-la, que pegaste pneumonia e morreste – como Bacon, que morreu por fazer experimentos com refrigeração, enchendo de gelo uma galinha. Foi essa morte melhor do que a minha, ou pior?

DESCARTES: Tenho a sensação de estar sendo insultado. Queres injuriar minha vida, insultando minha morte?

SÓCRATES: De forma alguma. Meu propósito não é te insultar, mas apenas te pedir para que, comparando minha morte com a tua, te compares a ti mesmo comigo.

DESCARTES: Não era minha vocação morrer nas mãos do Estado.

SÓCRATES: Nem a minha. Mas ambos morremos nas mãos dele, se bem que de maneiras diferentes.

DESCARTES: Nem era minha vocação entrar para a política.

SÓCRATES: Tampouco era a minha. Como deixei claro em minha *Defesa*, fui chamado a filosofar por um deus, e por este mesmo deus fui proibido de me dedicar à política.

DESCARTES: Mesmo assim, é sobre política o parágrafo que pões em dúvida. E o que escrevi ali sobre não ter nenhuma reforma política em mente não foi insincero. Como disse, minha única reforma é a das idéias.

SÓCRATES: Mas as idéias têm conseqüências.

DESCARTES: Sim...

SÓCRATES: E algumas delas são políticas.

DESCARTES: *Tu* mais do que os outros deverias saber disso, Sócrates!

SÓCRATES: Eu não estava pensando nas más conseqüências das minhas idéias, isto é, no meu julgamento e execução, os quais não desejava. Estava pensando nas boas conseqüências das tuas idéias. Elas foram planejadas?

DESCARTES: Quanto à ciência, sem dúvida.

SÓCRATES: Não, eu quero dizer quanto à política.

DESCARTES: Que boas conseqüências políticas tens em mente?

SÓCRATES: Uma conseqüência verdadeiramente radical: a abolição de um dos empreendimentos mais queridos da humanidade, e também dos mais irracionais.

DESCARTES: A guerra, queres dizer?

SÓCRATES: Exatamente. Não é ela uma das constantes da história humana?

DESCARTES: É.

SÓCRATES: E também uma das mais irracionais?

DESCARTES: Muitos discordariam desse julgamento, mas eu não. Veja só como se a justifica: “Nossas nações têm opiniões diferentes. Visto que somos animais racionais, podemos resolver essas diferenças ou com a razão humana, ou com nossa animalidade, ou por meio de ambos. Neste caso, poderemos ou colocar a

animalidade a serviço da racionalidade, ou a racionalidade a serviço da animalidade. Sendo assim, façamos isto, e não aquilo. Utilizemos a razão para inventar armas ainda mais poderosas a fim de satisfazer nossa gana animal de matar. Lidemos com as diferenças do espírito por meio de nossos corpos. Resolvamos nossos problemas matando uns aos outros”. Que invenção altamente racional é a guerra!

SÓCRATES: Admiro o teu raciocínio, René, bem como tua veia satírica. Eu também prefiro “vamos raciocinar juntos” a “vamos trucidar um ao outro.” E penso que julgas ter descoberto, se é que interpreto o teu texto corretamente, um meio para o nobre fim de abolir a guerra, o qual nunca antes se encontrara. E penso que esse é o subtexto do teu livro, cujo sentido, tão radical, tiveste de deixar, por assim dizer, nas “entrelinhas”.

DESCARTES: Diga-me o que vês nas entrelinhas, Sócrates.

SÓCRATES: Tu esperavas abolir a guerra, mediante a descoberta e extinção de sua *raiz*; pois remover a causa é remover o efeito. Tinhas consciência, no entanto, de que a guerra é resultado de uma longa e complexa cadeia causal, por isso buscaste o primeiro elo desta cadeia, e o encontraste no pensamento, nas idéias, nas disputas a respeito do que é bom e do que é mal, do que é justo e do que é injusto, do que é verdadeiro e do que é falso. Em outras palavras, a origem da guerra está nas diferenças de opinião.

DESCARTES: Teus olhos enxergam longe, Sócrates.

SÓCRATES: Mas isso não exigiu visão muito aguçada da tua parte. Enxergar tal coisa é fácil, e não muito original. Original foi o teu próximo passo. Tu procuraste a origem das diferenças de opinião e a encontraste nos diferentes *métodos* de pensamento.

E se eles são a causa, são também a cura. É por isso que advogas o uso de um único método, “o” método. Teu método é essencialmente o método científico, e aplicado à mais importante das ciências, isto é, à filosofia, poria fim às diferenças de opinião, terminando desse modo com as guerras. Pois as guerras mais ferozes derivam de filosofias de vida, filosofias religiosas, filosofias éticas e filosofias políticas divergentes.

DESCARTES: Então o *Discurso do Método* não passa de uma plataforma política radical – é essa a tua conclusão?

SÓCRATES: Tu não o admitiste quando falamos desse assunto anteriormente?

DESCARTES: Admiti. Pois confio em ti. Assim, se na verdade és um inquisidor disfarçado de filósofo, agora tens evidência suficiente para me condenar.

SÓCRATES: Eu te garanto, não fazemos esse tipo de coisa por aqui.

DESCARTES: Então falarei com franqueza, Sócrates; esta era minha grande esperança: que a conquista da paixão pela razão, que de maneira tão bela personificaste durante a *tua* vida, fosse realizada na vida comum do homem comum, no mundo inteiro.

SÓCRATES: Foi essa também a grande esperança daqueles pensadores que por dois séculos seguiram teu exemplo, a cujo movimento chamaram “Iluminismo”, a fuga da caverna da escuridão para o mundo da luz, da luz da razão.

DESCARTES: Estou encantado. Enxergas mesmo longe: tu vês minha esperança, meu coração. Podes me dizer, portanto, se o meu método trouxe de fato a paz universal ao mundo?

SÓCRATES: Posso. Mas não o farei enquanto não terminares de me explicar o teu livro. Pois não quero que o interpretes à luz da história futura, a qual não conhecias quando o escreveste. E se não me lembrares de fazer isso quando terminarmos, provavelmente o esquecerei completamente. Pois minha distração permanece comigo mesmo aqui neste mundo. Parece que é uma característica que Deus estima ao invés de lamentar.

¹ Descartes refere-se à Guerra dos Trinta Anos (1618-1648), a mais sangrenta guerra da história até então. Em alguns principados, ela matou um terço da população, sem contar os soldados. Foi um conflito religioso que pôs protestantes contra católicos.

² É esta a tradição inglesa do “common-law”, e também o procedimento da Igreja para lidar com as heresias à medida em que estas surgem.

A Quem se Destina o Novo Método?

SÓCRATES: O parágrafo seguinte contradiz de maneira tão aberrante o que escreveste no início do livro que não posso deixar de pensar que foi intencional, uma espécie de código que só os teus discípulos seriam capazes de ler, mas não os teus inimigos. Aqui escreves dois textos sobrepostos, como uma fotografia em dupla exposição – ah, desculpa, esqueci que viveste antes deste invento – digamos, então, como um palimpsesto: um texto, escrito com tinta visível, é para os cães; o outro, escrito com tinta invisível, é para os discípulos.

DESCARTES: Dou-te os parabéns, novamente, Sócrates, por tua percepção. E agora tenho certeza de que pertences à classe dos discípulos, e não à dos cães. Pois os cães não são inteligentes o bastante para perceber a contradição, e ficam, por conseguinte, roendo alegremente os ossos que lhes deixo, ao invés de roerem os *meus*. Mas os discípulos encontrarão a pista, pois, na passagem que estás perscrutando, tive o cuidado de contradizer não só o espírito, mas também a letra do meu argumento fundamental, que está logo na primeira sentença do livro.

SÓCRATES: Um artifício bastante perigoso, não concordas? Não poderias ter usado um disfarce menos evidente?

DESCARTES: Tu dás muito valor à inteligência dos cães, Sócrates. Eles roeram teus ossos até a morte, afinal; mas não roeram os meus. Meu código funcionou.

SÓCRATES: Bem, aqui está. Vamos chamá-la “o osso”:

(DM 2, par. 3)

A simples resolução de se desfazer de todas as opiniões a que se deu antes crédito [tu te referes aqui ao primeiro e mais importante passo do teu método: a dúvida metódica universal], não é um exemplo que cada qual deva seguir; e o mundo compõe-se quase tão somente de duas espécies de espíritos, aos quais ele não convém de modo algum. A saber, (1) daqueles que, crendo-se mais hábeis do que são, não podem impedir-se de precipitar seus juízos, nem ter suficiente paciência para conduzir por ordem todos os seus pensamentos... (2) Depois, daqueles que, tendo bastante razão, ou modéstia, para julgar que são menos capazes de distinguir o verdadeiro do falso do que alguns outros, pelos quais podem ser instruídos, devem antes contentar-se em seguir as opiniões desses outros, do que procurar por si próprios outras melhores.

Na primeira sentença do teu livro declaraste que a razão (a qual identificaste

com o senso comum ou “bom senso”, e com “a capacidade de distinguir o verdadeiro do falso”) era comum a todos e a mesma para todos. Mas aqui dizes que alguns homens têm menos dessa capacidade do que outros.

Também declaraste, na primeira sentença do teu livro, que os homens estão todos satisfeitos com o tanto de “bom senso” que possuem e que “não é verossímil que todos se enganem nesse ponto.” Portanto, conforme o primeiro parágrafo do livro, a segunda classe de pessoas descrita no “osso” simplesmente não existe: ou seja, aqueles que “tendo bastante razão ou modéstia para julgar que são *menos* capazes de distinguir o verdadeiro do falso do que outros”. Esta é a *minha* postura. Portanto, visto que esta classe de pessoas inclui a mim, e já que, segundo afirmas, ela não existe, então estás dizendo a mim mesmo que eu não existo. Quem é esse que vos fala agora, então? É fascinante dialogar com os mortos, mas qual o sentido de conversar com aqueles que nem mesmo existem? Mais tarde, mediante o teu famoso “penso, logo existo”, irás provar a tua própria existência, mas aqui negas a minha.

DESCARTES: Estás brincando ou estás falando a sério?

SÓCRATES: Um homem não pode fazer os dois ao mesmo tempo? Entretanto, o que tenho de mais sério a dizer é que pareces escrever como se fosses duas pessoas. O primeiro parágrafo soa moderno, igualitário e otimista quanto à razão humana e quanto à avaliação que cada um faz da sua própria capacidade; mas o “osso” é pré-moderno, aristocrático e pessimista tanto a respeito da capacidade racional da maioria dos homens quanto a respeito da avaliação que eles fazem de si mesmos nesse aspecto – exatamente como pensava Platão. Certamente não é possível levar as duas passagens a sério.

DESCARTES: A menos que sejas um cão procurando um osso.

SÓCRATES: Compreendo. Voltemos então, como discípulos em vez de cães, ao teu programa de esclarecimento. Estavas explicando o porquê de um novo método, contando-nos de tua insatisfação com os resultados dos métodos antigos. Esta insatisfação, resumidamente, era com a “incerteza”, ou “dúvida”. Foste bastante sensível a esse tópico porque o teu tempo, como o meu, foi de diminuição do provincianismo e de contato cada vez maior com outras culturas, resultando, naturalmente, em ceticismo e relativismo cultural. Afirmas, portanto:

(DM 2, par. 4)

Mas, tendo aprendido, desde o colégio, que nada se poderia imaginar tão estranho e tão pouco crível que alguns dos filósofos já não houvesse dito; e depois, ao viajar, tendo reconhecido que todos os que possuem sentimentos muito contrários aos nossos nem por isso são bárbaros ou selvagens, mas que muitos usam, tanto ou mais do que nós, da razão; e, tendo considerado o quanto um mesmo homem

com o seu mesmo espírito, sendo criado desde a infância entre franceses ou alemães, torna-se diferente do que seria se vivesse sempre entre chineses ou canibais [*a propósito, vejo que em outra edição deste texto, lê-se, em vez de “canibais”, “americanos”!*]; e como, até nas modas de nossos trajes, a mesma coisa que nos agradou há dez anos, e que talvez nos agrade ainda antes de decorridos outros dez, nos parece agora extravagante e ridícula, de sorte que são bem mais o costume e o exemplo a nos persuadirem, do que qualquer conhecimento certo.

Mas já não existia um método para julgar as diferentes opiniões e costumes, transformando a mera opinião em certeza através da demonstração racional? Estou falando da Lógica. Ela fora conhecida e utilizada por dois mil anos, e acho que tive um pouco a ver com isso. Foi Aristóteles quem sistematizou as regras deste método, que eu descobrira e utilizara, no seu *Organon*, o primeiro manual de lógica do mundo. Que há de errado com este método de obter certeza?

DESCARTES: Ah, sou muito grato a ti pelo teu exemplo e a Aristóteles pelos seus princípios inestimáveis. Mas, como escrevo a seguir, “notei que, quanto à Lógica, os seus silogismos e a maior parte de seus outros preceitos servem mais para explicar a outrem as coisas que já se sabem... do que para aprendê-las.”

SÓCRATES: Se estavas procurando uma Lógica que descobrisse novas verdades, porque não usaste o novo texto de lógica indutiva de Bacon, o *Novum Organum*?

DESCARTES: Por ter encontrado nele o mesmo problema que encontrara em tua lógica dedutiva: a complexidade. Eu não acuso nem Aristóteles nem Bacon de erro teórico, mas de uma deficiência prática, como escrevi,

(DM 2, par. 6)

E como a multidão de leis fornece amiúde escusas aos vícios, de modo que um estado é mais bem dirigido quando, embora tendo muito poucas, são estritamente cumpridas; assim, em vez desse grande número de preceitos de que se compõe a Lógica, julguei que me bastariam os quatro seguintes, desde que tomasse a firme e constante resolução de não deixar uma só vez de observá-los [...]

SÓCRATES: Eis que finalmente chegamos ao coração do teu livro: o método científico no que tem de mais essencial, nos seus princípios mais gerais.

DESCARTES: Exatamente. E os capítulos seguintes mostram a aplicação do método, primeiro à moralidade, no capítulo 3, à filosofia, no capítulo 4, à física teórica, no capítulo 5 e, por fim, à física aplicada, ou tecnologia, no capítulo 6.

O Método

DESCARTES: Ei-las aqui, então, as quatro regras do método:

(DM 2, par. 7)

[1a] A primeira era a de jamais acolher alguma coisa como verdadeira que eu não conhecesse evidentemente como tal; isto é, de evitar cuidadosamente a precipitação e a prevenção;

[1b] e de nada incluir em meus juízos que não se apresentasse tão clara e tão distintamente a meu espírito, que eu não tivesse nenhuma ocasião de pô-lo em dúvida.

(DM 2, par. 8)

[2] A segunda, a de dividir cada uma das dificuldades que eu examinasse em tantas parcelas quantas possíveis e quantas necessárias fossem para melhor resolvê-las.

(DM 2, par. 9)

[3] A terceira, a de conduzir por ordem meus pensamentos, começando pelos objetos mais simples e mais fáceis de conhecer, para subir, pouco a pouco, como por degraus, até o conhecimento dos mais compostos, e supondo mesmo uma ordem entre os que não se precedem naturalmente uns aos outros.

(DM 2, par. 10)

[4] E a última, a de fazer em toda parte enumerações tão completas e revisões tão gerais, que eu tivesse a certeza de nada omitir.

SÓCRATES: Essas quatro regras parecem ser muito úteis e razoáveis. *Quando* julgas que se deve usá-las?

DESCARTES: Sempre que quisermos pensar cientificamente sobre alguma coisa. Assim como a tua lógica silogística, as minhas regras podem ser usadas numa multiplicidade infinita de assuntos. Elas são um modelo universal para todo o pensamento que se pretenda científico no sentido mais essencial do termo.

SÓCRATES: Compreendo. E acreditas que o pensamento filosófico deva ser científico no sentido mais essencial do termo?

DESCARTES: Certamente. Esta é uma das principais razões de eu ter apresentado meu método ao mundo.

SÓCRATES: E afirmas que o teu novo método pode nos ensinar a obter conhecimento novo.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E que o método antigo, isto é, a Lógica de Aristóteles, não pode fazê-lo.

DESCARTES: Exatamente.

SÓCRATES: Queres dizer, então, que o silogismo não gera conhecimento novo, mas apenas esclarece aquilo que já é conhecido?

DESCARTES: Não estou atacando o raciocínio dedutivo em si mesmo. Longe disso. O que estou dizendo é que o silogismo é muito menos útil para descobrir a verdade do que pensavam os filósofos escolásticos. E a razão que tenho para dizê-lo é que, em um raciocínio logicamente válido, a verdade da conclusão está implícita na verdade das premissas.

SÓCRATES: Não é possível que alguém, mesmo sabendo que as premissas e a conclusão de um silogismo são verdadeiras, ignore que aquelas são a razão desta? Digamos, por exemplo, que certa pessoa te odeia e que sabes disso, mas não sabes o porquê. Sabes também que és muito mais inteligente do que ela. Então um amigo em comum te revela que a razão de essa pessoa te odiar é porque tem inveja de ti. Isto, para ti, não seria conhecimento novo?

DESCARTES: De fato seria.

SÓCRATES: Mas o teu amigo esclareceu a relação entre as proposições através de um silogismo, ou, no mínimo, de um entimema, que é um silogismo em que uma das premissas permanece subentendida, a qual, neste caso, tu já conhecias e sabias sua veracidade, a saber, que aqueles que invejam, odeiam o objeto de sua inveja.

DESCARTES: É isso mesmo.

SÓCRATES: E neste caso, não foi um silogismo que te deu esse conhecimento novo?

DESCARTES: Poder-se-ia dizer que esse conhecimento não é conhecimento de uma nova verdade, mas de uma relação causal entre duas verdades, visto já sabermos que a conclusão do silogismo era verdadeira.

SÓCRATES: Mas não é da mesma forma possível que alguém, mesmo sabendo que as duas premissas são verdadeiras, nunca venha a ligar uma à outra para extrair-lhes a conclusão? Neste caso, a verdade da conclusão seria, para ele, conhecimento novo. Conhecimento trazido à luz pelo silogismo.

DESCARTES: Poderias dar-me um exemplo que se aplique ao conhecimento filosófico ou teórico?

SÓCRATES: Creio que há exemplo excelente num livro que deixei por aqui em algum lugar – não me lembro onde...

DESCARTES: Deve ser, sem dúvida, um livro esotérico, de algum filósofo obscuro.

SÓCRATES: Tal filósofo chama-se René Descartes e o livro é o *Discurso do Método*.

DESCARTES: Oh.

SÓCRATES: Ah, ei-lo aqui. E aqui estão as duas premissas que já compreendes com clareza e nas quais crês. A primeira diz que *todo* pensamento filosófico rigoroso deve seguir o teu método científico. E a segunda, que o teu método científico é o primeiro passo do pensamento filosófico rigoroso. Percebes a conclusão lógica que surge dessas duas premissas? Ou nunca ligaste uma à outra até o momento, nem nunca lhes tiraste a conclusão que agora parece te constranger (pois percebo que teu semblante está levemente ruborizado), ou seja, que o teu próprio método deve avaliar-se a si mesmo?

DESCARTES: Touché. Foi um truque sutil, Sócrates.

SÓCRATES: Tu não estás dizendo que a coerência lógica é um truque, estás?

DESCARTES: Não.

SÓCRATES: E certamente não temes que o teu método venha a *fracassar* em tal exame, ou temes? Que o que proclamas ser a essência destilada do método científico venha a dar provas de ser pouco científico? E que essas provas sejam dadas pelo próprio método? Certamente não temes que toda a tua filosofia esteja baseada em uma premissa auto-contraditória?

DESCARTES: É claro que não!

SÓCRATES: Ótimo. Então não tens nada a temer do meu exame.

DESCARTES: Não, não tenho. Mas por que critério pretendes avaliar o meu método, Sócrates?

SÓCRATES: Ora, pelos critérios do próprio método, é claro. Pensas haver critério mais justo?

DESCARTES: Não.

SÓCRATES: Pensas, por acaso, haver critério *melhor* do que esse em algum aspecto, ou que lhe seja *superior*?

DESCARTES: Não, não para julgar o pensamento científico... mas...

SÓCRATES: Por que a hesitação?

DESCARTES: Porque, se o que exigés é que o método prove a si mesmo, devo dizer que essa é uma tarefa impossível, como é impossível para um silogismo provar as mesmas regras que o fundamentam ou as premissas de que se compõe. Tal argumento seria uma “petição de princípio”, ou a falácia de pressupor aquilo mesmo que se deve provar.

SÓCRATES: Concordo contigo inteiramente.

DESCARTES: Ah.

SÓCRATES: Pensaste que eu não era bom em Lógica? Sabes que eu praticamente a inventei.

DESCARTES: Então não exiges que o meu método prove a si mesmo.

SÓCRATES: É claro que não. Exijo somente que não contradiga a si mesmo.

DESCARTES: Oh. Bem, não tenho medo de que isso aconteça.

SÓCRATES: Então não tens medo de mim.

DESCARTES: Creio nisso.

SÓCRATES: Assim, ambos aceitamos o princípio de que não se pode provar a “validade” de uma coisa pressupondo esta mesma coisa, seja ela o teu método, os meus silogismos, ou o que mais for.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Então não é possível provar a validade da razão por meio de um ato da razão, pois este pressupõe a validade daquela.

DESCARTES: Está de acordo com o nosso princípio.

SÓCRATES: Então esta *não é* a finalidade do teu método: colocar tudo em dúvida, até mesmo a própria razão; exigir provas de nossas ferramentas mentais antes de construirmos nossos edifícios de idéias; nem é, depois de exigires tais provas, fornecê-las.

DESCARTES: Isso seria impossível, pois é auto-contraditório. Como poderia um réu ser juiz dos outros réus? No momento em que *todos* os atos da razão são levados a julgamento, *nenhum* deles pode julgar ou inocentar a si mesmo ou aos outros.

SÓCRATES: Fico feliz de ver que não cometeste essa falácia, como afirmam alguns de teus opositores. Eles dizem que foste o primeiro a levantar a questão do “problema crítico”, isto é, da crítica da própria razão. Outros, ao invés de te censurarem, louvam-te por esse mesmo motivo.

DESCARTES: Eu não mereço nem o louvor nem a censura. Outros talvez acaalentassem essas ambições, tão elevadas quanto irrealizáveis, mas as minhas foram mais modestas.

SÓCRATES: Voltemos então ao teu modesto método e perguntemo-nos o que o justifica, se ele não pode justificar a si mesmo. De certo não é arbitrário. Certamente, tu nos podes dar uma boa razão para ele.

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: Acho que podes adivinhar minha próxima pergunta.

DESCARTES: Minha resposta é tão óbvia quanto a tua pergunta, Sócrates. E ela é a seguinte: utilidade. Um método justifica-se pelos seus resultados. Um método não é uma casa, mas uma ferramenta, não é uma ciência, mas um instrumento, não é um conjunto de indicadores, mas de imperativos. Não preciso provar que ele é *verdadeiro*, pois não reivindica tal coisa para si, preciso apenas provar que é útil.

SÓCRATES: Útil para quê?

DESCARTES: Útil para encontrar a verdade; e encontrá-la com certeza. É nisso que consiste sua superioridade. Eu reconheço que há muitos métodos para encontrar a verdade, mas o meu método gera certeza, e é por isso que, como afirmei anteriormente, ele poderá superar as diferenças de opinião.

SÓCRATES: Certeza a respeito de quê? Diferenças de opinião a respeito de quê?

DESCARTES: A respeito de tudo! Escrevi esta passagem tendo em mente o maravilhoso exemplo que deste ao ensinares geometria para o escravo de Menon:

(DM 2, par. 11)

Essas longas cadeias de razões, todas simples e fáceis, de que os geômetras costumam servir-se para chegar às suas mais difíceis demonstrações, haviam me dado ocasião de imaginar que todas as coisas possíveis de cair sob o conhecimento dos homens seguem-se umas às outras da mesma maneira [*isto é, dedutivamente*] e que, contanto que nos abstenhamos somente de aceitar por verdadeira qualquer coisa que não o seja, e que guardemos sempre a ordem necessária para deduzi-las umas das outras, não pode haver nada tão afastado a que não se chegue por fim, nem tão oculto que não se descubra.

SÓCRATES: Nada, René? Nada mesmo?

DESCARTES: Nada neste universo finito. É claro que não me refiro aos mistérios de Deus.

SÓCRATES: Dirias, então, de tudo quanto existe no universo, que, se é real é racional, e se é racional pode ser conhecido, contanto que usemos o teu método da maneira adequada, e que, portanto, tudo quanto existe no universo pode ser conhecido pelo teu método?

DESCARTES: Teu silogismo é válido, Sócrates, e todas as suas proposições são verdadeiras. Sim, em princípio, tudo quanto existe no universo pode ser conhecido pelo meu método.

SÓCRATES: E com “conhecido” queres dizer “descoberto”?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E também “compreendido”?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E “provado”?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Com “certeza”?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: É uma afirmação impressionante.

DESCARTES: Se achas difícil crer em tal afirmação, é preciso uma coisa apenas para refutá-la: exhibir ou uma verdade que não se possa descobrir, ou um conceito que não se possa compreender ou uma única conclusão que não se possa provar, jamais, pela razão bem utilizada.

SÓCRATES: Mas não é essa uma exigência impossível de cumprir? Pois se alguém *chegasse* a mostrar uma única verdade, afirmando não ser possível descobri-la, o ato mesmo de mostrá-la a “descobriria”. E se alguém viesse a expor um conceito, afirmando que não se pode compreendê-lo, o ato mesmo de expô-lo o compreenderia, caso contrário não seria de forma alguma um conceito, mas apenas um som sem sentido. E se alguém apresentasse uma conclusão, dizendo que é verdadeira, mas que não se pode prová-la, ele o faz porque acredita na sua veracidade e tem razões para tanto, e estas razões são as premissas que provam a conclusão.

Ora, a razão, por sua própria natureza, não pode gerar o irracional. Pois tudo quanto é gerado pela razão é racional. A razão não pode produzir o que a razão não pode produzir. Isso seria um contra-senso. A tua afirmação, portanto, é uma tautologia: é verdadeira tão somente pela sua forma lógica, independentemente do conteúdo.

DESCARTES: Mesmo sendo uma tautologia, ela ainda assim é verdadeira.

SÓCRATES: Mas não pode confirmar a validade do teu método. Que tudo quanto existe no universo é, em princípio, racional, ou seja, possível de se conhecer pela razão, isso é tanto uma verdade quanto uma tautologia. Mas que tudo que existe possa ser conhecido *pelo teu método* em vez de por outro qualquer, e que coisa alguma escape a ele – isso não é nem tautologia, nem verdade comprovada. Até agora, és apenas um vendedor com promessas.

DESCARTES: Isso é verdade. Mas elas serão cumpridas.

SÓCRATES: Como?

DESCARTES: Pela experiência. A promessa de um resultado prático é realizada na prática; e o resultado que prometo é prático, portanto ele realizar-se-á na prática. Não é justo que tu ou qualquer outro exijas uma justificativa teórica para algo que é prático.

SÓCRATES: É verdade. Mas, por outro lado, nenhum método deve contradizer a si mesmo, não concordas?

DESCARTES: É claro. Pensas ter encontrado alguma contradição?

SÓCRATES: Talvez. Observemos mais atentamente. Afirmas que o teu método é algo que pode ser conhecido?

DESCARTES: É claro. De que outra forma poderia ensiná-lo?

SÓCRATES: Mas antes já admitiste que o método não pode provar a si mesmo.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Segue-se então que nem tudo o que pode ser conhecido pode ser provado pelo teu método!

DESCARTES: Ah. Bem, então, eu resolvo isto restringindo minha afirmação. Todas as *outras* coisas podem ser provadas pelo meu método. Ele é como o sol: o sol não pode iluminar-se a si mesmo, ainda que tudo o mais seja iluminado por ele.

SÓCRATES: Assim evitas te contradizer. Mas penso enxergar mais um contrassenso na primeira das quatro regras do método, em que dizes aceitar como verdadeiras somente as idéias claras e distintas. O problema é que esta regra não parece ser nem clara nem distinta.

Os outros passos não contradizem a si mesmos. Utilizar divisão e análise não contraria a regra de divisão e análise. Avançar do mais simples ao mais complexo de maneira ordenada é, em si mesmo, simples e ordenado. E não há contradição em submeter a exame universal toda a tua filosofia, incluindo o método e a quarta regra do método, a exigência de revisão universal. Mas o primeiro passo, tratar tudo como se fosse falso até que se prove verdadeiro, ou seja, começar pela dúvida universal – isso de fato me parece contraditório. Pois tal preceito pode ser posto em dúvida, e de fato foi, não por uns poucos filósofos apenas, mas por quase todos que vieram antes de ti! No entanto, não tens dúvida de que devemos começar pela dúvida. A contradição está no seguinte: declaras que a tua dúvida é universal quando não é, pois ela não duvida de si mesma. Não pões em dúvida nem o fato de estares duvidando, nem a necessidade de fazê-lo.

DESCARTES: Bem, posso evitar essa contradição restringindo a universalidade da minha dúvida, assim como fiz com a afirmação acerca do poder do método. Não faz diferença, pois o método, de qualquer maneira, funciona na prática. Funciona maravilhosamente bem para tudo a não ser para si mesmo.

SÓCRATES: Então continuas afirmando não haver nenhum objeto existente, ou verdade sobre objeto existente, que não possa ser conhecido pelo método?

DESCARTES: É isso o que afirmo.

SÓCRATES: E não há nada que se possa conhecer melhor por outro método?

DESCARTES: Não foi isso o que eu disse.

SÓCRATES: Dirias então que, para se conhecerem certas coisas, pode haver um método melhor que o teu, ou não?

DESCARTES: Digamos que eu diga que não.

SÓCRATES: Então não há nada que se possa conhecer melhor confiando do que duvidando?

DESCARTES: Não desde o começo. A dúvida é o melhor começo. O objetivo de começar com a dúvida é terminar com a certeza. Espero que tenhas entendido que a dúvida universal não faz de mim um cético. Longe disso. Também não defendo nenhum dogma. Eu não *começo* com a certeza, espero apenas *acabar* com ela. Pois creio que, se começarmos com a certeza, acabaremos duvidando, ao passo que, se começarmos duvidando, poderemos acabar com a certeza.

SÓCRATES: E isso é verdade sobre tudo quanto existe no universo?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: És *tu* algo que existe no universo?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Logo, também podes ser mais bem conhecido se duvidarmos de ti ao invés de confiarmos em ti. Mas será que é assim mesmo? Será que posso te compreender melhor duvidando de ti e não confiando em ti? Será que conhecemos melhor uma pessoa duvidando de tudo o que diz respeito a ela, até mesmo da sua própria existência e da verdade de todas as suas palavras?

DESCARTES: É óbvio que não. Eu não estou falando sobre conhecer pessoas, Sócrates, mas sobre conhecer idéias. Pessoas devem ser consideradas inocentes até prova em contrário, mas idéias devem ser consideradas culpadas até que se provem inocentes, ou melhor, falsas até que se provem verdadeiras.

SÓCRATES: E isto para todas as idéias? Será que todas as idéias, na cabeça de todas as pessoas, em todas as épocas e situações conhecer-se-ão da melhor maneira possível se as tratarmos como hipóteses científicas?

DESCARTES: É claro que não, Sócrates. Não estou sugerindo que todo mundo use o meu método o tempo inteiro. Nunca aprenderíamos coisa alguma se começássemos por descrer em todos os nossos professores ou, durante a infância, se começássemos por duvidar do testemunho dos nossos sentidos. O meu método é apenas para a ciência e para a filosofia.

SÓCRATES: Então ele pressupõe já termos aprendido alguma coisa através da confiança nos sentidos, bem como através da confiança em nossos pais e professores, da maneira como aprendem todas as crianças.

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: E isso é fé, em vez de dúvida.

DESCARTES: No caso das crianças? Sim.

SÓCRATES: Então o teu método da dúvida pressupõe a fé.

DESCARTES: Não, não, ele não *pressupõe* a fé, como se fosse uma premissa. Ele não tem premissas.

SÓCRATES: Ele pode não pressupor a fé *logicamente*, mas a pressupõe *realmente*. Pois quem nunca tivesse tido fé nos sentidos ou em seus professores, jamais poderia usar o teu método. Sem passar pelo caminho da fé não se pode chegar ao caminho da dúvida.

DESCARTES: Bem, é claro. Mas o caminho da fé não faz parte do *método*; faz parte somente da história inicial daquela pessoa que veio a crescer o bastante para usar o método.

SÓCRATES: Concordas, então, que os princípios do teu método científico *não* são como os da matemática, mas antes como os da cirurgia ou da arte militar? Deixe-me explicar o que quero dizer com essa distinção. Os princípios da matemática são abstratos, imutáveis e auto-suficientes, enquanto os princípios da cirurgia e da arte militar nos são necessários, merecendo nossa atenção, apenas porque estamos sujeitos ao erro e à ignorância, à fraqueza e ao perigo.

DESCARTES: Se bem compreendi tua distinção, concordo que o meu método é como aquele da cirurgia ou da guerra. Ele é prático.

SÓCRATES: Podemos concluir, então, que a razão pela qual o teu método é útil à humanidade é semelhante à razão pela qual a cirurgia e a arte da guerra são úteis?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E quando é que elas são úteis? Por acaso vemos utilidade na cirurgia quando estamos saudáveis?

DESCARTES: Não, só quando estamos doentes.

SÓCRATES: E quanto aos exércitos e armadas, vemos nessas coisas alguma utilidade quando estamos em paz?

DESCARTES: Não, só quando estamos em guerra.

SÓCRATES: Então quando é que vemos utilidade no conhecimento prático?

DESCARTES: Quando temos necessidades.

SÓCRATES: Necessidades reais, ou imaginadas?

DESCARTES: Necessidades reais, já que podemos nos enganar quanto a elas.

SÓCRATES: E de fato nos enganamos. E temos necessidade desses conhecimentos práticos o tempo inteiro?

DESCARTES: Não, só em algumas situações.

SÓCRATES: Situações reais?

DESCARTES: É claro. Por que a pergunta?

SÓCRATES: Porque o primeiro passo do teu método é duvidar de *tudo*, inclusive da situação real e das suas necessidades. Com efeito, duvidas do mundo inteiro.

DESCARTES: É verdade.

SÓCRATES: Não enxergas a evidente contradição que está aí?

DESCARTES: De forma alguma. Vejo contradição no *ceticismo* universal enquanto filosofia – pois como poderia o cético saber que não sabe? – mas não na dúvida universal enquanto método. Duvidar do mundo inteiro não é ceticismo; é a maneira de *refutá-lo*. Serve para conhecer o mundo inteiro com mais certeza. É tal qual uma criança que, tendo atingido a maioridade, deixa os pais e a família para, mais tarde, relacionar-se com eles de maneira melhor e mais adulta. Não é uma analogia razoável?

SÓCRATES: Parece que é. Mas em vez de nos aprofundarmos nessa questão agora, tenho outra pergunta para te fazer.

DESCARTES: Por que será que isso não me surpreende?

SÓCRATES: É a seguinte: é razoável falar de um único método, “do” método, para se obter certeza em todas as coisas, para encontrar uma moeda perdida, detectar ondas invisíveis de energia, avaliar um teste de língua inglesa, solucionar uma equação algébrica, chegar à Lituânia ou chegar ao céu?

DESCARTES: Por que não? Sem dúvida existe algo comum a todos esses problemas: sua forma lógica.

SÓCRATES: Mas há também algo que os diferencia, e este algo é o seu conteúdo, ou matéria. E este conteúdo, ou matéria, que é diferente em cada problema, é o que parece exigir métodos diferentes. Negas um princípio tão óbvio?

DESCARTES: De forma alguma. Não digo que o meu método é o único que deva ser usado, por todo mundo, em todas as situações. Digo apenas que é o mais científico dos métodos e o mais adequado para obter certeza em qualquer das ciências.

SÓCRATES: Então não negas que certas coisas podem ser mais bem compreendidas quando *não* usamos o teu método, especialmente quando não seguimos o seu primeiro passo, isto é, a dúvida universal e tua insistência naquilo que chamas “idéias claras e distintas”.

DESCARTES: Não o nego. Tenho consciência de que, quando é para conhecer pessoas e não idéias, o que com mais frequência necessitamos é da confiança em vez da desconfiança. Também poderia acrescentar que, no que diz respeito a conhecer pessoas, a insistência em idéias claras e distintas é antes um impedimento, pelo menos no início. Da mesma forma, o preceito que nos instrui a usar a análise antes da síntese não é adequado para conhecer pessoas, pois nossa primeira impressão intuitiva pode, às vezes, revelar o que a análise não revela. E há outra regra do método, cujo preceito, quando se trata de conhecer pessoas, às vezes é melhor desobedecer do que obedecer: aconselho a começar do simples e avançar em direção ao complexo, mas, com frequência, é melhor começar do todo complexo que é uma pessoa ao invés de começar com um aspecto, parte ou dimensão mais simples e mais fácil de conhecer, tal como a idade, o nome, ou o grau de inteligência. Não, meu método não foi concebido para o dia-a-dia, mas para as ciências.

SÓCRATES: A filosofia é uma ciência?

DESCARTES: Sem dúvida que é.

SÓCRATES: E os homens, foram todos eles convocados a filosofar?

DESCARTES: Não, pois nem todos foram convocados a pensar cientificamente.

SÓCRATES: Mas não são todos os homens chamados à sabedoria?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E não é a filosofia amor à sabedoria?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Então todos os homens são convocados a filosofar – como tu mesmo explicaste no início do teu livro, onde apelaste a uma “razão” que era tão comum, que a denominaste “o mais bem distribuído dos dons da humanidade”. Na verdade, negaste haver quaisquer diferenças inatas na habilidade que os homens têm de distinguir o verdadeiro do falso.

DESCARTES: Talvez haja três tipos diferentes de filosofia: a filosofia à qual todos os homens são chamados, que é o teu tipo de filosofia; a filosofia reservada àqueles que desejam pensar cientificamente, como eu; e a falsa filosofia que existia no meu tempo, nas escolas medievais, que é pseudo-científica e não possui nem o apelo popular e a inteligibilidade da tua filosofia, nem o método

verdadeiramente científico e a certeza da minha. Ora, Sócrates, estudei a filosofia escolástica nas melhores escolas do mundo, e ela era tão técnica e tão difícil que apenas uns poucos conseguiam compreendê-la. Foi por isso que saí em busca de um novo método, um método que todos pudessem usar para pensar criticamente – como o fizeste, Sócrates. Tu também encontraste um método que todos poderiam seguir: o silogismo.

SÓCRATES: Porém, quando leio o teu livro propriamente filosófico, as *Meditações*, vejo-me diante de conceitos tão abstratos e argumentos tão difíceis que, ao contrário dos meus diálogos, poucas pessoas comuns poderiam compreendê-los. Interroguei soldados, *playboys* e sofistas, e eu mesmo era um simples escultor. E todos me compreenderam. Pensas que poderiam fazer o mesmo contigo?

DESCARTES: É provável que não.

SÓCRATES: Então, quanto ao aspecto excessivamente técnico, estás mais próximo da filosofia escolástica que rejeitaste do que do meu tipo de filosofia.

DESCARTES: Ai de mim; é o oposto de minha meta e intenção.

SÓCRATES: Então o teu método não realizou o que tencionavas. E que método era esse mesmo? Não havia um livro sobre ele por aqui em algum lugar?

O Matematicismo de Descartes

SÓCRATES: Antes de explorarmos o terceiro capítulo do teu livro e os quatro princípios morais nele contidos, há mais um assunto sobre o qual eu gostaria de te perguntar. Dizes que:

(DM 2, par. 12)

Havendo apenas uma verdade de cada coisa, todo aquele que a encontrar sabe a seu respeito tanto quanto se pode saber... por exemplo, uma criança instruída na aritmética, que tenha efetuado uma adição segundo as regras, pode estar certa de ter achado, quanto à soma que examinava, tudo o que o espírito humano poderia achar.

Reconheço que este é o resultado obtido pelo método das ciências matemáticas; no entanto, afirmas que, usando tal método, o mesmo resultado se repetirá nas outras ciências, e mesmo na filosofia? Se é isso o que dizes, tenho algumas perguntas para te fazer a respeito dessa afirmação. Se não é, qual o sentido de colheres teu exemplo da aritmética, senão para exemplificar um princípio mais geral?

DESCARTES: É isto mesmo o que afirmo, Sócrates. E fico surpreso em ver que o questionas. Obviamente, uma proposição ou é verdadeira ou é falsa, esteja ela a falar de números ou do que quer que seja; da mesma forma, ou sabemos se ela verdadeira ou não sabemos. Qual é o problema?

SÓCRATES: Pergunto-me se isso é tudo o que entendes por “conhecer”.

DESCARTES: Penso que é possível usar a palavra “conhecer” para referir-se a certas modalidades de apreensão que não são nem científicas, nem metodológicas, nem lógicas – como algum tipo de percepção intuitiva, por exemplo. Mas eu não chamaria isso de “conhecimento”.

SÓCRATES: Mas e quanto a um conhecimento científico que progrida por método estritamente lógico, afirmas que todo conhecimento de tal espécie está submetido ao teu princípio matemático?

DESCARTES: Afirmo.

SÓCRATES: Então queres dizer que, quando sabes que todos os homens são mortais, e quando uma criança de cinco anos de idade sabe que todos os homens são mortais, ambos sabeis exatamente a mesma coisa.

DESCARTES: Certamente.

SÓCRATES: E tu não sabes mais do que a criança?

DESCARTES: É exatamente isso o que quero dizer.

SÓCRATES: Só por conhecerdes a simples e inequívoca verdade de que todos os homens são mortais?

DESCARTES: Sim. Tu entendeste o que quero dizer, Sócrates. Que há para questionar nisto?

SÓCRATES: Realmente *não compreendes o que dizes* mais do que a criança? Não tens um conceito de “homem” e de “mortal” mais claro e adequado do que ela?

DESCARTES: Sim, sem dúvida os tenho.

SÓCRATES: Mas dizes que *não sabes* nada além do que a criança sabe.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Então não consideras que isso seja “conhecimento”.

DESCARTES: Considero que *o quê* seja conhecimento?

SÓCRATES: Saber exatamente o que queres dizer com os termos da proposição que enuncias.

DESCARTES: É isso mesmo.

SÓCRATES: Creio, no entanto, que a maioria das pessoas *considera* tal coisa “conhecimento”. E eis aqui outra coisa que é considerada “conhecimento” pela maioria das pessoas: quando “sabes” que todos os homens são mortais, também sabes o *porquê* de ser assim e que *deve* ser assim. Mas a criança talvez não saiba a razão, o porquê: que possuir um corpo animal é parte da natureza humana. E mesmo que o saiba, ela pode pensar, erroneamente, que isto não é necessário, mas accidental e mutável, como o fato de todos os homens que existiram até agora terem tido menos de três metros e meio de altura. Mas essas duas coisas – conhecer a razão e conhecer a necessidade – tu não as consideras “conhecimento”?

DESCARTES: Entendo o que queres dizer, Sócrates. Eu estava me referindo apenas ao “julgamento”, ou “segundo ato da mente”. Tu estás te referindo à “compreensão” e também ao “raciocínio”, que são o primeiro e o terceiro atos da mente. Se chamas a essas duas coisas “conhecimento” e eu não, é apenas questão de como usamos as palavras.

SÓCRATES: Mas quando usas a palavra “saber” na passagem citada, dizendo que não há nada em uma proposição que possa ser mais bem compreendido por um adulto do que por uma criança, equivocas teus leitores se não usas o termo no mesmo sentido que eles.

DESCARTES: Referia-me, porém, apenas a equações matemáticas. E quanto a elas, é assim como descrevi. A criança sabe que $2 + 2 = 4$, e da mesma forma o

adulto, não havendo diferença nenhuma aí.

SÓCRATES: Mas *há* diferença quando, em vez de números, falamos do homem, da mortalidade, da virtude e de coisas semelhantes, não há?

DESCARTES: Reconheço que sim.

SÓCRATES: Mas não é o propósito da tua argumentação convencer-nos de que o método matemático pode ser aplicado a tudo? Não disseste uma página atrás que as longas cadeias de raciocínios dos geômetras podiam ser aplicadas a todas as coisas conhecíveis e que não havia nada de tão distante ou oculto que não pudesse ser revelado por meio delas? Isso me parece antes uma afirmação extremamente radical em vez de uma simples questão sobre como iremos usar as palavras para dizer algo que todos já sabíamos ser verdade.

DESCARTES: Sim, é isto o que defendo: que o método matemático pode ser aplicado a tudo.

SÓCRATES: Certamente compreendes que a maioria das pessoas discorda desta afirmação.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E certamente tens uma resposta preparada para responder às suas objeções.

DESCARTES: Que objeções? Se eles me derem razões, eu lhes responderei. Se só emitirem preconceitos, não poderei refutá-los.

SÓCRATES: Bem, digamos que eles te dessem a seguinte razão: dissessem que o conhecimento matemático só pode alcançar um tipo de certeza que os outros não podem por causa do seu conteúdo exclusivo: os números. Pois os números são inteiramente distintos um do outro e são a única linguagem que é absolutamente desprovida de ambigüidade, podendo ser entendidos pelas crianças pequenas tão bem como pelos adultos. Mas quando estamos a falar de coisas reais, tais como a natureza humana, a natureza animal e as virtudes, essas coisas não são distintas umas das outras como a dualidade e a triplicidade o são, nem são elas absolutamente desprovidas de ambigüidade, nem podem ser conhecidas tão bem por crianças pequenas como por adultos sábios.

DESCARTES: Talvez isso seja assim só porque ninguém tentou aplicar-lhes o método matemático. Se o meu experimento mental foi bem sucedido ou não, não é algo que se pode determinar a priori, antes de se tentar realizá-lo. O sabor do pudim se descobre comendo. Não importa o quão radical seja minha proposta, nem o quanto contrarie as opiniões correntes, ela deve ser provada ou refutada mediante exame. Não concordas com este princípio?

SÓCRATES: Concordo.

DESCARTES: Então voltemos ao exame e ao meu livro.

SÓCRATES: É exatamente isso o que faremos, examinando brevemente a Terceira Parte.

A Moral Provisória de Descartes

SÓCRATES: Na Terceira Parte, dá-nos quatro regras práticas para orientarmos nossa conduta. Vou ler o que penso ser uma breve descrição do propósito das tuas quatro regras, prosseguindo depois com as regras mesmas. Avise-me, por favor, se julgares que estou omitindo qualquer coisa essencial.

(DM 3, par. 1)

Enfim, como não basta, antes de reconstruir a casa onde se mora, derrubá-la, ou prover-se de materiais e arquitetos, ou adestrar-se a si mesmo na arquitetura, nem, além disso, ter traçado cuidadosamente o seu projeto; mas cumpre também ter-se provido de outra qualquer onde a gente possa alojar-se comodamente durante o tempo em que nela se trabalha; assim, a fim de não permanecer irresoluto em minhas ações, enquanto a razão me obrigasse a sê-lo em meus juízos, e de não deixar de viver desde então o mais feliz possível, formei para mim mesmo uma moral provisória, que consistia apenas em três ou quatro máximas [...]

(DM 3, par. 2)

A primeira era obedecer às leis e aos costumes de meu país, retendo constantemente a religião em que Deus me concedeu a graça de ser instruído desde a infância, e governando-me, em tudo o mais, segundo as opiniões mais moderadas e [...] que fosse comumente acolhidas em prática pelos mais sensatos [...]

(DM 3, par. 3)

Minha segunda máxima consistia em ser o mais firme e o mais resoluto possível em minhas ações, e em não seguir menos constantemente do que se fossem muito seguras as opiniões mais duvidosas, sempre que eu me tivesse decidido a tanto. Imitando nisso os viajantes que, vendo-se extraviados nalguma floresta, não devem errar volteando, ora para um lado, ora para outro [...] mas caminhar sempre o mais reto possível para um mesmo lado, e não mudá-lo por fracas razões [...]

(DM 3, par. 4)

Minha terceira máxima era de procurar sempre antes vencer a mim próprio do que a fortuna, e a de antes modificar os meus desejos do que a ordem do mundo; e, em geral, a de acostumar-me a crer que nada há que esteja inteiramente em nosso poder, exceto os nossos pensamentos [...]

(DM 3, par. 5)

Enfim, para conclusão dessa moral, deliberei passar em revista as diversas ocupações que os homens exercem nesta vida, para procurar escolher a melhor [...]

DESCARTES: É de fato um belo resumo. Que queres saber a seu respeito?

SÓCRATES: Se acreditas nele.

DESCARTES: Pensas que *menti*?

SÓCRATES: Não, mas me pergunto se não é mais um osso que atiraste aos inquisidores.

DESCARTES: Claro que é. Esses princípios não são radicais, como o meu novo sistema de pensamento. Mas isso não significa que menti. Continuo crendo nestas quatro máximas.

SÓCRATES: Dizes que são verdadeiras?

DESCARTES: Não, mas também não são falsas. Elas não são teóricas, mas práticas.

SÓCRATES: Entendo. Então não são certas, mas prováveis.

DESCARTES: Correto.

SÓCRATES: E não são definitivas, mas provisórias.

DESCARTES: Correto novamente. Foi assim que as descrevi. Recorda-te da imagem da construção de uma casa. É preciso existir, alimentar-se, sobreviver e permanecer abrigado enquanto se constrói uma nova casa. Da mesma forma, eu também precisava levar a vida enquanto construía meu novo sistema de pensamento. Mas ainda não era possível viver de acordo com o novo sistema, somente de acordo com o antigo. É por isso que o sistema antigo parece contrariar o novo.

SÓCRATES: O leitor atento certamente irá notar a contradição entre essas quatro máximas e as quatro regras do teu método, especialmente entre as primeiras regras deste e daquele. Pois a primeira regra do teu método é duvidar de todas as opiniões tradicionais, ao passo que a primeira regra da tua moral é aceitar essas opiniões sem questionamento e viver de acordo com elas.

DESCARTES: Certamente. Pois há uma grande diferença entre a maneira como devemos viver na cabana, enquanto construímos a mansão, e a maneira como haveremos de viver na própria mansão.

SÓCRATES: E quando finalmente a tiveres construído, poderás viver nela?

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: Assim, a mansão, isto é, o teu novo sistema de pensamento, não é apenas uma obra de arte para ser contemplada, mas uma casa em que se pode morar?

DESCARTES: De fato. Na verdade, será o início de uma nova vida: progresso, paz e contentamento, não só no pensamento, mas na Terra.

SÓCRATES: Dois séculos depois da tua morte, outro filósofo surgirá com afirmação semelhante a tua, vindo a construir um sistema racional parecido com o teu. Ele chamar-se-á Hegel. E em outro filósofo chamado Kierkegaard ele encontrará um crítico tão acerbo de suas idéias quanto Pascal foi das tuas, ao criticar o teu sistema por ser “inútil e incerto”. E a crítica que esse Kierkegaard fará de Hegel é, em essência, que o sistema racional que este construía era tal como um castelo sem portas. Pode-se contemplá-lo e admirá-lo, mas não se pode viver nele. Só se pode viver na humilde cabana fora dos muros do castelo, da mesma maneira que só se pode viver na chamada “moral provisória”, que

esperavas algum dia transcender mediante a aplicação do teu método às questões morais, construindo assim um sistema ético inteiramente racional. Que tal sistema pode ser pensado, mas não vivido, será a crítica essencial à totalidade do movimento chamado “Iluminismo”, cujo pai foste tu.

DESCARTES: Que coisa mais interessante. Mas qual é tua pergunta, Sócrates?

SÓCRATES: Compreendo que este conjunto de normas morais não foi concebido com o propósito de ser certo, ou mesmo, segundo os rigorosos padrões do teu método, racional. Tinhas, por acaso, a esperança de, no devido tempo, vir a construir um sistema ético certo e racional, tendo por base o teu novo método?

DESCARTES: Tinha. Mas não tive a oportunidade de fazê-lo. Morri cedo demais.

SÓCRATES: Pode ser do teu interesse, então, saber de outro homem, o qual, neste exato momento, encontra-se na fila para vir a este lugar, e que se gaba de ter feito exatamente o que planejaste. Seu nome é Immanuel Kant e o seu livro, *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, está na minha lista para ser examinado em breve. Talvez queiras ser uma “mosquinha” invisível para escutar nossa conversa quando chegar a hora.

DESCARTES: Nada me poderia encantar mais do que isso, Sócrates. Obrigado.

SÓCRATES: Antes, porém, precisamos terminar o exame do teu livro. Isto significa que devemos examinar o resumo do teu novo sistema filosófico, na Quarta Parte. Tudo o que dissemos até agora foi mera introdução a ela – uma introdução bastante longa, devo reconhecer – e tudo o que será dito depois, quando investigarmos, na Quinta e Sexta Partes, as afirmações que fazes a respeito das outras ciências, poderá ser discutido brevemente. Assim que, agora, estamos prontos para o prato principal.

DESCARTES: Estou com água na boca, Sócrates.

SÓCRATES: Ótimo, mas não é o suficiente. Espero, além disso, que tua comida seja de fácil digestão.

Primeiro Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: A Dúvida Universal

SÓCRATES: Visto como o teu pensamento encadeia-se linearmente, indo de um ponto a outro como das premissas se vai à conclusão, o teu sistema filosófico, tal como o resumiste no livro, pode ser dividido em seis etapas:

Primeiro, a dúvida universal como ponto de partida metodológico.

Segundo, tua primeira certeza, ou o “ponto arquimédico” de tua filosofia, “Penso, logo existo”.

Terceiro, tua antropologia, ou a resposta que deste à pergunta “*o que sou*”.

Quarto, tua epistemologia, em especial o teu critério de veracidade: as idéias “claras e distintas”.

Quinto, tua metafísica ou teologia filosófica: as provas da existência de Deus.

Sexto, tua fundamentação filosófica das ciências: a prova da realidade do mundo físico.

Comecemos, então, do começo.

DESCARTES: E o meu começo é o único inquestionável.

SÓCRATES: Pergunto-me se existe algo no mundo que seja inquestionável.

DESCARTES: Visto que és o grande questionador da História, serás a pedra-de-toque desta questão.

SÓCRATES: Tenhas, portanto, a bondade de tocar o teu “inquestionável” começo nesta “pedra” que sou eu. Dize-me o que há de tão absolutamente novo nele e por que é inquestionável.

DESCARTES: Posso responder às duas perguntas de uma só vez. O que é absolutamente novo é que começo sem nada: sem suposições e sem premissas. E se não há suposições, não pode haver suposições questionáveis.

SÓCRATES: É certamente verdadeiro que, se não há suposições, não pode haver suposições questionáveis. Resta ver apenas se de fato comesças sem nada, como dizes.

DESCARTES: Crês que esteja escondendo alguma pressuposição oculta? Como poderias prová-lo?

SÓCRATES: Não, não creio que estejas escondendo nada.

DESCARTES: Então o que há de questionável em tudo questionar?

SÓCRATES: Talvez o *ato* de tudo questionar.

DESCARTES: Mas esse ato é puramente empírico. Não é uma pressuposição oculta ou uma premissa. É apenas um método, não um caminho de vida – é apenas, se preferires, um experimento mental.

SÓCRATES: Compreendo isso. Mas mesmo sendo apenas um experimento mental, o experimentador não pode ser parte do experimento; o pensador não pode ser um dos seus pensamentos.

DESCARTES: É verdade. Mas não vejo como este fato poderia lançar dúvida sobre a dúvida universal enquanto ponto de partida metodológico.

SÓCRATES: Examinemos detalhadamente, primeiro, o teu novo começo, tua “dúvida metódica universal”; então veremos se ela é tão universal quanto se gaba de ser.

Eis aqui o texto, o qual dá início à Quarta Parte do teu livro:

(DM 4, par.1)

Não sei se deva falar-vos das primeiras meditações que aí realizei; pois são tão metafísicas e tão pouco comuns que não serão, talvez, do gosto de todo mundo. E, todavia, a fim de que se possa julgar se os fundamentos que escolhi são bastante firmes, vejo-me, de alguma forma, compelido a falar-vos delas. De há muito observara que, quanto aos costumes, é necessário às vezes seguir opiniões que sabemos serem muito incertas, tal como se fossem indubitáveis, como já foi dito acima [*Terceira Parte, segunda máxima*]; mas, por desejar então ocupar-me somente com a pesquisa da verdade, pensei que era necessário agir exatamente ao contrário, e rejeitar como absolutamente falso tudo aquilo em que pudesse imaginar a menor dúvida, a fim de ver se, após isso, não restaria algo em minhas crenças que fosse inteiramente indubitável.

DESCARTES: Espero que compreendas, Sócrates, que não há contradição real entre a decisão de duvidar de tudo e a segunda máxima do meu código moral provisório, mesmo que ambas sejam exatamente o oposto uma da outra. Pois a atividade teórica da busca da verdade não é a mesma coisa que a atividade prática, a qual diz respeito à ação.

SÓCRATES: Compreendo. Está tudo em Aristóteles, afinal.

DESCARTES: E acho que também compreendes, Sócrates, que rejeitar como se fosse falsa toda a idéia minimamente questionável não é ceticismo, mas o caminho para a sua refutação. A dúvida é, de fato, *universal*, mas, ainda assim, é apenas uma dúvida *metodológica*. E isso significa duas coisas: primeiro, que ela não é uma dúvida vivida, posta realmente em prática (esclareci isso através da minha distinção entre teoria e prática), e segundo, que mesmo dentro do reino da teoria, ela é apenas um método, para ser usado no começo, e não uma conclusão fechada a que se chega no final, como é para os céticos.

SÓCRATES: Isso também está claro, de acordo com o que acabaste de dizer. Examinemos então, detalhadamente, esta dúvida.

DESCARTES: Três partes da dúvida estão no *Discurso*, e a estas acrescentarei uma quarta, das minhas *Meditações*, a fim de expor tudo mais completamente (as *Meditações* não apareceram nas minhas mãos como o *Discurso do Método*, visto que a nossa tarefa é somente explorar este último, mas me lembro suficientemente bem do que escrevi nas *Meditações* para fornecer a quarta parte da dúvida, quando chegarmos a ela.)

(DM 4, par. 1)

[1] Assim, porque os nossos sentidos às vezes nos enganam, quis supor que não havia nada que fosse tal como eles nos fazem imaginar.

Veja bem, Sócrates, nossos sentidos às vezes parecem nos enganar, e quando somos enganados, não sabemos que o somos – caso contrário não seria engano. Por conseguinte, não é possível *saber* se as coisas que percebemos neste exato momento realmente são o que parecem.

(DM 4, par. 1)

[2] E, porque há homens que se equivocam ao raciocinar, mesmo no tocante às mais simples matérias de Geometria, e cometem aí paralogismos, rejeitei como falsas, julgando que estava sujeito a falhar, como qualquer outro, todas as razões que eu tomara até então por demonstrações.

Novamente, Sócrates, a nossa faculdade racional, como os sentidos, não é infalível, podendo às vezes nos enganar. E quando nossos próprios erros nos iludem, não percebemos que somos iludidos, mas acreditamos ter encontrado a verdade. Por conseguinte, não é possível saber se as coisas que até agora temos provado mediante o raciocínio não se encontram nessa mesma situação.

(DM 4, par. 1)

[3] E enfim, considerando que todos os mesmos pensamentos que temos quando despertados nos podem também ocorrer quando dormimos, sem que haja nenhum, nesse caso, que seja verdadeiro, resolvi fazer de conta que todas as coisas que até então haviam entrado no meu espírito não eram mais verdadeiras que as ilusões de meus sonhos.

Da mesma forma, Sócrates, nos lembramos de que, em sonhos, já fomos iludidos sobre todas as coisas deste mundo, sejam elas dos sentidos ou da razão. Alguns sonhos nos parecem tão reais que, ao despertarmos, nos maravilhemos de saber que não foram tão reais assim, tendo sido apenas sonhos. Como podemos saber que não estamos agora mesmo vivendo um sonho tal, um que pareça tão verdadeiro que não o colocamos em dúvida enquanto estamos nele?

E eis aqui a quarta parte da minha dúvida, tal como a descrevi nas *Meditações*:

(M 1, par. 12)

[4] Suporei, pois, que há, não um verdadeiro Deus, que é a soberana fonte da verdade, mas certo gênio mau, não menos ardiloso e enganador do que poderoso, que empregou todo o seu esforço em

enganar-me. Pensarei que o céu, o ar, a terra, as cores, as figuras, os sons e todas as coisas exteriores que vemos são apenas ilusões e enganos de que ele se serve para surpreender minha credulidade. Considerar-me-ei a mim mesmo absolutamente desprovido de mãos, de olhos, de carne, de sangue, desprovido de quaisquer sentidos, mas dotado da falsa crença de ter todas essas coisas. Permanecerei obstinadamente apegado a esse pensamento; e se, por esse meio, não está em meu poder chegar ao conhecimento de qualquer verdade, ao menos está ao meu alcance suspender meu juízo. Eis porque cuidarei zelosamente de não receber em minha crença nenhuma falsidade, e prepararei tão bem meu espírito a todos os ardis desse grande enganador que, por poderoso e ardiloso que seja, nunca poderá impor-me algo.

Porque, se um ser assim existisse, seria capaz de me enganar de maneira muito mais eficaz e permanente do que os meus sentidos, minha razão ou meus sonhos.

SÓCRATES: Esses quatro estágios certamente seriam um experimento mental interessante para um aluno, especialmente alguém jovem, que esteja naquela idade em que as dúvidas lhe surgem pela primeira vez, como que espontaneamente, na cabeça. Penso que este estudante ficaria fascinado com um professor que lhe sugerisse ainda mais dúvidas; penso também que este estudante provavelmente tentaria responder a essas dúvidas, e que provavelmente falharia. Talvez venha mesmo a perguntar-se se de fato é verdade que ele está num sonho ou hipnotizado por um espírito maligno – ele poderia até mesmo imaginar por um momento a sensação de paranóia que o acometeria caso acreditasse e vivenciasse realmente esta dúvida – isto seria, para ele, um excitante desafio, um desafio que o levaria para muito além de um “experimento mental” meramente metodológico, ainda que eu creia não ter sido essa a tua intenção. Tu não lhe sugeriste acreditar na dúvida seriamente, mas que a imaginasse em sua mente por um momento, como um “experimento mental”; um jovem excitável, no entanto, poderia utilizar esse experimento de maneira muito mais pessoal, maneira esta que alguns filósofos mais tarde chamariam “existencial”.

DESCARTES: Não sou responsável pelo mau uso que jovens excitáveis venham a fazer de algo cujos propósitos estão claramente expressos!

SÓCRATES: Não estou dizendo que és responsável nem pelo jovem, nem pelos filósofos “existencialistas” que, de maneira mais séria e deliberada, reinterpretarão a tua dúvida como existencial em vez de teórica. Compreendo que para ti o “experimento mental” é apenas um preceito metodológico.

DESCARTES: Mas isso não o torna dispensável. O experimento mental não é apenas algo bastante útil, mas é necessário, pois somente ele pode tornar minha

dúvida verdadeiramente universal. Todos os outros filósofos começaram com alguma coisa; eu sou o primeiro a começar sem nada.

SÓCRATES: Mas tu comesas com alguma coisa.

DESCARTES: É claro que não! Por que o dizes?

SÓCRATES: Porque fazes alguma coisa.

DESCARTES: O que faço?

SÓCRATES: Exatamente o que dizes fazer; comesas sem nada.

DESCARTES: Oh. Então concordas comigo. Passei pela pedra-de-toque.

SÓCRATES: Não tão depressa. Começar sem nada, não é isto alguma coisa?

DESCARTES: É um ato, uma escolha, uma decisão, sem dúvida. Mas não é uma premissa.

SÓCRATES: Entendo, mas eu gostaria de investigar esse ato, por um momento apenas, se não te importares. Tu o descreverias como “a decisão de duvidar de tudo”?

DESCARTES: Exatamente.

SÓCRATES: E duvidar, dirias que é o ato de rejeitar quaisquer opiniões que venhas a encontrar em tua mente?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Não seria isso pressupor a existência dessas mesmas opiniões?

DESCARTES: Bem, é claro. Mas não pressuponho que sejam verdadeiras. É preciso que distingamos entre estas duas idéias: uma, de que existe certa opinião na minha mente; a outra, de que tal opinião seja verdadeira.

SÓCRATES: Ótimo. Distingamos então entre estas duas idéias: uma, de que certa opinião existe verdadeiramente no teu espírito, naquilo que chamaríamos de realidade subjetiva; a outra, de que tal opinião seja verdadeira, verdadeira quanto à realidade objetiva. Ora, parece-me evidente que pressupões a primeira delas, ou seja, que as tuas idéias existem, e, por conseguinte, que a tua *mente* existe e, portanto, que *tu* existes – ainda que não pressuponhas a *segunda* idéia, a saber, que quaisquer idéias sejam verdadeiras. Não pressupões a verdade de idéia alguma – exceto a destas três: a idéia de que tens idéias, e de que, portanto, tens uma mente, e de que, portanto, existes.

DESCARTES: Eu provo todas essas coisas mais adiante, Sócrates. Primeiro, provo que existo, mediante o meu famoso “Penso, logo existo”, demonstrando que, de todas as idéias em minha mente, esta é a única que não pode ser falsa de maneira alguma. Depois provo que minha própria essência é a de uma mente, de um ser

pensante. Então eu prossigo, explorando as idéias na mente deste ser pensante, sem nada pressupor, e acabo descobrindo que há outra idéia que não se pode refutar de maneira alguma e que, por assim dizer, é prova de si mesma, como o “Penso, logo existo” é, e esta é a idéia de Deus. Eu ofereço argumentos perfeitamente lógicos para todas essas coisas. Podemos examinar esses argumentos agora?

SÓCRATES: Como disse antes, não precisamos ir tão depressa. Dizes que mais adiante *provas* tua própria existência, assim como tua essência de ser pensante. Mas aqui, logo no início, no ato mesmo de pôr em dúvida todas as tuas idéias, tu pareces *pressupor* essas mesmas coisas, ou seja, tua essência e tua existência. Pois o ato de duvidar é um ato do pensamento, e este ato existe na realidade, e todo ato real provém de um agente real; de vez que pareces pressupor, desde o início, aquilo mesmo que te gabas de ter provado mais adiante.

Ora, tenho certeza de que estudaste Lógica. Dize-me, por favor, como é que os lógicos denominam o procedimento de supor exatamente aquilo que se deve provar?

DESCARTES: Os lógicos denominam tal procedimento “falácia da petição de princípio”. Mas não a cometo, Sócrates. Não *pressuponho* a minha essência e a minha existência; eu simplesmente *utilizo* a fim de duvidar de todas as coisas, e então, mediante a exploração do ato da dúvida, deduzo minha existência logicamente, assim como a minha natureza de ser pensante e duvidante. Começo pela dúvida, que é uma forma de pensamento, e então deduzo que para pensar é preciso existir, provando assim minha própria existência. *Cogito ergo sum*. Que pode haver de errado com esse procedimento? É óbvio que isto não é petição de princípio. Se fosse, então todo argumento o seria.

SÓCRATES: Talvez não haja petição de princípio, então. Mas...

DESCARTES: Tu sempre tens um “mas”, não tens?

SÓCRATES: Sim. Tal é a minha natureza. Penso que duvido ao mesmo tempo mais e menos que tu: mais porque tenho esta dúvida quanto à tua dúvida, que não tens; e menos porque começo com a fé metódica ao invés da dúvida metódica.

DESCARTES: Que dúvida é essa que tens a respeito da minha dúvida?

SÓCRATES: Tentarei explicar. O ato de duvidares de tudo – é uma decisão, não é? Decisão esta que os filósofos anteriores não tomaram, mas que tu tomaste.

DESCARTES: Está correto.

SÓCRATES: Exploremos, portanto, o que significa tomar uma decisão. Tu dirias que debater-se, bracejando cegamente na escuridão enquanto dormes, é uma

decisão?

DESCARTES: Não.

SÓCRATES: E quanto ao teu nascimento? Tu decidiste nascer?

DESCARTES: Não.

SÓCRATES: E quanto a este livro aqui? Tu decidiste escrevê-lo?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E quanto a responder minhas perguntas ao invés de permaneceres em silêncio – bem como respondê-las do modo como o fazes – é isto uma decisão?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Percebes então o que é preciso estar presente para que haja decisão?

DESCARTES: Creio que sim: o que deve estar presente é a inteligência.

SÓCRATES: No momento em que sonha, debatendo-se cegamente, é o sonhador criatura provida de inteligência?

DESCARTES: Sim. Ele é um ser humano.

SÓCRATES: Mas o ato em si, é ele guiado pela inteligência?

DESCARTES: Não. É uma ação instintiva.

SÓCRATES: Então é necessário que a inteligência não esteja apenas presente, mas atuando, guiando o ato, para podermos dizer que ele é uma decisão.

DESCARTES: É verdade.

SÓCRATES: E a inteligência não pode atuar senão sobre um objeto determinado.

DESCARTES: Também é verdade.

SÓCRATES: E quando a inteligência atua sobre certo objeto, dizemos que tal objeto é conhecido, inteligido ou compreendido, não é assim?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Decisão, portanto, pressupõe conhecimento.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E decidiste duvidar de tudo.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Esta decisão, portanto, pressupõe o conhecimento de alguma coisa.

DESCARTES: Sim: o conhecimento de que possuo certas idéias em minha mente, mas não o conhecimento a respeito de serem verdadeiras ou falsas.

SÓCRATES: Mas disseste que duvidavas de *todo* o conhecimento, e mesmo assim nós encontramos um ato de conhecimento pressuposto no ato da dúvida.

DESCARTES: Não diria que é um ato de conhecimento, nem que eu o tenha pressuposto.

SÓCRATES: Mas se não tivesses duvidado, tua mente continuaria agindo da maneira normal, isto é, aceitando certas idéias como verdadeiras, sem ter como prová-las, e raciocinando a partir delas como todos nós fazemos no dia-a-dia. Não é assim?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Mas antes é preciso que pares de pensar como todos pensam se quiseres duvidar de tudo. Não é assim?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E o ato de parar de pensar como todos pensam – é uma decisão, não é?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E concordamos que toda a decisão pressupõe um conhecimento, não concordamos?

DESCARTES: Concordamos.

SÓCRATES: Então, ao que parece, é necessário pressupor algum conhecimento a fim de que possas duvidar de tudo.

DESCARTES: Neste sentido, sim.

SÓCRATES: Mas duvidar de tudo é decidir *nada* pressupor.

DESCARTES: É isso o que é.

SÓCRATES: Então é preciso pressupor alguma coisa antes de *não* pressupor coisa alguma. Assim, dá-me a impressão de que o teu ponto de partida é logicamente auto-contraditório.

DESCARTES: Os escolásticos tinham um lema: “Para evitar uma contradição, faz uma distinção”. Penso ser capaz de encontrar uma distinção, em algum ponto do teu argumento, que irá me salvar, se ao menos pudermos revisar cada um de seus passos mais atentamente. Como dizes, não precisamos ir tão depressa.

SÓCRATES: Eu te concedo o seguinte: façamos de conta que já fizeste esta distinção salvadora e que passaste no teste. Temos tempo sem fim aqui para voltarmos a este ponto se assim o desejares, e nossos leitores terão, também, um bocado de tempo para revisar este ponto por si mesmos. Talvez queiram acrescentar outras questões às minhas, como por exemplo: é possível duvidar das leis da lógica de uma maneira que faça sentido? Tu não as utilizas e, sendo

assim, não as pressupões? Mas por ora voltemos ao texto, do qual estivemos afastados por tempo demais, como navios que já não avistam terra.

Segundo Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: “Penso, logo existo”

SÓCRATES: Eis aqui a tua frase mais famosa, talvez a mais famosa de toda a história da filosofia, e o fundamento de tudo o mais que dizes. Pois sem o *cogito ergo sum* não podes seguir adiante. Não é isso?

DESCARTES: Sim. E a vantagem que a minha fundação tem sobre todas as outras é que ela é simples. É esta única frase apenas, e não aquela montanha de pressuposições questionáveis com que tu, Platão e Aristóteles começaram.

SÓCRATES: Então o teu sistema filosófico é como uma pirâmide de ponta-cabeça, apoiada sobre este único ponto.

DESCARTES: Uma imagem arrebatadora. Mas certamente não irás argumentar a partir desta imagem, dizendo que nenhum edifício pode se sustentar sobre um único ponto, e que, portanto, nenhuma filosofia é capaz de fazê-lo. Uma pirâmide permanece em pé porque a sua ponta está no topo; se estivesse na base, ela cairia. Mas construir uma filosofia não é como construir uma pirâmide. A filosofia, como a geometria, prova muitas coisas a partir de poucas, ou mesmo a partir de uma só.

SÓCRATES: Não, não foi isto o que quis dizer com minha analogia.

DESCARTES: Que quiseste dizer, então?

SÓCRATES: Que se a ponta desmoronar, todo o teu sistema desmorona.

DESCARTES: Isso é verdade. Eu aceito esse paralelo. Na verdade, eu mesmo o estabeleço, nas *Meditações*, em minha analogia do fulcro, do “ponto arquimédico”:

(M 2, par. 2)

Arquimedes, para tirar o globo terrestre de seu lugar e transportá-lo para outra parte, não pedia nada mais exceto um ponto que fosse fixo e seguro. Assim, terei o direito de conceber altas esperanças, se for bastante feliz para encontrar somente uma coisa que seja certa e indubitável.

Como já foi dito, Arquimedes, ao descobrir a alavanca e o seu poder, teria exclamado: “Dai-me apenas uma alavanca suficientemente grande e um fulcro em que apoiá-la, e eu moverei o mundo.” E digo que realizei a mesma coisa: encontrei um ponto fixo e indubitável onde apoiar a alavanca de toda a argumentação filosófica, movendo assim o mundo inteiro do pensamento humano.

SÓCRATES: Sendo assim, é absolutamente crucial para toda a tua filosofia, e para toda a filosofia moderna, na medida em que esta deriva daquela, que investiguemos tal ponto.

DESCARTES: Aceito esta grande responsabilidade, Sócrates. Podes examinar; estou certo de que minha fundação permanecerá.

SÓCRATES: Para examiná-la, é preciso, antes, tê-la diante de nós. Eis aqui o que escreveste no *Discurso do Método*, e depois na versão mais longa, das *Meditações*.

DESCARTES: Tu queres dizer *Meditações*.

SÓCRATES: Ah, sim. Desculpa. Isto é o que se irá chamar, mais tarde, de “ato falho Freudiano”. Eis aqui a passagem:

(DM 4, par. 1)

Mas, logo em seguida, adverti que, enquanto eu queria assim pensar que tudo era falso, cumpria necessariamente que eu, que pensava, fosse alguma coisa. E, notando que esta verdade – penso, logo existo – era tão firme e tão certa que todas as mais extravagantes suposições dos céticos não seriam capazes de a abalar, julguei que podia aceitá-la, sem escrúpulo, como o primeiro princípio da filosofia que procurava.

E aqui está a versão mais longa, das *Meditações*:

(M 2, par. 4)

Eu me persuadi de que nada existia no mundo, que não havia nenhum céu, nenhuma terra, espíritos alguns, nem corpos alguns; não me persuadi também, portanto, de que eu não existia? Certamente não, eu existia sem dúvida, se é que eu me persuadi, ou, apenas, pensei alguma coisa. Mas há algum, não sei qual, enganador mui poderoso e mui ardiloso que emprega toda a sua indústria em enganar-me sempre. Não há, pois, dúvida alguma de que sou, se ele me engana; e, por mais que me engane, não poderá jamais fazer com que eu nada seja, enquanto eu pensar ser alguma coisa. De sorte que, após ter pensado bastante nisto e de ter examinado cuidadosamente todas as coisas, cumpre enfim concluir e ter por constante que esta proposição eu sou, eu existo, é necessariamente verdadeira, todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.

Qual das duas versões desejas defender?

DESCARTES: A segunda.

SÓCRATES: E por que ela?

DESCARTES: Porque na primeira versão eu tentara *provar* minha existência através de um argumento, de um silogismo: *Cogito ergo sum*, “Penso, logo existo.” Já na segunda versão, a qual viria a publicar quatro anos mais tarde, o que afirmei foi que a *proposição* “Eu sou, eu existo” é necessariamente verdadeira.

SÓCRATES: Porque modificaste a primeira versão? Encontraste alguma falácia em tua argumentação?

DESCARTES: Não uma falácia formal. O silogismo é logicamente válido. Ele é um entimema, um silogismo com uma premissa implícita, a saber, que tudo o que pensa, existe. Assim, tudo o que pensa, existe; eu penso; logo eu existo. Mas a versão francesa do argumento mostrou-me algo que a versão latina não mostrara. No francês, bem como no inglês, o pronome e o verbo são duas palavras distintas, enquanto no latim são uma só. Quando dizemos *Je pense, donc je suis* ou *I think, therefore I am*, vemos o que parece ser uma falácia material. Percebes, Sócrates?

SÓCRATES: Acho que sim. Creio que seja uma “petição de princípio”: pressupor na premissa aquilo que se deve provar na conclusão.

DESCARTES: Sim, foi isso o que percebi também. Eu tentara *provar* o “eu”, mas em vez disso, acabei *pressupondo* que houvesse um “eu” por trás do “penso”.

SÓCRATES: O próximo grande filósofo a usar o teu método matemático, Baruch Spinoza, irá negar esta pressuposição. Ele não apenas notará que não *provaste* a existência do “eu”, mas irá também *negar* positivamente a existência deste “eu”, do eu individual enquanto “substância”, ou ente distinto das outras substâncias. Panteísta, ele afirmará a existência de uma única substância, a que chamará tanto Deus como Natureza. Assim, a sua versão do teu ponto de partida seria simplesmente esta: “O pensar existe”. Todavia, é impossível provar “Eu existo” somente a partir da premissa “O pensar existe”; a não ser que todo o pensar seja necessariamente atividade exercida por um “eu”, que é justamente o que ele irá negar.

DESCARTES: Foi por isso que, ao escrever as *Meditações*, eu mudei a formulação deste importantíssimo ponto de partida. Se fosse para reescrevê-lo em latim, eu não diria *cogito ergo sum*, mas *cogito sive sum*, isto é: Penso, ou, existo. Penso, em outras palavras, existo. Penso, ou seja, existo. É uma proposição única, e não um silogismo.

SÓCRATES: Vejo outra razão para não começares com um silogismo, seja este ou qualquer outro.

DESCARTES: Acho que sei o que irás dizer, Sócrates. Posso adivinhar?

SÓCRATES: Sinta-te à vontade.

DESCARTES: Estou tentando refutar o ceticismo mediante meu novo sistema filosófico. E um dos mais antigos argumentos dos cétricos é este: que se quisermos pôr tudo em questionamento, como faço, não podemos simplesmente aceitar uma idéia sem antes prová-la. Não é possível termos certeza de qualquer conclusão até que a tenhamos provado. Mas provar é demonstrar a verdade de

uma conclusão deduzindo-a de suas premissas. Por conseguinte, é preciso questionar as premissas, exigindo provas *delas*. E as provas, por sua vez, necessitam de outras premissas, as quais devem ser questionadas e provadas, e assim por diante, *ad infinitum*. De forma que *nenhum* silogismo pode ser a primeira e absoluta certeza.

SÓCRATES: Exatamente o que estava pensando. És um pensador muito lógico e claro, René.

DESCARTES: Ora, obrigado, Sócrates. Sempre pensei em nós dois como espíritos irmãos.

SÓCRATES: Não foi isso o que eu disse. Disse simplesmente que és um pensador muito lógico e claro. Mas se confundes isto com sermos espíritos irmãos, então dás mostra de *não* seres um pensador muito lógico e claro.

DESCARTES: Oh. Mas o importante é que o meu ponto de partida, da maneira como foi revisado, é sólido, visto ser uma proposição auto-evidente.

SÓCRATES: Talvez seja bom termos certeza de que concordamos quanto ao significado de “proposição auto-evidente”.

DESCARTES: De fato. Pois bem, deixe-me analisar esta questão segundo os conceitos básicos da lógica elementar, “os três atos da mente.” Todo pensamento é composto em primeiro lugar de conceitos, os quais se expressam gramaticalmente por meio de palavras ou locuções, mas que os lógicos denominam “termos”; os termos, por sua vez, formam o sujeito e o predicado das proposições, ou sentenças declarativas; por fim, as proposições formam as premissas e a conclusão dos argumentos. Os termos podem ser claros ou obscuros, mas em si mesmos não são nem verdadeiros nem falsos. As proposições ou são verdadeiras ou são falsas, ao passo que os argumentos, ou são logicamente válidos, no caso de a conclusão seguir-se necessariamente das premissas, ou são inválidos, caso isto não aconteça.

Como visto, há dois tipos de proposições: verdadeiras e falsas. As proposições verdadeiras são também de dois tipos: algumas são auto-evidentes, enquanto outras não o são. Meu ponto de partida é uma proposição auto-evidente.

SÓCRATES: O que torna uma proposição auto-evidente?

DESCARTES: Há três respostas a essa questão: a primeira é psicológica, enquanto as outras duas são lógicas, isto é, referem-se a questões de lógica formal.

Primeiro, proposição auto-evidente é aquela que sabemos ser verdadeira sem a necessidade de prova, isto é, sem qualquer premissa.

Segundo, a razão de sabermos tal coisa é porque o predicado não acrescenta nada de novo ao sujeito. Exemplos de tais proposições seriam: “Dois mais dois são quatro”, “O todo é maior do que as partes”, “Aquilo que possui os atributos A, B e C possui o atributo B”, “X é diferente de não-X”. Mas “Dois mais Y são quatro” não é auto-evidente, porque Y pode não ser dois, e neste caso a proposição seria falsa. “Golias é maior que Davi” é uma proposição verdadeira, mas não é auto-evidente como “O todo é maior do que as partes”. Golias poderia encolher até virar anão sem deixar de ser Golias, e Davi poderia crescer até o ponto de tornar-se um gigante sem deixar de ser Davi, e neste caso a proposição “Golias é maior que David” seria falsa. “Tudo o que é humano, francês e feminino tem útero” é verdadeiro, mas não é auto-evidente, já que se poderia remover cirurgicamente o útero de certa mulher francesa, e neste caso a proposição tornar-se-á falsa.

A terceira definição de proposição auto-evidente é aquela cuja contraditória é auto-contraditória. Se negas tal proposição, te contradizes. Não são necessárias outras proposições, na forma de premissas, para saberes que $2 + 2 = 4$, ou que tudo o que possui A, B e C, possui necessariamente B, porque se disseses que $2 + 2$ não são 4, ou que algo que possuía A, B e C não possui B, tu imediatamente te contradizes.

SÓCRATES: Penso que foi uma resposta admiravelmente clara, René, e logicamente impecável.

DESCARTES: Pretendes agora implicar com o impecável, como é do teu feitio?

SÓCRATES: Não, eu aceito tuas três definições. Tudo o que precisamos fazer é utilizá-las a fim de ver se o teu ponto de partida do *cogito sive sum* é de fato auto-evidente ou não.

DESCARTES: É claro que é, Sócrates. Todo mundo está certo de sua própria existência no momento em que enuncia a proposição “Eu existo”. Ninguém busca provas disto, ninguém o duvida, ninguém o contesta.

SÓCRATES: Então ela passou no primeiro teste, o teste psicológico.

DESCARTES: Sim, e no terceiro também, pois se eu digo que “não existo”, estou claramente me contradizendo. Tanto é assim que eu me tornaria instantaneamente motivo de piada. E visto que o terceiro teste é simplesmente a versão negativa do segundo, passo no segundo também.

SÓCRATES: Não tão depressa. Pois a tua filosofia, em sua totalidade, depende deste único ponto, deste “ponto arquimédico”, não lembras? Sejam bastante cuidadosos para não deixar nada escapar aqui.

DESCARTES: Que poderíamos deixar escapar? Meu ponto de partida é tão simples como $2 + 2 = 4$.

SÓCRATES: Bem, ainda não aplicamos tua segunda definição a ele.

DESCARTES: Então vamos fazê-lo. Não tenho dúvidas de que chegaremos à conclusão de que “eu existo” é por força uma proposição auto-evidente.

SÓCRATES: Toda proposição é composta de um termo sujeito e um termo predicado, não é isso?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E qual é o sujeito de “eu existo”?

DESCARTES: “Eu”.

SÓCRATES: E o predicado?

DESCARTES: “Existo”.

SÓCRATES: E qual é a relação entre sujeito e predicado numa proposição auto-evidente?

DESCARTES: Numa proposição auto-evidente, o predicado não acrescenta nenhum acidente ao sujeito, como acontece em “eu estou com calor” ou “as árvores verdejantes são agradáveis”, mas simplesmente reafirma a essência do sujeito, como em “eu sou eu” ou “as árvores verdejantes são árvores”.

SÓCRATES: E o predicado aqui é “existo”, ou “sou”, isto é, o predicado é a existência.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E o sujeito é “eu”?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E este “eu” não é Sócrates, Gabriel ou Deus, mas René Descartes?

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: Ao que me parece, então, tu e Spinoza estavam bastante de acordo quanto ao panteísmo.

DESCARTES: Que queres dizer com isso?

SÓCRATES: Que pareces confundir a ti mesmo com Deus. Salvo essa pequena confusão, porém, está tudo certo com teu sistema...

DESCARTES: Espera aí! Que queres dizer com confundir a mim mesmo com Deus? Que acusação absurda!

SÓCRATES: Bem, quando dizes que “eu existo” é uma proposição auto-evidente, não estás dizendo, com isso, que o predicado faz parte da essência do sujeito?

DESCARTES: Sim. É isto o que uma proposição auto-evidente é.

SÓCRATES: O que estás dizendo então é que a existência, que é o predicado, faz parte da essência do teu “eu”, que é o sujeito?

DESCARTES: Sim, pois “existência” é o predicado, e “eu”, o sujeito.

SÓCRATES: Então estás dizendo que a existência é tua essência.

DESCARTES: Oh.

SÓCRATES: Pensei que, segundo vossa teologia, isto fosse verdade apenas para Deus. É por isso que Deus não necessita de nenhum criador para Lhe dar existência, ao passo que tudo o mais necessita: a Sua própria essência é existir, enquanto as criaturas precisam de uma causa para tanto.

DESCARTES: Ops.

SÓCRATES: Um breve e eloqüente ato de contrição!

DESCARTES: É verdade que a minha existência é contingente, e não necessária. Não preciso existir. Na verdade, antes de ser concebido, eu não existia. Minha existência, portanto, *não* é auto-evidente neste sentido – só a existência de Deus o é. Assim, “eu sou” é uma proposição auto-evidente apenas para Deus, não para as criaturas.

SÓCRATES: Agora compreendes por que eu disse que, ao começares com “eu sou”, declarando ser isto auto-evidente, confundiste a tua essência com a de Deus, e o teu nome com o nome que Deus, na sarça ardente, revelara a Moisés: “Eu Sou”.

DESCARTES: Não, não, não. Isto seria blasfêmia e heresia, e nada poderia estar mais longe do que pretendia.

De mais a mais, o “eu sou” que proponho satisfaz os outros dois critérios. Como pode critérios igualmente válidos para a mesma coisa produzirem resultados opostos?

SÓCRATES: Não creio que o façam. Se examinares o terceiro critério mais detidamente, verás que a proposição que afirma não existires não é de forma alguma auto-contraditória. Com efeito, é *verdade* que não o fizeste durante os muitos séculos que se passaram antes de vires à existência.

DESCARTES: Os dois critérios lógicos, portanto, produzem o mesmo resultado. Mas o primeiro, o critério psicológico, produz o resultado contrário. Por que isso, então? Por que “Eu sou” é psicologicamente auto-evidente quando não o é logicamente?

SÓCRATES: Tu dás a impressão de teres percebido a resposta, quando dizes, nas *Meditações*: “que esta proposição, ‘eu sou, eu existo’, é necessariamente verdadeira, *todas as vezes que a enuncio ou que a concebo em meu espírito.*” Que existes é necessariamente verdadeiro, ou auto-evidente, *apenas para ti*, apenas do ponto de vista subjetivo ou psicológico; mas não é auto-evidente em si mesmo, nem o é para as outras pessoas. Não é auto-evidente nem do ponto de vista objetivo, nem do ponto de vista lógico.

DESCARTES: Contudo, psicologicamente ou subjetivamente, o ponto de partida de minha filosofia continua sendo absolutamente certo. Qualquer pessoa pode reproduzir o meu experimento mental. A *minha* existência não se tornará auto-evidente para esta pessoa, mas a *sua própria* sim.

SÓCRATES: É verdade, mas era isso o que querias e o de que precisavas para começar teu novo sistema? Pretendeste criar um novo tipo de filosofia. Era tua intenção que esta filosofia fosse mais subjetiva do que as anteriores, ou que fosse mais lógica, objetiva, científica e exata do que todas?

DESCARTES: Parece que criei um monstro.

SÓCRATES: Eu não chamaria de “monstro”, chamaria apenas de... Existencialismo.

Terceiro Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: “O que sou”

(A Antropologia de Descartes)

SÓCRATES: O próximo passo, depois de teres provado tua existência, obtendo assim tua primeira certeza, será te perguntares a respeito do *que* és. Eis como resumiste este passo no parágrafo seguinte...

DESCARTES: Fico feliz em ver que compreendeste que é um simples resumo; cada parágrafo da Quarta Parte do *Discurso do Método* sintetiza um capítulo inteiro das *Meditações*, da mesma forma que Santo Tomás de Aquino, na *Suma Teológica*, resumiu cinco longos argumentos acerca da existência de Deus em cinco parágrafos curtos, enquanto na *Suma contra os gentios*, precisou de um espaço vinte vezes maior só para expor o primeiro deles.

SÓCRATES: Sim, mas, sendo a natureza humana do jeito que é, é a versão e o livro mais breves que geralmente se tornam populares e exercem maior influência. De qualquer forma, é o *Discurso* que estamos examinando agora. Eis aqui então a versão resumida de tua antropologia, a resposta que deste à questão “Conhece-te a ti mesmo”, a questão que tornei famosa:

(DM 4, par. 2)

Depois, examinando com atenção o que eu era, e vendo que podia supor que não tinha corpo algum e que não havia qualquer mundo, ou qualquer lugar onde eu existisse, mas que nem por isso podia supor que não existia; e que, ao contrário, pelo fato mesmo de eu pensar em duvidar da verdade das outras coisas, seguia-se mui evidente e mui certamente que eu existia; ao passo que, se apenas houvesse cessado de pensar, embora tudo o mais que alguma vez imaginara fosse verdadeiro, já não teria qualquer razão de crer que eu tivesse existido; compreendi por aí que era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material. De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é.

As premissas, ao que parece, são verdadeiras. De qualquer forma, a maior parte das pessoas concorda com elas. A conclusão, por sua vez, parece falsa ou, pelo menos, a maior parte das pessoas discordaria dela. É que o grosso da humanidade crê que o que compõe a essência do homem é o corpo e a alma *juntos*. Devemos, portanto, explorar a lógica do teu raciocínio: as premissas provam a conclusão? É um questionamento justo, não é?

DESCARTES: Certamente que é. Se há algo de que me orgulho é de ser lógico. Se o meu argumento não for lógico, não presta para nada.

SÓCRATES: Examinemos em primeiro lugar a premissa. Desconfio que muitas pessoas, especialmente aquelas mais inclinadas ao senso comum, julgá-la-iam impossível e impensável; diriam que não se pode pensar, fingir, conceber ou acreditar realmente que não se tem um corpo e que absolutamente nenhum corpo ou espaços existem. Que responderias a essas pessoas?

DESCARTES: Chamaria a atenção delas para o fato de que não só existem pessoas que fingiram tais coisas em um experimento mental, como sugeri, mas que também existem muitas e muitas pessoas para quem esses pensamentos são, de fato, a verdade literal, visto existirem certas correntes filosóficas do Hinduísmo e do Budismo cuja doutrina é justamente esta: que nada existe de fato, exceto a Mente, seja esta Mente de natureza humana ou divina; e que tudo quanto normalmente acreditamos existir fora da Mente – nossos corpos, os corpos das outras pessoas, os entes do mundo material e o próprio universo, além de todo o tempo e o espaço dentro dele, assim como toda a matéria – não passam, na verdade, de pensamentos.

Muitos hinduístas crêem que tudo não passa dos sonhos de Brâman, que acontecem durante um ciclo *kalpa*, ou “noite de Brâman”, e que tudo desaparece quando Brâman desperta e um “dia de Brâman” inicia. Todas as coisas, dizem, sendo apenas sonhos, são “maya”, ou ilusões.

Muitos budistas também crêem que tudo quanto percebemos são ilusões, mas ilusões do pensamento *humano* enquanto está iludido, dormindo, na ignorância (pois os budistas não falam em Deus). Tanto na versão hindu como na budista, todas essas ilusões desaparecem na ocasião do despertar, seja o despertar de Brâman, seja o nosso próprio despertar. Minha premissa, portanto, é, com efeito, pensável. É possível desconsiderarmos os corpos, tanto os nossos como quaisquer outros.

Mas não é possível desconsiderarmos nossas mentes. Foi isso o que acabei de provar com meu *cogito ergo sum*. Mesmo se todos os nossos pensamentos referentes à matéria sejam ilusões, sonhos ou enganos produzidos por um demônio que nos hipnotize, ainda há um pensamento que não pode ser falso, o pensamento de que penso. Pois, para ser enganado, é preciso pensar. E isto é tão certo quanto o que demonstrei anteriormente, isto é, que para pensar é preciso existir.

SÓCRATES: Asseguraste a tua premissa, ao que parece. Tenho a impressão, porém, de que, desta premissa, saltas a uma conclusão que a maioria das pessoas diria não seguir-se necessariamente e que, também, é, na verdade, falsa. Pelo menos é

o que a maioria das pessoas diria. A conclusão é esta: “compreendi por aí que era uma substância cuja essência ou natureza consiste apenas no pensar, e que, para ser, não necessita de nenhum lugar, nem depende de qualquer coisa material.” Daí deduzes três outras conclusões intimamente relacionadas a esta, ou corolários, dizendo o seguinte: “De sorte que esse eu, isto é, a alma, pela qual sou o que sou, é inteiramente distinta do corpo e, mesmo, que é mais fácil de conhecer do que ele, e, ainda que este nada fosse, ela não deixaria de ser tudo o que é.”

Tua conclusão, portanto, é:

1. Que a tua essência é toda pensamento;
2. Que não necessitas de um corpo ou de matéria para existires;
3. Que a tua alma é inteiramente distinta do corpo;
4. Que ela é mais fácil de conhecer do que o corpo;
5. Que não há nada na natureza da alma que dependa do corpo, pois “mesmo se este nada fosse, a alma não deixaria de ser tudo o que é.”

A maior parte das pessoas, no entanto, diria que estas cinco proposições são todas falsas. Chamemos sua crença “Aristotelismo”, apenas para lhe darmos um nome. Eis aqui, portanto, o modo como exponho as cinco diferenças entre a tua antropologia e a de Aristóteles (adotada também por Santo Tomás de Aquino, com o acréscimo da imortalidade, a qual Aristóteles omitira). Os aristotélicos crêem no oposto de cada uma de tuas proposições. Eles crêem que

1. Antes de tudo, a essência humana, em sua totalidade, não é meramente espiritual, mas um composto de corpo e alma; que a essência de todo ser humano inclui um corpo animal além de uma alma espiritual, pois é o corpo o que nos diferencia dos anjos, da mesma forma que é o fato de possuímos uma alma espiritual o que nos diferencia dos animais.
2. Em segundo lugar, eles crêem que, a fim de que esta essência possa existir, o corpo material, que é parte dela, também precisa existir. Isto é consequência lógica do primeiro ponto.
3. Terceiro, eles crêem que a alma, mesmo sendo *diferente* do corpo, não é *distinta* dele. Ou seja, mesmo sendo a alma algo mais do que uma espécie diferente de corpo (como um elemento químico diferente), ela, no entanto, não é uma substância, ser ou entidade distinta e independente do corpo. E mesmo a maioria das pessoas que concordam contigo em que a mente seja de fato uma substância distinta do corpo, diriam, no mínimo, que ela *depende* do corpo para agir, como um espadachim depende da espada. Mas os aristotélicos vão mais longe, dizendo que a alma não é apenas uma substância distinta, ainda que dependente, do corpo, mas é antes a “forma” ou vida do corpo, sendo a relação entre os dois semelhante à relação entre o sentido de um livro e as suas palavras.
4. Quarto, eles crêem que o corpo é mais fácil de conhecer do que a alma, visto que todo aprendizado começa com a experiência sensorial corpórea, e que podemos perceber os corpos com os cinco sentidos, mas não as almas.
5. E quinto, eles crêem que se não houvesse corpo, a alma não seria o que é, visto ser ela a “forma ou vida do corpo”. Isto, portanto, é consequência lógica do item três.

DESCARTES: Muito bem colocado, Sócrates. Estas cinco conclusões estão todas ligadas, podendo ser deduzidas umas das outras.

SÓCRATES: A proposição número 2, pelo menos, é consequência da número 1, e a número 5 da número 3. A proposição 4, acerca do que é mais fácil conhecer, também é consequência da proposição número 1, visto que, se a alma compõe toda a tua essência, se tu és somente alma, ela é a única coisa conhecível em tua essência; mas se tua essência inclui também um corpo, então *ele* é mais fácil de conhecer, visto ser mais fácil usar os sentidos que a razão. As crianças pequenas, como os animais, têm sentidos que funcionam bem e conhecem muito, mas é só mais tarde que as crianças aprendem a usar a razão.

Dessa forma, restam-nos apenas duas diferenças, em vez de cinco, já que as outras três são consequência lógica destas duas: a essência humana é toda ela pensamento? O corpo e a alma são duas substâncias distintas?

DESCARTES: Aceito tua análise. És o tipo do lógico, Sócrates. Mas eu iria um passo além: penso que a segunda proposição segue-se necessariamente da primeira. Pois se a minha essência é toda ela pensamento, eis então o que se segue: já que somente a alma é capaz de pensar, mediante as faculdades mentais, ao passo que o corpo não pode fazê-lo (ainda que possa ser usado como instrumento da alma enquanto viver, como a espada é utilizada pelo espadachim e o ábaco pelo matemático), segue-se que corpo e alma são, necessariamente, duas substâncias distintas.

SÓCRATES: Por que seria isto necessário?

DESCARTES: Poderás percebê-lo claramente observando certos casos similares, ou analogias. Se só o fogo queima, ao passo que a água não o faz, é porque ambos são, necessariamente, substâncias distintas. Se só Deus pode criar, ao passo que as criaturas não podem, é porque Deus e as criaturas são, necessariamente, substâncias distintas. Se só as plantas crescem, ao passo que as pedras não o fazem, é porque plantas e pedras são, necessariamente, substâncias distintas.

Por conseguinte, se conseguir provar que a essência humana é toda ela pensamento, terei provado minha antropologia em sua totalidade. Pois tudo se segue daí.

SÓCRATES: Parece que é isto mesmo. Que prova tens, então, de que a essência do homem é apenas pensamento?

DESCARTES: Eu a expus na primeira metade do parágrafo que leste. Posso desconsiderar meu corpo, mas não posso desconsiderar minha mente. Não posso duvidar do meu pensamento sem me contradizer, mas posso duvidar do meu corpo sem me contradizer, como no caso dos budistas e hindus.

SÓCRATES: E segue-se necessariamente daí que a essência do homem é toda ela mente, e não corpo?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Vês qual é a premissa oculta deste argumento?

DESCARTES: Sim. Que aquilo de que não posso duvidar sem me contradizer é a essência, e aquilo de que posso duvidar sem me contradizer não é a essência.

SÓCRATES: Parece que é uma proposição auto-evidente. E com ela, pareces ter provado tua conclusão de que a essência do homem é apenas a mente.

Mas esta conclusão contradiz o senso-comum aristotélico de maneira escandalosa. E um dos seus corolários – a saber, que o corpo e a mente são duas substâncias distintas – contradiz ainda mais escandalosamente tanto o senso comum aristotélico como todas as escolas de antropologia, psicologia e psiquiatria que virão a existir no futuro. Nem o senso comum nem as ciências do homem aceitam tua teoria das duas substâncias; tanto um como outro estão do lado de Aristóteles. Os filósofos aristotélicos usam o termo “hilomorfismo”, ou “matéria-e-forma-ismo”. Os psicólogos chamam de “unidade psicossomática”. O senso comum chama simplesmente de “eu”, usando a mesmíssima palavra tanto para a mente como para o corpo: “minha” mente e “meu” corpo.

Esse é, então, um ponto crucial para tua filosofia, o ponto em que entras na mais violenta contradição com o restante do mundo.

E se estiveres certo nesse ponto, então terás dado à filosofia uma questão aparentemente insolúvel: se a mente e o corpo são duas substâncias distintas, como podem interagir de forma tão perfeita, que temos a impressão de serem uma só coisa? A experiência, a cada dia e hora, parece confirmar a antropologia de Aristóteles e desmentir a tua. A mente e o corpo parecem antes relacionar-se da maneira como o fazem o sentido e as palavras de um livro, e não como o fazem o espadachim e a espada, o capitão e o navio, o senhor e o servo, o cavaleiro e o cavalo ou o matemático e o ábaco. Se estiveres certo, como explicar então as aparências, as experiências que parecem desmentir tua teoria?

O problema “mente-corpo” irá atormentar teus sucessores, dando ensejo a soluções extravagantes e incríveis, tal como o “ocasionalismo” de Malebranche, que supunha haver dois mundos separados, mentes e corpos, espírito e matéria, e que Deus causaria todos os eventos em ambos os mundos na ocasião de Ele perceber um evento correspondente no mundo oposto; se te desse um tapa na cara, não seria a minha mão a causa da tua surpresa e dor, mas a ação de Deus na tua alma. Outro sucessor teu, que possuía o estranho nome de Geulincx, supunha que Deus, no instante da Criação, instituíra uma “harmonia pré-estabelecida”

que Deus, no instante da Criação, instituiu uma harmonia pre-estabelecida entre os mundos absolutamente distintos da mente e da matéria, como dois relógios ajustados para dar a mesma hora.

Mas haverá resultado pior do que esses quebra-cabeças intelectuais. O teu dualismo mente-matéria irá atormentar a vida mesma da Civilização Ocidental. As duas categorias que propuseste, mente desprovida de matéria e matéria desprovida de mente, ou substância pensante e substância espacialmente estendida, tornar-se-ão tão claras e distintas para os homens dessa civilização que não irão só *pensar* em termos do teu dualismo mente-corpo, mas irão *viver* de acordo com ele, vindo a experimentar uma alienação entre mente e corpo, espírito e matéria, homem e natureza, que nenhuma cultura anterior, em toda a história, jamais experimentara. E serás considerado o grande culpado disso tudo.

DESCARTES: Pouco me importa a culpa; importa-me o erro. Serei refutado?

SÓCRATES: Ai de nós! Geralmente irão te culpar em vez de refutar.

DESCARTES: Não podem me culpar sem antes refutar.

SÓCRATES: Concordo.

DESCARTES: Refute-a, Sócrates, que refaço minha filosofia.

SÓCRATES: É precisamente para este fim que estamos aqui.

DESCARTES: Aguardo com a respiração suspensa.

SÓCRATES: Talvez tenhas que aguardar um pouquinho mais. Pois uma refutação satisfatória do teu dualismo mente-corpo terá de ser necessariamente bastante técnica e difícil, e talvez não seja este o lugar e a hora para tanto. Em vez disso, permita-me oferecer uma refutação mais simples e fácil. Os lógicos chamam a este tipo de prova *reductio ad absurdum*. Em lugar de refutar uma teoria diretamente, se é possível demonstrar que ela leva a conseqüências lógicas tão absurdas que só podem ser falsas, então segue-se logicamente que a teoria é falsa, ainda que não sejamos capazes de saber *por que* é falsa, nem como refutá-la de outra maneira.

É um argumento lógico perfeitamente válido dizer que se A, então B; mas B é falso, logo A deve ser falso. E se B é não apenas falso, mas tão obviamente falso que chega a ser absurdo, então temos a prova da “redução ao absurdo” de que A é falso.

Ora, a maioria das pessoas argumentaria que essa é uma refutação satisfatória de tua antropologia, pois diriam ser muito mais certo que a tua conclusão seja falsa do que a certeza de que a tua premissa seja verdadeira.

DESCARTES: Por quê?

SÓCRATES: Porque a conclusão a que chegaste é a de que todos os seres humanos são duas substâncias distintas, espírito e matéria, um fantasma na máquina. E isso é tão absurdo que somente pessoas com graves transtornos psicológicos são capazes de crê-lo.

DESCARTES: A maior parte das pessoas pode mesmo acreditar no que estás dizendo – não sei, eu não pesquisei a opinião de todos os indivíduos e culturas da história. Mas a verdade não se encontra contando votos. E mesmo se todas as pessoas do mundo julgassem minha conclusão absurda, para mim, Sócrates, isso não seria refutação satisfatória. Saber que minha conclusão está errada não é o suficiente. E saber que muitas pessoas, ou a maioria delas, ou mesmo todas elas, acreditam que ela está errada, não prova que está errada. Não aceito a idéia de que minha conclusão, ou seu corolário, sejam absurdos só porque a maioria das pessoas pensa que é. Foi este tipo de pensamento que inibiu a ciência por dois mil anos: “*Todo mundo concorda com o grande Aristóteles, então não iremos questioná-lo*”.

SÓCRATES: Concordo, René: devemos usar provas lógicas, e não meras pesquisas de opinião. Portanto, alguém – talvez eu mesmo – precisa defender esta opinião popular e convertê-la em lógica. Alguém precisa descobrir o erro em teu argumento lógico aparentemente perfeito.

Mas prefiro não empreender tal busca por enquanto. Mais uma vez, pelo bem daqueles que estão lendo esta conversação, gostaria de deixar de lado este enorme buraco em teu argumento, a fim de que o leitor possa ele mesmo buscar a resposta, em vez de simplesmente assistir a nós dois tapando todos os buracos. Pois penso que este empreendimento de tapar buracos será tão técnico e abstrato, que a maior parte dos leitores sentir-se-á intimidada, se bem que os que se dedicam à lógica há algum tempo quererão se atirar nele como uma lontra num lamaçal.

DESCARTES: És tu quem manda aqui, Sócrates; e se é isso o que dizes que devemos fazer, então é isso o que faremos. Aceito tua autoridade aqui neste lugar, pois sou o examinando, e não o examinador. Poderias tu, no entanto, satisfazer-me a curiosidade, respondendo-me uma pergunta sobre o legado que deixei aos filósofos que me sucederam, no que diz respeito ao problema da natureza humana?

SÓCRATES: Poderia. Qual é a pergunta?

DESCARTES: Alguém resolveu o problema de como a mente relaciona-se com o corpo? Tenho consciência de que não deixei resposta satisfatória a essa questão.

Pensei que talvez a resposta pudesse vir dos fisiologistas, que, no meu tempo, haviam descoberto, na base do cérebro, a primeira glândula sem duto, a glândula pineal. Pensei que, por flutuar livremente e não estar ligada ao restante do corpo como os outros órgãos, essa glândula poderia ser a sede da alma; mas já penso que isso foi um erro bobo, pois uma glândula, tenha ela dutos ou não, é algo puramente material, de forma alguma uma ponte entre mente e matéria. Ausência de dutos não é o mesmo que imaterialidade.

Encontrou alguém, portanto, uma resposta melhor do que a minha para a misteriosa questão de como estes dois entes, absolutamente diferentes um do outro, o corpo e a mente, conseguem relacionar-se de modo tão perfeito que parecem ser um só?

SÓCRATES: Não. Mas houve quem achasse resposta melhor que a tua para outra pergunta: a questão acerca do porquê de ninguém ter encontrado uma resposta adequada a esta questão. Isso te interessaria?

DESCARTES: Bastante.

SÓCRATES: Seu nome é Gabriel Marcel, e viveu trezentos anos depois de ti. Era um católico francês, como tu. Ele dividiu todas as questões filosóficas em duas categorias: a primeira, que ele chamou “problemas”, e a segunda, que ele chamou “mistérios”. Com “mistérios” ele quis dizer questões que não só ainda não haviam sido esclarecidas ou respondidas, mas que em princípio jamais poderiam ser totalmente esclarecidas ou satisfatoriamente respondidas, como qualquer dos “problemas” poderia, e por causa disto: porque no “mistério” o interrogador “participa” da pergunta. Ele está envolvido, e não distanciado. Em outras palavras, a verdadeira pergunta é o próprio interrogador, de modo que ele não pode torná-la objeto, mas precisa vivê-la no ato mesmo de perguntá-la.

DESCARTES: Exatamente como vivi minha existência no ato mesmo de negá-la! Acho que compreendo o que Marcel quis dizer, pois é o mesmo que eu quis dizer com o meu mais famoso argumento, o *cogito ergo sum*. Não posso negar minha existência porque, no ato mesmo de negá-la, preciso existir.

SÓCRATES: Talvez possas ver, então, como este princípio pode ser ampliado para abarcar outros problemas, como o da unidade entre corpo e mente, mesmo quando o corpo não tem pensamento e a mente não possui extensão no espaço.

DESCARTES: Que outros “mistérios” esse filósofo mencionou?

SÓCRATES: O amor, a morte, o mal, a beleza, em especial a beleza da música, nenhum dos quais jamais recebeu explicação inteiramente clara e satisfatória.

DESCARTES: Precisarei contemplar esta possibilidade, mais cedo ou mais tarde, ainda que pareça totalmente estranha ao meu método, espírito e intenções.

SÓCRATES: Como disse antes, das filosofias que geraste, talvez aquela que rendeu mais frutos não foi de modo algum a que pretendeste criar, mas aquela que é “totalmente estranha ao teu método, espírito e intenções”: o Existencialismo.

Quarto Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: O Critério de Veracidade

SÓCRATES: Eis o parágrafo seguinte, e o próximo argumento:

(DM 4, par. 3)

Depois disso, considerei em geral o que é necessário a uma proposição para ser verdadeira e certa; pois, como acabava de encontrar uma que eu sabia ser exatamente assim, pensei que devia saber também em que consiste essa certeza. E, tendo notado que nada há no penso, logo existo, que me assegure a veracidade do que digo, exceto que vejo muito claramente que, para pensar, é preciso existir, julguei poder tomar por regra geral que as coisas concebidas por nós mui clara e mui distintamente são todas verdadeiras, havendo apenas alguma dificuldade em notar bem quais são as que concebemos nitidamente.

DESCARTES: O próximo passo, depois de ter provado minha própria existência e essência, foi perguntar o que mais eu poderia saber. Partindo de onde me encontrava, aonde poderia chegar? Não me era possível usar os sentidos, pois ainda não provara que eram confiáveis. Não havia provado a existência de Deus, nem de nenhuma outra mente que não a minha. Tudo o que tinha era a minha própria mente e suas idéias. Como poderia saber quais dessas idéias eram verdadeiras?

Se pudesse encontrar um critério de veracidade, um critério universal que pudesse aplicar a todas as minhas idéias, poderia então, por meio dele, julgá-las e distinguir aquelas que eram certamente verdadeiras das que poderiam ser falsas. Saberia que todas as idéias que passassem neste rigoroso teste seriam verdadeiras, e continuaria a duvidar das que não passassem.

SÓCRATES: Dizes “critério de *veracidade*”, mas o que queres dizer na verdade é “critério de *certeza*”. Quem sabe estejas confundindo as duas coisas?

DESCARTES: Não, pois reconheço que muitas idéias podem ser verdadeiras ainda que não sejam certas. O que eu tinha era sede de certeza, como expliquei em minha breve autobiografia intelectual.

SÓCRATES: Pergunto-me se essa sede era de todo saudável. Mas esta é outra questão que devemos deixar para os leitores ambiciosos investigarem. Continua.

DESCARTES: Eu cria que todas as pessoas conheciam e utilizavam esse critério de maneira inata e o disse no primeiro parágrafo do meu livro, onde afirmei que a razão era inata e igual para todos, definindo-a como a habilidade de distinguir o verdadeiro do falso. Ora, para distinguir o verdadeiro do falso é necessário um critério de veracidade. Por conseguinte, se somos capazes de distinguir o

verdadeiro do falso é porque possuímos tal critério. E se o possuímos, resta-me apenas trazer à luz aquilo que já estava presente.

SÓCRATES: E como tu o encontraste?

DESCARTES: Felizmente, eu já o utilizara com êxito para encontrar a única e indubitável certeza de que existo. Como cheguei a tal certeza? Tão somente por ter percebido de maneira evidente que *cogito ergo sum* era uma idéia clara e distinta. O critério de veracidade, portanto, é a clareza e a distinção de uma idéia. Clareza é o lado positivo, distinção o lado negativo. Clareza é a relação entre uma idéia e a mente. Distinção é a relação entre uma idéia e as outras. Uma idéia é clara quando é indubitável, e distinta quando é impossível de confundir com outras idéias.

Ora, somente através desse critério é que me certifiquei do *cogito ergo sum*. Foi assim que encontrei meu critério de veracidade.

SÓCRATES: O raciocínio que prova o teu critério é, portanto, de natureza indutiva, visto como, partindo de um exemplo em particular, obtiveste um princípio geral: o critério funcionou em um caso, funcionará, portanto, em todos os casos.

DESCARTES: Ah, não, Sócrates. Raciocínios indutivos são só prováveis. Sua probabilidade aumenta à medida que aumenta o número de casos, e eu só tenho um caso, de forma que este seria o mais fraco dos argumentos indutivos. Seria, na melhor das hipóteses, pista, e não prova. É como argumentar que, se um cisne é branco, todos os cisnes o são.

SÓCRATES: Deves ter, então, um raciocínio dedutivo que prove o teu critério de veracidade. Só a dedução gera certeza.

DESCARTES: E tenho. Depois de provar a existência de Deus, provo também que Ele é perfeito, e que, portanto, não é enganador. E provo ainda que Deus é o autor do meu ser. Ora, se se pudessem impingir falsas idéias à mente com tamanha clareza que não se pudessem duvidar, Deus seria enganador. Se o uso natural e apropriado da mente tivesse, como resultado inevitável, o erro, então Deus, autor e projetista de meu ser, seria o responsável pelo erro. Já que isso não pode ser verdade, posso ficar seguro de não ser enganado, desde que utilize corretamente os dons intelectuais que Deus me deu.

(Assim, alhures explico que todo o erro é devido à nossa imperfeição, à nossa vontade, que insiste em julgar sem possuir evidência suficiente para tanto. A vontade é livre, mas a mente não. Por exemplo, a vontade é livre tanto para crer que Deus é bom, como para crer que Deus não é bom, mas a mente não é livre para crer que Deus não é bom, nem para crer que Deus não é Deus, pois isto seria um contra-senso. As idéias, com freqüência, nos vêm à mente

seria um contra-senso. As ideias, com frequência, nos vêm à mente independentemente de nossa vontade, e as leis da lógica não são decisão nossa; mas os juízos são feitos somente através de uma decisão, e as decisões sempre implicam em vontade. Todo o erro, portanto, advém da vontade, que julga para além do que permitem as evidências.)

A confiabilidade de Deus é de fato o argumento do qual se deduz o critério de veracidade. É um argumento dedutivo, e não indutivo; e por isso é certo e não apenas provável.

SÓCRATES: De fato. Resta-nos ver se é ou não um bom argumento dedutivo.

DESCARTES: É o que veremos no parágrafo seguinte, quando chegarmos às provas da existência de Deus.

SÓCRATES: Mas aí está o problema: a premissa do teu argumento vem depois da conclusão.

DESCARTES: Que queres dizer?

SÓCRATES: Tua conclusão é que as idéias claras e distintas são verdadeiras.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E tua premissa é que Deus é confiável.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Mas ainda não provaste Deus.

DESCARTES: Oh.

SÓCRATES: E quando finalmente O provas, usas o critério de veracidade como premissa.

DESCARTES: Por que o dizes?

SÓCRATES: Porque a prova que dás da existência de Deus não pode ser deduzida de nada que se observe no mundo, tal como a ordem, de onde se pode deduzir um Projetista, ou a cadeia de causas e efeitos, de onde se pode deduzir uma Causa primeira incausada – pois ainda não provaste a existência do mundo material. Ainda estamos em dúvida quanto à sua existência.

DESCARTES: Isso é verdade.

SÓCRATES: Assim, o único ponto de partida para provares Deus é, necessariamente, a idéia de Deus.

DESCARTES: Isso também é verdade.

SÓCRATES: E o teu argumento é, em essência, o seguinte: a idéia de Deus é uma idéia clara e distinta, uma idéia indubitável, logo é verdadeira.

DESCARTES: Essa é uma interpretação bastante inadequada de minha prova.

SÓCRATES: Oh, reconheço que é. Eu não estava dando a estrutura lógica da prova – trataremos disso em seguida – mas o método, a estratégia. E a estratégia é esta: usas a idéia clara e distinta de Deus para provar Sua existência.

DESCARTES: Isso é verdade.

SÓCRATES: Mas também usas a existência e a veracidade de Deus para provar a confiabilidade das idéias claras e distintas.

DESCARTES: Oh.

SÓCRATES: Acho que sabes o nome que os lógicos dão para isso.

DESCARTES: Raciocínio ou argumento circular. Mas tenho uma terceira prova do meu critério de clareza e distinção. Ela também é dedutiva, mas não pressupõe Deus.

SÓCRATES: Estou esperando.

DESCARTES: Se o critério não fosse válido, eu não poderia ter obtido certeza a respeito do “*cogito*”. Pois o critério está, no mínimo, subentendido nele. Ora, a certeza que o “*cogito*” me deu é válida, logo, o critério também é. Eu somente tornei explícito o critério que estava implícito.

SÓCRATES: Trazer o que está implícito à luz do que está explícito... soa exatamente como a teoria da abstração de Aristóteles, a qual rejeitas como não sendo suficientemente explícita, suficientemente matemática. Talvez sejas mais aristotélico do que pensas.

DESCARTES: Reconheço que o modo como estabeleço meu critério de veracidade não é tão claro quanto o critério mesmo: Chego a ele por indução, dedução ou explicitação? Mas vês qualquer coisa de errado com o critério em si mesmo? A fim de fazê-lo, seria necessário encontrares uma idéia clara e distinta que não fosse verdadeira. Esta seria a única maneira de refutar meu critério de veracidade. Pois o que estou dizendo não é que toda verdade é clara e distinta – nós, obviamente, possuímos muitas opiniões corretas que, mesmo sendo verdadeiras, não são nem claras nem distintas – mas tão somente que tudo o que é claro e distinto é verdadeiro.

SÓCRATES: Talvez tenhamos novamente de deixar uma “ponta solta” para o leitor amarrar. Usando as definições que deste de clareza e distinção, poderá ele encontrar alguma idéia clara e distinta que não seja verdadeira? Pode o gênio mau hipotético, por exemplo, colocar na mente do leitor uma idéia tão clara que ele não a possa, do ponto de vista psicológico, afastar ou rejeitar, e tão distinta que não a possa confundir com nenhuma outra, mas que, apesar de tudo, seja uma idéia falsa?

Mas por ora gostaria de seguir adiante, em direção ao que ainda falta analisar do teu sistema.

Quinto Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: As Provas da Existência de Deus

SÓCRATES: Até agora só provaste a tua própria existência enquanto mente que pensas. Não provaste a existência de mais nada.

DESCARTES: Exatamente.

SÓCRATES: É necessário, portanto, construíres uma ponte desde o eu até o outro, seja lá o que for este outro. E se falhares em construir esta ponte, se falhares em provar a existência de qualquer coisa para além de ti mesmo, acabarás em solipsismo, aquele “ismo” que diz que tudo o que existe é *sole ipse, apenas eu mesmo*.

DESCARTES: Exatamente.

SÓCRATES: Sabes de que “apenas eu mesmo” é a definição?

DESCARTES: Acabaste de dizer, Sócrates; é a definição de solipsismo, o qual irei superar mediante minha próxima prova.

SÓCRATES: Sim, mas se a tua próxima prova não funcionar, não o terás superado. E talvez seja de alguma utilidade para nós só contemplar o que seria este “algo” que não terias superado – que é que o solipsismo representa.

DESCARTES: Não compreendo o que estás insinuando.

SÓCRATES: És católico, não é?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E um católico erudito. Leste os santos e os místicos, não leste?

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Deverias saber então que, de acordo com alguns de vossos santos e místicos católicos, esta é a definição de inferno: puro egoísmo, pura solidão, absoluta ausência do outro. Certa mística sugere que não existe fogo material no inferno, porque, se houvesse, então existiria algo além da alma condenada, o que aliviaria o remordimento do ego em si mesmo. Ela sugere que a dor física pode ser um alívio à dor espiritual. Outro autor acrescenta que é por isso que, quando se está em profundo desespero, pode-se querer infligir dor física a si mesmo, batendo a cabeça contra a parede ou arrancando os cabelos.

DESCARTES: Ah, Sócrates, isto é só um experimento mental!

SÓCRATES: Compreendo. Mas é um experimento bastante sério, não é? Poderia haver um mais sério do que este? Poderia haver estado de que tivéssemos maior

necessidade de salvação, mesmo em pensamento?

DESCARTES: Se é o inferno, não há.

SÓCRATES: Então é preciso que nos dediquemos com grande cuidado à construção da “ponte” que vai do eu até o outro.

DESCARTES: Eu te asseguro que foi exatamente o que fiz em meu pensamento. Minha ponte é forte, porque ela é Deus. Dentre as muitas idéias em minha mente, só uma eu encontrei, além da idéia de minha própria existência, que, por assim dizer, era prova de si mesma, que era absolutamente clara, distinta e indubitável, e esta era a idéia de Deus. Eu ainda não provara a existência nem da matéria, nem do tempo e do espaço, nem do mundo, de modo que não poderia provar a existência de Deus mediante premissas tomadas dessas fontes. Mas a idéia de Deus não é como as outras idéias, como a idéia de uma cadeia causal, ou a idéia de uma ordem universal, as quais são questionáveis e não são auto-evidentes; a idéia de Deus, clara e distintamente definida, é a premissa pela qual consigo provar a existência real de Deus, mostrando que a Sua existência é auto-evidente. Portanto, se o solipsismo é o inferno, Deus é a ponte que me leva para fora do inferno – e não há dúvida que uma ponte dessas é segura e confiável.

SÓCRATES: Na realidade, sem dúvida, se de fato há um Deus. Mas no pensamento? É isto que precisamos questionar agora: conseguiste provar a existência de Deus? Precisamos examinar as provas.

DESCARTES: Há na verdade *duas* provas, ou duas versões da mesma prova, e não apenas uma. (Há também uma terceira prova, mas é bastante parecida com uma das duas, e a diferença é tão técnica que podemos omiti-la, se não te importares.)

SÓCRATES: Ótimo. Examinemos as duas provas, uma de cada vez. A primeira está no parágrafo seguinte:

(DM 4, par. 4)

Em seguida, tendo refletido sobre aquilo que eu duvidava, e que, por consequência, meu ser não era totalmente perfeito, pois via claramente que o conhecer é perfeição maior do que o duvidar, deliberei procurar de onde aprendera a pensar em algo mais perfeito do que eu.

DESCARTES: “Algo mais perfeito do que eu” é minha primeira definição de Deus. Uma definição mais perfeita seria a de “Ser absolutamente perfeito”, mas esta definição não é necessária para a primeira prova, como o será para a segunda. Tudo o que preciso aqui é a noção de um ser mais perfeito do que eu mesmo.

SÓCRATES: Não me parece que Deus seja assim. Um ser mais perfeito do que eu mesmo poderia simplesmente ser uma mente humana superior ou um anjo.

Como conseguiste provar a existência de um ser que mereça o nome de “Deus” a partir de uma noção tão imperfeita?

DESCARTES: Porque, partindo desta noção imperfeita, eu continuo, na segunda parte da prova, até chegar à noção mais perfeita de um ser “que tenha em si mesmo todas as perfeições de que eu pudesse ter idéia”. Eis aqui a passagem:

(DM 4, par. 4)

[...] e conheci com evidência que deveria ser de alguma natureza que fosse de fato mais perfeita[...] pois tirá-la do nada era manifestamente impossível; e, visto que não há menos repugnância em que o mais perfeito seja uma consequência e uma dependência do menos perfeito do que admitir que do nada procede alguma coisa, eu não poderia tirá-la tampouco de mim próprio. De forma que restava apenas que tivesse sido posta em mim por uma natureza que fosse verdadeiramente mais perfeita do que a minha, e que mesmo tivesse em si todas as perfeições de que eu poderia ter alguma idéia, isto é, para explicar-me numa palavra, que fosse Deus.

Ora, Sócrates, o dado e a premissa de que disponho é somente a idéia de Deus em minha mente. A idéia acontece em minha mente da mesma forma que as causas e os efeitos acontecem no mundo físico. E tudo o que acontece, seja físico ou mental, vem, ou do nada, ou de alguma coisa. Uma vez que, do nada, nada vem, tudo precisa vir de alguma coisa. Há duas possibilidades, então, desta “alguma coisa”, podemos chamá-la de “causa”: ou à causa falta, ou não falta, alguma perfeição presente na coisa que vemos acontecer (vamos chamá-la de “efeito”). Mas se à causa falta alguma perfeição que vemos no efeito, então esta perfeição apareceu, no efeito, sem causa. E isso é tão impossível quanto a existência de um acontecimento que surja do nada, de causa nenhuma. Portanto, a única causa capaz de explicar satisfatoriamente o efeito que é minha idéia de Deus é um Deus real que seja pelo menos tão perfeito quanto a idéia que tenho Dele. Mesmo que minha idéia de Deus não seja *absolutamente* perfeita, é perfeita o suficiente para me fazer designar pelo nome “Deus” qualquer ser que corresponda a ela.

SÓCRATES: Argumentas, então, que somente um Deus real pode explicar o surgimento da idéia de Deus.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Portanto, se alguém fosse capaz de explicar satisfatoriamente o surgimento da idéia de Deus sem a necessidade de um Deus real, isso impugnaria tua prova.

DESCARTES: Impugnaria. Mas isso é impossível, como acabei de demonstrar. O menos perfeito não pode ser causa do mais perfeito.

SÓCRATES: Que dirias a um pensador que declarasse explicar a origem da idéia de Deus pela necessidade do *wishful thinking*? Todos os homens desejam

profundamente ser amados, cuidados e possuírem a imortalidade. Porque não poderiam nossos corações e mentes ter inventado a idéia de Deus para aliviar o medo que sentimos da solidão e da morte?

DESCARTES: Já respondi a essa pergunta, Sócrates. Porque nossos corações e mentes, nosso desejo de amor e imortalidade e nosso medo da solidão e da morte são todas coisas imperfeitas. Sendo assim, não podem explicar satisfatoriamente nada que seja perfeito. Mas minha idéia de Deus é a idéia de algo perfeito, ou pelo menos mais perfeito do que a soma total de tudo o que está em mim. Assim, qualquer explicação psicológica concebível, valendo-se somente do que há em mim, não pode explicar satisfatoriamente esta idéia perfeita. Como digo nas *Meditações*, ao explicar esse princípio da causalidade,

(M3, par. 16)

Agora, é coisa manifesta pela luz natural [*da razão*] que deve haver ao menos tanta realidade na causa eficiente e total quanto no seu efeito: pois de onde é que o efeito pode tirar sua realidade senão de sua causa? E como poderia esta causa lhe comunicar se não a tivesse em si mesma? [*Ninguém pode dar o que não tem.*] Daí decorre não somente que o nada não poderia produzir coisa alguma, mas também que o que é mais perfeito, isto é, o que contém em si mais realidade, não pode ser uma decorrência e uma dependência do menos perfeito. E esta verdade não é somente clara e evidente nos seus efeitos, que possuem essa realidade que os filósofos chamam de atual[...] mas também nas idéias[...]

SÓCRATES: Compreendo a lógica da tua argumentação. Mas certamente há casos que não envolvem Deus, nos quais a mente, sob a influência de coisas reais bastante imperfeitas, inventa algo inexistente, mas que é muito mais perfeito do que tudo que vemos na realidade. Por exemplo, a idéia de um santo perfeito ou de um filósofo infalível.

DESCARTES: E como *tu* explicarias tais idéias, Sócrates, sem violar o princípio lógico que diz que o mais perfeito não pode surgir do menos perfeito?

SÓCRATES: Da seguinte maneira. Utilizando o princípio mesmo que expuseste, das idéias claras e distintas, eu distinguiria entre dois reinos claramente distintos, o reino da minha mente e o reino do mundo físico, de tudo o que está para fora da minha mente, e que poderia incluir toda a matéria, as outras mentes e Deus. Vamos chamá-los de reino subjetivo e reino objetivo, ou mundo subjetivo e mundo objetivo. Dentro do âmbito de qualquer desses dois mundos, vale o teu princípio: nada que seja mais perfeito pode surgir do menos perfeito. Idéias maiores não podem surgir de idéias menores, e as coisas maiores não podem, sem mais nem menos, surgir das menores. Mas suponhamos que um desses mundos seja maior do que o outro...

DESCARTES: É exatamente isso o que suponho na próxima prova da existência de Deus: que o mundo objetivo é maior do que o mundo subjetivo; que é mais

perfeito existir como algo independente da minha mente do que existir apenas como idéia dependente da minha mente. E é por isso que digo que Deus precisa existir: porque a idéia de Deus é a de um ser que tem em si todas as perfeições, e a perfeição objetiva é maior do que a perfeição meramente subjetiva.

SÓCRATES: Vamos examinar tua segunda prova em breve. Mas, visto concordares realmente que um dos mundos é maior do que o outro (pois declaras que existir fora da mente, ou como algo independente dela, é mais perfeito do que existir como mera idéia na mente), não é impossível que um conjunto qualquer de causas imperfeitas do mundo objetivo, que é mais perfeito, provoque um efeito no mundo subjetivo que seja mais perfeito do que qualquer coisa nele, uma idéia que supere todas as outras idéias. Mas não deixa de ser apenas uma idéia. Prefiro antes ter uma só taça de vinho imperfeito, mas real, quando tenho sede, do que mil idéias perfeitas de vinhos perfeitos.

DESCARTES: Ah, mas a idéia de Deus existe nos *dois* mundos, Sócrates. Seu *conteúdo*, ou *significado*, é apenas uma idéia – a idéia de um ser perfeito. Mas a *ocorrência* desta idéia é um fato. É uma pessoa real – eu mesmo, cuja existência, lembra-te, acabei de provar – quem possui, na realidade, essa idéia. Este é um fato que precisa ser explicado por outros fatos. E o Deus que explica este fato é um fato, e não uma idéia. A mera idéia não pode gerar um fato. A mera idéia, que existe no mundo subjetivo, não pode nunca trazer à existência um fato no mundo objetivo. Assim, é preciso que expliques como é possível que eu, ser imperfeito, possua esta idéia perfeita de Deus.

Para colocar o argumento de maneira mais intuitiva que lógica, como poderia um mero macaco inteligente ter inventado tamanha idéia? Coloque todas as idéias da história universal em um lado da balança, e esta única idéia, a idéia de Deus, no outro lado, e pese-as. Ponha, de um lado, a geometria de Euclides, a descoberta do fogo, a domesticação dos animais, as leis da física, as sutilezas da filosofia Escolástica e todas as maiores histórias já contadas pelos grandes contadores de histórias do mundo. Do outro lado fique apenas esta única idéia, a de um ser infinitamente perfeito, perfeito em todos os aspectos, onipotente, onisciente, onissapiente, infinitamente amoroso, bom, belo e justo. Esta única idéia irá sobrepujar todas as outras infinitamente, como a infinitude supera toda a finitude. Ora, isso é sem dúvida uma coisa impressionante. Onde poderíamos nós, criaturas imperfeitas, ter tirado uma idéia dessas? Somos mendigos carregando por aí uma fortuna em ouro. É óbvio que é um presente, e que só poderia ter vindo de um doador sumamente rico. E o princípio de causalidade a que me referia, que diz que toda a perfeição que se vê no efeito precisa estar

presente na causa, ou na soma total das causas, é certamente tão verdadeiro no mundo das idéias quanto no mundo dos entes corpóreos.

SÓCRATES: Acho que ainda não respondeste à minha objeção de que um ser imperfeito, no mundo objetivo, que é mais perfeito, poderia ser causa de um ser perfeito no mundo subjetivo, que é menos perfeito. Mas deixemos para os leitores aprofundarem-se nessa complicada questão, e exploremos a tua segunda prova da existência de Deus.

Ela é muito parecida com a mais famosa prova da existência de Deus; na verdade, a mais famosa prova de qualquer coisa na história da filosofia, talvez o mais famoso argumento em toda a história. Ele foi elaborado por Santo Anselmo e seria mais tarde chamado “o argumento ontológico”, aquele que diz respeito ao *ontos* ou ser de Deus. Eis como tu o expressaste:

(DM 4, par. 5)

Eu via muito bem que, supondo um triângulo, cumpria que seus dois ângulos fossem iguais a dois retos; mas, apesar disso, nada havia que garantisse haver no mundo qualquer triângulo. Ao passo que, voltando a examinar a idéia que tinha de um Ser perfeito, verificava que a existência estava aí inclusa, da mesma forma como na de um triângulo está incluso serem seus três ângulos iguais a dois retos.

DESCARTES: E agora, Sócrates? Isso é que é prova infalível!

SÓCRATES: Porque então é um dos argumentos menos convincentes para provar Deus? Somente os filósofos parecem levá-lo a sério. Se pedires às outras pessoas que ofereçam um bom argumento para provar a existência de Deus, elas nunca te darão esse, mas algum outro, tal como a cadeia de causas e efeitos, a ordem universal, a lei moral ou os milagres. Quando o escutam pela primeira vez, todos desconfiam dele, como se estivesse realizando um truque de mágica, tirando um coelho vivo de um chapéu morto, um Deus real de um mero conceito.

DESCARTES: Explico no próximo parágrafo essa deficiência da mentalidade popular:

(DM 4, par. 6)

Mas o que leva muitos a se persuadirem de que há dificuldade em conhecê-Lo, e mesmo também em conhecer o que é sua alma, é o fato de nunca elevarem o espírito além das coisas sensíveis e de estarem de tal modo acostumados a nada considerar senão imaginando, que é uma forma de pensar particular às coisas materiais, que tudo quanto não é imaginável lhes parece não ser inteligível. E isto é assaz manifesto pelo fato de os próprios filósofos terem por máxima, nas escolas, que nada há no entendimento que não haja estado primeiramente nos sentidos, onde todavia é certo que as idéias de Deus e da alma jamais estiveram.

SÓCRATES: Isso nos traz de volta ao teu critério de veracidade, as “idéias claras e distintas”, que já examinamos, e, de modo mais amplo, ao teu racionalismo em contraste com o empirismo popular. Mas este é um assunto muito extenso e que

diz respeito a coisas demais para que o possamos examinar com proveito agora. Talvez seja de alguma utilidade examinarmos um dia a resposta que deram os filósofos escolásticos, especialmente os tomistas, ao desafio que lançaste acerca da idéia de Deus – uma idéia que admitem estar na mente sem ter estado nos sentidos. Como podem dizer, então, que não há nada no entendimento que não tenha estado antes nos sentidos?

Eles têm uma resposta para essa questão, e ela diz respeito à capacidade que temos de abstrair as formas inteligíveis e os princípios gerais dos acontecimentos e entes específicos, concretos e materiais que percebemos. Mas ainda que tenhamos, neste lugar, uma quantidade de tempo infinita, os leitores que estão lendo este diálogo na Terra não têm; é preciso, portanto, optar. E opto por deixarmos novamente a investigação deste ponto tangencial aos leitores ambiciosos, pois quero voltar à tua segunda prova da existência de Deus.

Ela é surpreendentemente parecida com a prova que dás de tua própria existência. Nesta, afirmas que a proposição “eu existo” é auto-evidente – pois, a fim de negares tua própria existência, é preciso existires – ao passo que naquela sustentas que a proposição “Deus existe” é auto-evidente – porque a existência objetiva e real é uma perfeição e negar a existência de Deus é afirmar que a Ele falta essa única perfeição. E isto é uma contradição lógica, pois tanto o que o crente, que afirma a existência de Deus, quanto o que o ateu, que a nega, querem dizer com “Deus” é “o ser que, por definição, possui *todas* as perfeições, ou todas as perfeições concebíveis”. E a existência é uma perfeição concebível. O ateísmo, portanto, parece contradizer-se a si mesmo, pois sustenta que “o ser que, por definição, possui todas as perfeições concebíveis, carece de uma única perfeição concebível, a saber, a existência objetiva e real”.

DESCARTES: Fizeste um belo resumo do meu argumento, Sócrates. Como o *cogito ergo sum*, este não é um argumento apoiado em premissas questionáveis, pois não possui premissa alguma. É menos um silogismo que uma única proposição auto-evidente. Tu antes argumentaste, Sócrates, que ao dizer que minha própria existência era auto-evidente, eu estava confundindo a mim mesmo com Deus, pois estaria pressupondo que a existência era minha essência. Pois bem, ainda que a crítica fosse, naquele caso, justa – e não creio que tenha sido – *neste* caso ela não é crítica de modo algum. Pois a essência de Deus é a existência. É por isso que Ele não precisa de causa para existir. Assim, a mesma razão pela qual disseste que meu argumento para minha própria existência era inválido – pois eu não sou Deus – é a razão por que o argumento ontológico é legítimo, pois Deus é Deus.

SÓCRATES: Ainda assim, grandes filósofos encontraram falhas neste argumento.

DESCARTES: Por quê?

SÓCRATES: Por não menos de cinco razões.

DESCARTES: Estou ansioso para ouvi-las e refutá-las.

SÓCRATES: A primeira é de S. Tomás de Aquino. Ele diz, simplesmente, que não conhecemos a essência de Deus e que, portanto, não podemos usá-la como termo de uma demonstração lógica.

DESCARTES: Concordo que não conhecemos a essência de Deus. O que estou dizendo é simplesmente que a existência faz parte dela. E S. Tomás diz isso também.

SÓCRATES: Em segundo lugar, ele argumenta que nem todo mundo aceita a definição de Deus como o ser que possui todas as perfeições concebíveis. Para tais pessoas o teu argumento não valeria nada.

DESCARTES: De fato. Mas a cabeça dessas pessoas também não vale nada. Pois esta é a definição correta de Deus. Se um tolo definir Deus como uma cobra gigante, não esperem que eu vá ajustar meu argumento a esta falsa definição.

SÓCRATES: Muito bem. Mas aí vai uma terceira crítica, também de S. Tomás. O que ele diz, essencialmente, é que S. Anselmo confunde conceitos com juízos. Quem compreende o significado do conceito “Deus”, por força compreende que todas as perfeições estão contidas nele, e que, portanto, se a existência é uma dessas perfeições, a existência estará contida nele também. Mas. . .

DESCARTES: É justamente esse o meu argumento.

SÓCRATES: Mas talvez a existência “não seja uma perfeição”, como argumentaria mais tarde, no século XIX, Immanuel Kant, ao criticar o argumento de S. Anselmo e o teu. É isso, essencialmente, o que argumenta S. Tomás, ao dizer que, quando alguém aceita que o conceito de Deus contém em si o conceito de existência, isso não quer dizer, necessariamente, que aceite a veracidade da proposição “Deus existe”; pois a existência não é uma essência, ao passo que todos os conceitos são essências. A existência é afirmada ou negada por um juízo, uma proposição; ela não é nem o termo sujeito nem o termo predicado, mas a cópula, o verbo, a relação entre o termo sujeito e o termo predicado.

DESCARTES: É um argumento bastante técnico. Devemos nos aprofundar nele aqui?

SÓCRATES: Não. Deixemos mais uma ponta solta para o leitor amarrar. Nós, ao contrário, vamos seguir adiante, para a quarta crítica ao teu argumento, que o censura por confundir extensão e compreensão. Pois pode ser que o conjunto das

“coisas que possuem perfeição infinita” seja um conjunto vazio. Só porque podemos definir o conteúdo, ou compreensão, de uma classe de seres, não significa necessariamente que existam quaisquer seres na extensão, ou população, desta classe.

DESCARTES: Isso é verdade no que diz respeito a todas as outras coisas, mas não no que diz respeito a Deus. Só quando se fala n’Ele é que se pode deduzir a extensão da compreensão, a existência da essência. Não é lícito argumentar que o filósofo mais perfeito que se possa conceber exista necessariamente, só porque a existência é uma perfeição concebível e um grande filósofo possuidor dela seria mais perfeito que um filósofo que não a tivesse. Pois este filósofo não é concebido como “aquele que, por definição, possui *todas* as perfeições concebíveis”. Somente Deus é assim. Por isso, somente Deus pode ser provado assim.

SÓCRATES: Mas este argumento é também bastante técnico. Permita-me avançar à quinta crítica do “argumento ontológico”, que é talvez a mais simples de todas.

O teu argumento começa pela definição do conceito “Deus” como “Ser que, por definição, tem em si todas as perfeições concebíveis”, da mesma forma que o conceito “triângulo” tem em si, por definição, três ângulos, cuja soma iguala a dois ângulos retos.

DESCARTES: Exatamente.

SÓCRATES: E concluis, portanto, mediante essa demonstração, que Deus existe, que Deus possui existência na realidade; pois Ele tem todas as perfeições e a existência é uma perfeição (admitamos que seja, ainda que S. Tomás e Kant o contestem); logo, Ele possui a existência.

DESCARTES: Não há silogismo mais certo e mais simples do que este.

SÓCRATES: Mas, mesmo assim, ele parece conter uma falácia.

DESCARTES: De jeito nenhum! “X possui todos os Ys, e Z é um Y, logo X possui Z” – não há aí falácia alguma. Qual das seis regras de Aristóteles tu achas que ele quebra?

SÓCRATES: A primeira: que diz que um silogismo deve ter apenas três termos. O teu tem quatro; comete, portanto, a “falácia dos quatro termos”.

DESCARTES: Se contares cuidadosamente, Sócrates, verás que há somente três. Sei que és velho e talvez a matemática não seja o teu forte, mas. . .

SÓCRATES: Garanto que sei contar, talvez melhor do que tu. Pois o Deus que provas em tua conclusão é o Deus real, e não apenas a idéia de Deus, certo?

DESCARTES: Certo. Pressuponho apenas a idéia de Deus, não o Deus verdadeiro.

Mas é o Deus verdadeiro que provo, e não a idéia. Provo a realidade *a partir* da idéia. Se tivesse pressuposto o Deus real, estaria cometendo uma petição de princípio; e se tivesse provado somente a idéia de Deus, não teria provado que Ele existe.

SÓCRATES: Portanto, o “Deus” da tua conclusão não é apenas um conceito, mas uma realidade.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Coloquemos os conceitos entre aspas, para mostrar que os estamos tratando apenas como conceitos. Tu não colocarias a palavra “Deus” entre aspas na conclusão, colocarias?

DESCARTES: Não. Como disse, se tivesse provado apenas o conceito ou a idéia de Deus, não teria provado nada.

SÓCRATES: Pois bem, o “Deus” com que comesas, o Deus da tua premissa: é Ele o Deus real?

DESCARTES: Não. Eu não começo com o Deus real, eu só chego a Ele no fim. Como disse, se tivesse começado com o Deus real, estaria cometendo petição de princípio, pressupondo o que devia provar.

SÓCRATES: Começas pelo quê, então?

DESCARTES: Pela definição de Deus, aceita igualmente por crentes e ateus.

SÓCRATES: Em outras palavras, pelo conceito de Deus.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: E nós colocamos os conceitos entre aspas, não colocamos? Para mostrar que estamos a tratá-los apenas como conceitos, e não como realidades.

DESCARTES: Sim.

SÓCRATES: Muito bem, aqui estão os teus quatro termos: primeiro o conceito de Deus, ou “Deus” (entre aspas), na premissa; segundo, a existência; terceiro, a perfeição; e quarto, Deus sem aspas, na conclusão.

DESCARTES: Oh. Mmm... acho que posso defender-me aqui também e me explicar, Sócrates, mas será necessário certo conhecimento de lógica para acompanhar minha defesa...

SÓCRATES: Novamente opto por seguirmos em frente, deixando outra ponta solta para o leitor amarrar.

DESCARTES: Como queiras. Obedeço vossa autoridade.

SÓCRATES: E já que ela vem de cima, tua obediência é um bom augúrio no que diz respeito ao teu destino final, que encontrarás assim que esta inquisição

purgativa tiver terminado. Adiante então, para o próximo passo.

Sexto Passo do Sistema Filosófico Cartesiano: A Prova da Existência do Mundo Material

SÓCRATES: Este é um argumento bastante simples e breve, mas o que ele prova é o mundo inteiro. Com ele provas finalmente que o mundo que vemos com nossos sentidos existe. Mas só consegues fazer isso depois de teres provado a existência de Deus, pois Deus é a única premissa que podes usar para chegar a essa conclusão.

DESCARTES: Sim, é essa a minha estratégia. Não conheço nenhum outro meio de provar a existência do mundo, uma vez que se tenha optado pela dúvida metódica universal.

SÓCRATES: Que tens a dizer da crítica que com freqüência se faz dessa tua estratégia, a qual diz ser ela o contrário do funcionamento normal da mente humana? Nós começamos, desde muito pequenos, conhecendo as coisas do mundo material, pois elas nos parecem as mais óbvias; depois, mais tarde, é que pensamos sobre nós mesmos e, por último, depois de termos pensado sobre todas essas coisas, é que pensamos sobre Deus, que parece ser o menos óbvio e o mais questionável. Mas terminas com o mundo, ao invés de começares por ele; conheces Deus antes de conheceres o mundo e só conheces o mundo depois de teres conhecido o “eu”.

DESCARTES: O que tenho a dizer é que isso não é crítica de forma alguma, pois quem o diz não compreende meu projeto. Não sou um psicólogo tentando explicar o surgimento dessas idéias na mente de uma criança, mas um filósofo tentando provar a existência do eu, de Deus e do mundo. Quem diz isso está simplesmente confundindo a ordem lógica com a ordem psicológica.

SÓCRATES: É uma resposta clara e satisfatória.

DESCARTES: Examinemos então minha prova da existência do mundo.

SÓCRATES: Ela desenvolve-se, parece-me, em três etapas. Primeiro provas que Deus é bom e que, portanto, não é enganador. Daí provas que, se o mundo não existisse, Deus seria enganador. Por fim chegas à conclusão de que o mundo existe.

DESCARTES: É esse mesmo o meu argumento.

SÓCRATES: A primeira premissa, pois, prova-se assim:

(DM 4, par. 4)

Para conhecer a natureza de Deus, tanto quanto a minha o era capaz, bastava considerar, acerca de todas as coisas de que achava em mim qualquer idéia, se era ou não perfeição possuí-las, e estava seguro de que nenhuma das que eram marcadas por alguma imperfeição existia Nele, mas que todas as outras existiam.

DESCARTES: Veja bem, é a mesma definição de Deus que usei para provar Sua existência, definição esta que diz ser Ele o possuidor de todas as perfeições concebíveis. Não vejo como alguém poderia contestar isso aí. E se, só por seguir a luz natural da razão, ou seja, por usar minha mente de acordo com suas próprias regras inatas, eu fosse sistematicamente enganado, então seria Deus o responsável pelo engano.

SÓCRATES: Por que O responsabilizas?

DESCARTES: Porque, ao seguir os princípios que me são conhecidos de modo natural e inato, estou seguindo Seu projeto, visto que Ele é o autor do meu ser.

SÓCRATES: Mas ainda não provaste que Ele é o autor do teu ser.

DESCARTES: Mas ninguém que aceite a existência de Deus pode negá-lo. Isso faz parte do conceito de “Deus” tanto quanto a idéia de que Ele é o possuidor de todas as perfeições.

SÓCRATES: Mas a tua mente é imperfeita, não é? Disseste antes o seguinte: que encontras em ti mesmo dúvidas e erros, portanto, imperfeições.

DESCARTES: É verdade.

SÓCRATES: Se a mente é imperfeita, não pode ela errar na avaliação que faz de sua própria imperfeição? E também equivocar-se acerca de *quando* erra?

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: E o que aconteceria se tua mente fosse tão imperfeita que, ao seguir o que chamas de “luz natural”, errasse?

DESCARTES: Como já disse, Sócrates, neste caso Deus seria enganador. Porque insistes neste argumento?

SÓCRATES: Quero explorar essa possibilidade, se não te importas. Crês que o cérebro é o instrumento corpóreo usado pela mente e que ele seja, em alguns aspectos, tal como um computador?

DESCARTES: Um o quê?

SÓCRATES: Uma máquina de calcular. Pascal, teu contemporâneo, foi quem inventou a primeira. A dele era basicamente uma máquina de adição. Mais tarde, porém, versões infinitamente mais complexas foram inventadas. Nenhuma viria a ser mais complexa do que o cérebro humano; mesmo assim, ele pode ser visto

como uma complicadíssima máquina de pensar, ou computador, ainda que seja, também, muito mais do que isso.

DESCARTES: Compreendo. Mas por que essa analogia entre o cérebro e o computador?

SÓCRATES: Porque é preciso que alguém invente, projete e construa um computador, além de programá-lo para que faça o que deve fazer. E, se o cérebro humano é como um computador, a mesma coisa se aplica no seu caso: sua atividade (que é pensar) é função de seu desenho interno e dos programas com que foi alimentado, o que mais tarde chamar-se-ão, respectivamente, o “*software*” e o “*hardware*”. Parece que é uma analogia válida, não parece?

DESCARTES: Digamos que sim.

SÓCRATES: Pois bem, quais são as possibilidades no que diz respeito à causa ou ao projetista ou ao programador de qualquer máquina, seja ela outra máquina que não o computador, seja ela outro computador que não o cérebro humano, seja ela o cérebro humano visto como um computador. Poderíamos dizer que este programador ou é confiável ou não é?

DESCARTES: É necessário que seja ou um ou outro.

SÓCRATES: E o que faz deste programador um programador confiável?

DESCARTES: Duas coisas, no meu entender: ele deve ser inteligente, e também deve ser bom, ou seja, benéfico, veraz. Pois se ao programador faltasse de toda inteligência, então a máquina seria programada pelo mero acaso, e ninguém confiaria nela. E se o programador possuísse inteligência, mas não o bastante dela, e se cometesse erros com frequência, então a máquina seria programada imperfeitamente, e também cometeria erros, só por seguir seu desenho interno. Assim, é necessário que o programador seja não só inteligente, mas absolutamente inteligente, na verdade, que seja infalível, para que a máquina projetada por ele seja absolutamente confiável.

Pode ser que, mesmo assim, a máquina seja mal utilizada, da mesma forma como, com frequência, utilizamos mal nossa inteligência. Mas desde que a utilizemos bem, desde que julguemos somente de acordo com suas regras e de acordo com as evidências, não erraremos – no caso de a máquina ser mesmo absolutamente confiável. Assim, ninguém menos que o Deus infalível deve ser a causa da máquina de pensar que é o nosso cérebro, se for para confiarmos de algum modo em nosso pensamento, principalmente no que diz respeito àqueles princípios lógicos que por natureza conhecemos, tal como a lei da não-contradição, e que são tão claros e distintos que deles não é possível duvidar.

SÓCRATES: Exatamente o que pensava que irias dizer. Concordo contigo.

DESCARTES: Mas é preciso que esse Deus programador seja não só infalível e incapaz de ser enganado, mas também que seja incapaz de enganar. É necessário que Ele seja moralmente perfeito, isto é, benéfico. Pois não vejo como poderia estar isento da culpa de nos enganar se tivesse programado nossos cérebros para tanto. E esta é a segunda qualidade do ser a que os homens chamam Deus.

SÓCRATES: Concordo contigo neste ponto também, René.

DESCARTES: Portanto, se Deus é a fonte da capacidade que temos de pensar e Deus não nos engana, nosso pensamento estará certo desde que não violemos seus princípios essenciais e naturais.

É impossível duvidar do testemunho dos sentidos, tanto quanto é impossível duvidar do testemunho da mente. Assim, os sentidos também não nos enganam, desde que não os utilizemos de modo errado nem julguemos além do que permitem as evidências.

SÓCRATES: Que queres dizer com essa qualificação?

DESCARTES: Quero dizer que os sentidos não nos dão *juízos*, como o faz a lógica do pensamento, mas somente *dados*. Por exemplo, vemos um disco amarelo e brilhante no céu, ao qual chamamos sol. Vemos também outro disco no céu, muito menos brilhante, a que chamamos lua. O tamanho aparente de ambos é tão parecido que um pode eclipsar o outro. Mas se julgarmos que eles de fato têm o mesmo tamanho, estaremos julgando além do que permitem as evidências; pois a lua está muito mais próxima da terra do que o sol, e é por isso que *parece* ser tão grande quanto ele, quando na verdade é muito menor. Outro exemplo: vemos um pau na água e ele parece quebrado, quando na verdade não está; podemos julgar que o pau está realmente quebrado, mas isto seria julgar para além do que a evidência sensorial nos mostra. Os sentidos não nos enganam. Enxergamos corretamente, mas o que estamos enxergando é a luz do pau refratada pela água.

SÓCRATES: Novamente, não posso senão concordar contigo.

DESCARTES: Então é preciso que aceitemos a existência do mundo material que os sentidos nos revelam, baseados na autoridade da confiabilidade de Deus.

SÓCRATES: Se teus argumentos a respeito de Deus estiverem certos.

DESCARTES: É claro.

SÓCRATES: Mas esses argumentos baseiam-se no conceito de Deus e nos princípios da lógica, que conhecemos de forma inata, tal como a lei da causalidade: o princípio que diz que o efeito não pode ser maior do que a causa.

DESCARTES: Sim, e podemos ter certeza de que esses princípios são verdadeiros,

pois nossa mente foi programada por um Deus confiável.

SÓCRATES: Se, ao invés disso, tivéssemos sido programados pelo gênio mau ou pelo cego acaso, não teríamos razão para confiar nesses princípios inatos, não é assim?

DESCARTES: É isso mesmo.

SÓCRATES: E como sabemos que não é assim que as coisas se passam?

DESCARTES: Através dos argumentos que apresento acerca de Deus.

SÓCRATES: Mas esses argumentos pressupõem os mesmos princípios inatos.

DESCARTES: Oh.

SÓCRATES: Usas os princípios lógicos, inatos e naturais, com que toda a mente humana foi programada para provar a existência e a confiabilidade de Deus; depois, provas a confiabilidade destes mesmos princípios invocando a existência e a confiabilidade de Deus. Estás novamente argumentando em círculos.

DESCARTES: Acho que posso escapar deste círculo, Sócrates, visto que esses princípios não pressupõem, formal e logicamente, a existência de Deus. Também os ateus os conhecem. Negá-los é auto-contraditório. Na realidade objetiva, é Deus a fonte desses princípios, mas no conhecimento subjetivo, os princípios são a origem do nosso conhecimento de Deus. Por meio da distinção entre esses dois mundos, o objetivo e o subjetivo, evito a circularidade. Na realidade objetiva, é Deus quem aparece primeiro; no pensamento, quem aparece primeiro são os princípios.

SÓCRATES: Mas a única maneira de provares Deus é pressupondo a validade dos princípios. E a única maneira de provares a validade dos princípios é demonstrá-los a partir da premissa de que há um Deus confiável que os tenha criado. Penso, pois, que ainda estás argumentando em círculos.

DESCARTES: Então demonstrarei os princípios sem precisar de Deus como premissa; farei como Aristóteles, demonstrando que negá-los é contradizer-se.

SÓCRATES: Mas e se a própria lei de não-contradição não for verdadeira? E se estiveres sendo sistematicamente enganado por um gênio mau, que projetou tua mente para errar sem saber que erra, sem nem mesmo ser capaz de conceber a possibilidade de que erra ao seguir essas leis?

DESCARTES: Uma hipótese fantasiosa, Sócrates.

SÓCRATES: De fato, mas tu mesmo a concebeste, René, como consequência do primeiro passo do teu método, a dúvida universal. Lembras?

DESCARTES: Pensas que a única maneira de demonstrar esses princípios é pressupondo a existência de Deus?

SÓCRATES: Não, eu não disse isso.

DESCARTES: Se houver, então, outra maneira de demonstrar os princípios da Lógica, teremos escapado do círculo. E há. Podemos demonstrá-los de maneira indireta, como Aristóteles fez na *Metafísica*, ao refutar o ceticismo de Protágoras e dos sofistas; ou seja, pode-se demonstrar indiretamente a verdade dos princípios auto-evidentes ainda que não se possa fazê-lo diretamente, deduzindo-os de princípios mais básicos, pois eles são os princípios mais básicos de todos. E a demonstração indireta consiste em mostrar que quem quer que negue os princípios fundamentais, tais como o da não-contradição e o da causalidade, na verdade os reafirma. Pois quem nega a lei de não-contradição (que diz que proposições contraditórias não podem ser ambas verdadeiras), está dizendo que proposições contraditórias *podem* ser ambas verdadeiras; e o contraditório de não-contradição é a contradição, de forma que quem nega a lei de não-contradição está dizendo, na verdade, que contradição equivale a não-contradição. Assim, a lei da contradição, na qual ele diz acreditar em lugar da lei da não-contradição, na qual nós acreditamos, revela ser o seu oposto, o seu contraditório. Logo, também ele crê na não-contradição. Negar a lei de não-contradição é afirmá-la.

SÓCRATES: É uma demonstração muito inteligente, René, mas e se os princípios que usaste nela forem também eles parte da ilusão do gênio mau? Como Pascal observou, ao discorrer sobre os princípios lógicos que conhecemos de modo inato,

Não é possível sabermos se esses princípios são verdadeiros (salvo pela fé e pela revelação) a não ser por certa intuição natural. Ora, essa intuição natural não nos fornece nenhuma prova convincente da veracidade destes princípios. Não há certeza, exceto pela fé, quanto à questão de ter sido o homem criado por um Deus bom, por um demônio mau ou tão somente pelo acaso. E, sendo assim, é matéria de dúvida, a depender de nossa origem, se são esses princípios inatos verdadeiros, falsos ou incertos. (*Pensées* 131)

DESCARTES: Estou espantado de ter sido conduzido até aqui. Ao que parece, Sócrates, tu e Pascal é que foram os grandes duvidadores, e não eu.

SÓCRATES: Ah, o segredo foi revelado, afinal!

DESCARTES: Nunca pensei que seria levado a admitir o que acabei de admitir.

SÓCRATES: Foi só por teres duvidado pouco que levaste tanto tempo para perceber o quão pouco duvidaste.

Descartes e o Futuro da Humanidade

SÓCRATES: As duas últimas seções do *Discurso* podem ser analisadas ao mesmo tempo, penso, pois a Quinta Parte não é de forma alguma sobre filosofia, mas sobre as ciências físicas, que aqui não nos dizem respeito diretamente, a não ser na medida em que afetam o argumento apresentado na Sexta Parte, em que fazes previsões acerca das conseqüências que a adoção do teu método pelas ciências trará à humanidade.

DESCARTES: Muito bem.

SÓCRATES: Esta passagem relativamente longa, no início da Sexta Parte, parece resumir tua promessa fundamental, o peixe que estás tentando vender, por assim dizer. Primeiro, mencionas a importância da tua contribuição para as ciências físicas:

(DM 6, par. 2)

[...] tão logo adquiri algumas noções gerais relativas à Física, e, começando a comprová-las em diversas dificuldades particulares, notei até onde podiam conduzir, e o quanto diferem dos princípios que foram utilizados até o presente, julguei que não podia mantê-las ocultas, sem pecar grandemente contra a lei que nos obriga a procurar, no que depende de nós, o bem geral de todos os homens.

DESCARTES: Sempre vi a mim mesmo antes como cientista que filósofo, Sócrates.

SÓCRATES: Compreendo. O que me chama a atenção nesta passagem é o uso de uma palavra apenas, uma palavra bastante séria, e que não usaste antes em nenhum outro lugar – indício, ao que parece, de que tudo o que disseste anteriormente foi menos sério, menos importante que isto.

DESCARTES: Que palavra, Sócrates?

SÓCRATES: A palavra “pecar”. Parece-me que vês o pecado contra o futuro aperfeiçoamento material da humanidade como o maior de todos ou, pelo menos, como o único digno de menção. O único ponto no livro, além deste, em que fazes alguma afirmação de cunho moral é quando descreves teu código inteiramente provisório e pragmático, na Parte Três.

DESCARTES: Quando vires algumas das conseqüências que o uso do meu método terá, entenderás por que levo isso tão a sério, Sócrates.

SÓCRATES: Façamos, pois, exatamente isso. Continuas dizendo o seguinte:

(DM 6, par. 2)

Pois elas me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida, e que, em vez dessa Filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos cercam, tão distintamente como conhecemos os diversos misteres de nossos

artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza.

Aqui mostras tua afinidade com Francis Bacon. Na verdade, usas praticamente a mesma expressão que ele: “a conquista da natureza pelo homem”.

DESCARTES: Contudo, nossos métodos e epistemologia são opostos, visto que ele é um empirista, e eu um racionalista.

SÓCRATES: Mas os fins são os mesmos, e a afinidade de fins é mais profunda que a afinidade de meios, pois é com o coração que se escolhem os fins, enquanto os meios são escolhidos pela cabeça.

DESCARTES: Sim, isso é verdade.

SÓCRATES: É esta então, de longe, a parte mais importante e a mais radical do teu livro, pois diz respeito não só ao fim último de tua filosofia, mas ao fim último da vida humana sobre a Terra. Um novo fim último, ou seja, um novo bem maior, um novo *summum bonum* – que mudança poderia haver de mais radical que essa?

DESCARTES: Mas os homens desde sempre anelaram conquistar a natureza, a dor, a ignorância, o sofrimento e a morte. Eu só lhes dei novos meios para esse fim perene. O que há de radical em meu pensamento é que ele funciona. Nada subtraio, apenas acrescento.

SÓCRATES: Não vejo assim. Antes, vejo algo a mais em teu livro, algo muito mais radical, algo que me parece não um simples acréscimo, mas uma subtração, ou pelo menos uma substituição.

DESCARTES: Onde o enxergaste?

SÓCRATES: Na passagem citada, onde dizes que “*em vez* dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática”. Não é, pois, apenas questão de uma filosofia *mais* prática substituir outra *menos* prática, mas de a filosofia prática substituir a filosofia especulativa.

DESCARTES: E é isto mesmo o que defendo, no que se refere às ciências. Não é meu propósito aplicá-la à teologia ou negar o valor da vida contemplativa que lá se encontra. Afinal, Deus não nos foi dado para que O usemos, mas para que O conheçamos e O amemos. Mas este mundo, segundo dizem as próprias Escrituras Sagradas de Deus, nos foi dado como um jardim, para ser lavrado e cultivado, isto é, para ser usado. Penso que a minha postura prática é o correto, quando o que está em jogo são as ciências naturais; e o mesmo pensava Bacon.

SÓCRATES: Mas Bacon também criticou a idéia clássica ensinada nas escolas, tanto da Grécia Antiga quanto da Cristandade Medieval, que dizia ser o

conhecimento – conhecimento enquanto tal, conhecimento do que quer que seja – um fim que se deve perseguir por si mesmo. É por isso que se chama “ciência especulativa”: não porque é incerta, mas porque busca tão somente ver, contemplar, olhar, conhecer desinteressadamente (como bem sabes, *speculum*, em latim, significa espelho).

Bacon, ao contrário, dizia que o conhecimento não deveria ser buscado como um fim em si mesmo, mas como um meio para o fim maior de conquistar poder sobre a natureza. “Conhecimento é *poder*” era o seu mote. Pergunto-me se concordas com ele.

DESCARTES: Certamente concordo que conhecimento é poder, “A pena é mais forte que a espada”, e não creio que o negues.

SÓCRATES: Essa não é a questão. A questão diz respeito aos fins. O conhecimento é o meio e o poder é o fim? Dos dois termos do lema de Bacon, é certamente o poder o que para ele é o fim, enquanto o conhecimento não passa de meio. E isso é literalmente radical, pois é um rearranjo radical dos fins últimos.

DESCARTES: Como assim? Poderias explicar com mais clareza?

SÓCRATES: Acho que posso. Aristóteles ensinava, e a Cristandade inteira cria nisso, que o poder não era o bem maior e que, portanto, o tipo de conhecimento que produz aumento de poder sobre a natureza, o qual Aristóteles chamava *techne* ou “técnica”, e que os séculos vindouros chamariam “tecnologia”, não é o tipo de conhecimento mais valioso.

DESCARTES: Posso concordar que tenha valor secundário, mas ainda assim muito grande.

SÓCRATES: Para Aristóteles não era nem mesmo secundário, mas terciário; era apenas o *terceiro* tipo mais valioso de conhecimento.

DESCARTES: Apenas terceiro?

SÓCRATES: De fato sim. Pois muito mais importante que ele era o que chamava “conhecimento prático”, com o que queria dizer não a tecnologia, mas algo como o conhecimento moral, conhecimento de como viver melhor, de como agir, de como “praticar” a arte de viver, tanto individualmente quanto na família e no estado.

É este o tipo de conhecimento que dizias buscar quando te queixaste de que os antigos haviam baseado o conhecimento das virtudes em fundamentos incertos e te propuseste a encontrar uma fundação mais segura para tal.

DESCARTES: E repito, saber como levar uma vida virtuosa é ainda mais importante do que saber como conquistar a natureza, pois, como disse em uma

de minhas máximas morais, devemos primeiro conquistar a nós mesmos, e só depois a natureza, de vez que nunca nos faltará poder sobre nós mesmos e nossas escolhas, e mesmo sobre nossas paixões, se cultivarmos a virtude, ao passo que nem sempre teremos poder sobre a natureza. É certo que, no momento da morte, não temos poder algum sobre ela.

SÓCRATES: Foi a promessa que nos deixaste na Terceira Parte, mas nunca a cumpriste. Tudo o que nos deste foi um código moral inteiramente provisório, destituído de qualquer senso de obrigação ou necessidade, um código elaborado tão somente para proporcionar-te o máximo de paz e conforto enquanto rematavas o trabalho que obviamente consideravas muito mais importante: teu sistema filosófico e científico.

DESCARTES: Tenho uma justificativa para isso, Sócrates. Chama-se morte, coisa sobre a qual não temos praticamente nenhum poder. Não me foi dado tempo para cumprir minha promessa.

SÓCRATES: Por acaso ignoravas que todos podemos morrer a qualquer momento?

DESCARTES: Certamente que não.

SÓCRATES: Por que, então, não empregaste o tempo incerto de que dispunhas no estudo da ciência moral, que é mais importante, em vez de fazê-lo na pesquisa das ciências naturais e da tecnologia, que são menos importantes?

DESCARTES: Porque aí é que estavam depositados os talentos que Deus me concedera; e porque muitos outros já haviam escrito excelentes tratados morais, homens mais sábios e mais virtuosos do que eu.

SÓCRATES: É uma resposta razoável, parece-me. Mas neste momento não estou interessado naquilo que Aristóteles chamava as ciências práticas, ou ciências morais, mas no que ele denominava as ciências especulativas; pois, para Aristóteles, mesmo o conhecimento moral tinha uma importância secundária. Aristóteles punha o conhecimento da verdade por si mesma acima até mesmo do conhecimento da verdade para pô-la em prática na vida.

DESCARTES: Uma grande tolice, a meu ver.

SÓCRATES: Sabes que razões teve ele para tanto, a fim de que possas contestá-las?

DESCARTES: Era simplesmente um preconceito da época, era o orgulho que tinha Aristóteles naquilo que ele e sua cultura faziam melhor, que era dedicar-se ao conhecimento puramente especulativo.

SÓCRATES: Isso não é verdade. Ele deu uma razão.

DESCARTES: Que razão?

SÓCRATES: A razão que justifica colocarmos o conhecimento moral acima do conhecimento tecnológico é a mesma que justifica colocarmos o conhecimento especulativo acima do conhecimento moral.

DESCARTES: E que razão é essa?

SÓCRATES: O valor daquilo que cada tipo de conhecimento melhora ou aperfeiçoa.

DESCARTES: Que queres dizer?

SÓCRATES: O conhecimento tecnológico aperfeiçoa as coisas materiais que fazem parte da natureza e que utilizamos para nosso proveito: coisas como a água, rodas, navios e fornos. O conhecimento moral aperfeiçoa algo muito mais importante e muito mais próximo de nós, algo muito mais íntimo, por assim dizer, que são as nossas próprias ações, nossas vidas. É por isso que o conhecimento moral é mais importante do que a tecnologia: porque nossas vidas são mais importantes que as vidas de navios ou panelas.

DESCARTES: Não o nego.

SÓCRATES: E é por esta mesma razão que o conhecimento especulativo é o mais importante de todos: porque o que ele aperfeiçoa nos é ainda mais íntimo, mais valioso, está muito mais próximo de nossa essência do que aquilo que o conhecimento moral aperfeiçoa.

DESCARTES: Que poderia estar mais próximo de nossa essência que a vida?

SÓCRATES: A própria essência – que tu mesmo identificas com o pensamento. O conhecimento especulativo aperfeiçoa a mente, engrandece o espírito, que nos são muito mais íntimos, que estão no nosso âmago, muito mais do que as ações que praticamos.

DESCARTES: Reconheço que há sabedoria nisso. Mas penso que deve haver uma maneira de conciliar os dois ideais, o antigo e o novo, sem entrar em contradição; e até mesmo uma maneira de conciliar as duas *hierarquias*, a antiga, que punha o conhecimento especulativo acima do prático, e a moderna, que põe o prático acima do especulativo. Mesmo que pareça contraditório, creio que poderemos superar esta contradição se pudermos distinguir entre dimensões diferentes, pontos de vista diferentes ou algo do tipo.

SÓCRATES: Talvez. Novamente opto por deixar a questão ao leitor, para que possamos prosseguir e analisar teu próximo argumento neste parágrafo profético. Pois o que dizes é verdadeiramente radical. Eis o quão longe esperas chegar com teu novo conhecimento da natureza:

(DM 6, par.2)

O que é de desejar, não só para a invenção de uma infinidade de artifícios, que permitiriam gozar, sem qualquer custo, os frutos da terra e todas as comodidades que nela se acham [*revertendo assim uma das conseqüências da queda de Adão, “com o suor de teu rosto comerás teu pão”*], mas principalmente também para a conservação da saúde, que é sem dúvida o primeiro bem e o fundamento de todos os outros bens desta vida.

Percebo que és o primeiro filósofo na história a eleger a saúde como *summum bonum*; é estranho que um homem jovem, numa era jovem, de novidades, faça essa escolha, pois é esta a resposta que dão os velhos quando perguntados acerca do que é mais valioso: “O importante é ter saúde”. Já ouviste um jovem dizer isso?

DESCARTES: Mas na frase seguinte dou minhas razões. Continue lendo, por favor.

SÓCRATES: Eu o farei.

Pois mesmo o espírito depende tanto do temperamento e da disposição dos órgãos do corpo que, se é possível encontrar algum meio que torne comumente os homens mais sábios e mais hábeis do que foram até aqui, creio que se deve procurá-lo na Medicina.

DESCARTES: Por Medicina eu entendo não só a restauração dos corpos que estão doentes, mas a melhoria da saúde física de todos os homens, de qualquer idade ou condição. Como explico adiante:

É verdade que aquela que está agora em uso contém poucas coisas cuja utilidade seja tão notável; mas, sem que alimente nenhum intuito de desprezá-la, estou certo de que não há ninguém, mesmo entre os que a professam, que não confesse que tudo quanto nela se sabe é quase nada, em comparação com o que resta a saber, e que poderíamos livrar-nos de uma infinidade de moléstias, quer do espírito, quer do corpo, e talvez mesmo do enfraquecimento da velhice, se tivéssemos bastante conhecimento de suas causas e de todos os remédios que a natureza nos dotou.

SÓCRATES: Estás, por acaso, insinuando que...

DESCARTES: Não estou insinuando. Eu o afirmo. Não há, em princípio, qualquer razão por que uma ciência aperfeiçoada não possa descobrir como aperfeiçoar a saúde, curando todas as doenças conhecidas.

SÓCRATES: Mesmo a velhice?

DESCARTES: Mesmo a velhice.

SÓCRATES: Mas, se não podemos nunca morrer por doença ou pela idade, e se nunca viermos a morrer em combate nem formos assassinados, então nos teremos tornado imortais. É isso o que estás sugerindo?

DESCARTES: Burman, certa vez, perguntou-me a mesma coisa. Foi isto o que lhe respondi em Amsterdã, no ano de 1648:

Se acaso era o homem imortal antes da Queda, e se era, qual a natureza de sua imortalidade, não é questão para os filósofos, devendo, por força, ser deixada ao encargo dos teólogos. E quanto ao fato de terem os homens, antes do Dilúvio, atingido idade tão avançada, eis aí uma questão que derruba o

filósofo por terra; pois pode ser que Deus tenha produzido tal coisa miraculosamente, por meio de causas sobrenaturais, sem recorrer a nenhuma causa física; ou, então, pode ser que a própria estrutura do mundo natural tenha sido, antes do Dilúvio, diferente, e que, como consequência do Dilúvio, se tenha deteriorado depois dele. O filósofo estuda a natureza, bem como o homem, do jeito que é agora; ele não investiga suas causas em nível mais profundo que esse, pois tal está além de suas forças. Todavia, não há duvidar que a vida humana possa ser prolongada, desde que se possa conhecer a arte própria para tanto. Pois, visto como o conhecimento da arte própria nos permite aumentar e prolongar a vida de plantas e coisas que tais, porque o mesmo não seria possível com o homem? (*Conversa com Burman, Amsterdã, 20 de Abril de 1648.*)

Foi por isso que escrevi, no último parágrafo do *Discurso do Método*, que:

[...] resolvi não empregar o tempo de vida que me resta em outra coisa exceto procurar adquirir algum conhecimento da natureza, que seja de tal ordem que dele se possam tirar regras para a Medicina, mais seguras do que as adotadas até agora.

SÓCRATES: Bem, não tiveste tempo suficiente, não é isso?

DESCARTES: Não tive, mas podes me falar das conquistas de meus sucessores?

SÓCRATES: Eu te digo uma coisa: o tempo de vida médio do ser humano de fato aumentou durante os séculos que se seguiram à tua morte.

DESCARTES: Aumentou quanto?

SÓCRATES: Nas nações que possuíam conhecimento científico, tecnológico e médico para tanto, o tempo médio de vida das pessoas chegou, depois de três séculos, a setenta anos.

DESCARTES: Não é muito. Na verdade, este é o tanto de vida que, segundo a Bíblia, tinham os homens no tempo do rei Davi. A medicina não avançou muito?

SÓCRATES: Oh, bastante.

DESCARTES: E não se descobriu a cura de muitas doenças?

SÓCRATES: Descobriu-se. Mas, para cada nova cura, surgia uma nova doença.

DESCARTES: A humanidade não usou o meu método para desenvolver a ciência médica?

SÓCRATES: Não, porque o teu método mostrou-se inútil para ela. Descobriu-se que só a indução, e não a dedução, poderia revelar as leis da medicina, bem como a causa e a cura das doenças.

DESCARTES: Mmm. Mas a humanidade sem dúvida obteve enormes progressos na medicina.

SÓCRATES: Foi provavelmente, de todos os resultados da nova ciência, o que mais benefícios trouxe à humanidade.

DESCARTES: Fico satisfeito em saber. Mas... hesito em perguntar...

SÓCRATES: Desembucha! Não tens o que esconder aqui.

DESCARTES: Não houve quem sugerisse algo mais?

SÓCRATES: A conquista da própria morte, do trunfo da natureza, queres dizer?

DESCARTES: Bem, isto seria a vitória suprema “da conquista da natureza pelo homem”, não seria?

SÓCRATES: De fato seria. E quase quatrocentos anos depois de escreveres teu livro, este sonho começa a erguer-se novamente do túmulo.

DESCARTES: Por que usar uma imagem tão pavorosa?

SÓCRATES: Vou te dizer sem rodeios, e sem te interrogar antes: porque é uma idéia pavorosa. Uma idéia que, com efeito, caso fosse implementada, seria a coisa mais desastrosa em toda a história da humanidade desde que se resolveu comer do fruto proibido. Em certo sentido, é a mesma idéia: é a idéia de esgueirar-se para além da espada fulgurante do Querubim, voltar ao Éden, comer do fruto da Árvore da Vida e imortalizar o estado em que caiu a humanidade por ter comido do fruto da outra árvore, da que era proibida.

DESCARTES: Por que seria uma idéia tão desastrosa assim? Porque é impossível?

SÓCRATES: Não, porque é possível.

DESCARTES: Mas seria o paraíso na terra.

SÓCRATES: Não, seria o inferno na terra.

DESCARTES: Fico estarecido e estupefato de ouvir isso. Não compreendo.

SÓCRATES: Já sentiste o cheiro de um ovo que não chocou?

DESCARTES: Sim, certamente.

SÓCRATES: Então sentiste o cheiro do mundo das tuas esperanças.

DESCARTES: Queres dizer que fomos *feitos* para “sair do ovo”, para morrer e ressuscitar.

SÓCRATES: Sim.

DESCARTES: Um mundo, pois, que não chocasse seria um mundo de ovos podres.

SÓCRATES: Exatamente. Mas a Graça de Deus, que te deu essa inteligência admirável, através da qual criaste o teu método e realizaste tantas outras descobertas científicas, também te deu o dom de uma morte precoce, de forma que não tiveste tempo de criar um mundo de ovos podres, ou de viver em um.

DESCARTES: Parece que há um aprendizado misterioso, mais profundo, por que devo passar, além do exame racional das idéias filosóficas do meu livro!

SÓCRATES: E por estares aberto a essa purgação, ela te será misericordiosamente concedida. Reza para que também seja concedida aos tolos que agora perseguem teu sonho escuro sobre a Terra.

O Legado Cartesiano

DESCARTES: Então fui muito ingênuo e otimista quanto à natureza do homem e do poder?

SÓCRATES: Sim. Mas tiveste uma boa razão e uma boa desculpa. Viste os efeitos terríveis da Guerra dos Trinta Anos e esperavas ajudar o mundo a encontrar a paz através da razão. Na verdade, foi um dos objetivos mais nobres do movimento cuja paternidade é geralmente atribuída a ti, o movimento que chamou a si mesmo “Iluminismo”.

DESCARTES: E ele obteve sucesso?

SÓCRATES: Não obteve. Na verdade, durante o século XX, mais pessoas foram assassinadas por razões políticas, em guerras declaradas ou não, do que a soma da população inteira do mundo à minha época.

DESCARTES: Estou absolutamente perdido. Certamente não era isso que Bacon e eu tínhamos em mente quando falamos da “conquista da natureza pelo homem”. O resultado, ao que parece, foi somente a conquista de uns homens por outros, tendo a natureza como instrumento.

SÓCRATES: Foi exatamente isso o que disse um filósofo profético, chamado C.S. Lewis, três séculos depois de tua morte. O seu livro tem por título *A Abolição do Homem*. Mas olha quem vem lá! Não estamos mais sozinhos, temos um convidado. E acho que sabes quem é.

DESCARTES: Pascal! Tu, que julgaste minha filosofia “inútil e incerta”, estás aqui para me escarnecer?

PASCAL: Não, estou aqui para terminar o que Sócrates começou, para interrogarte, a fim de que conheças melhor a ti mesmo.

DESCARTES: Parece que tenho muito que aprender convosco – mas Sócrates sumiu. Ainda tínhamos tanto para conversar.

PASCAL: Ele voltará, eu garanto; com bastante frequência.

DESCARTES: Bem, se agora és tu quem fará o papel de Sócrates para mim, que perguntas queres que eu responda?

PASCAL: Quero saber que espécie de benefícios esperavas que o teu método e sua aplicação na ciência e na tecnologia trouxessem ao mundo? Podes dar exemplos específicos?

DESCARTES: Por que queres saber isso?

PASCAL: Para que possamos julgar tuas esperanças de acordo com a história.

DESCARTES: Parece justo. Bem, eu esperava o seguinte: que as gerações futuras pudessem, em poucas horas, viajar rápida e facilmente ao redor do mundo em grandes máquinas, em foguetes; e que elas tivessem à sua disposição fornos eficientes em que pudessem assar carne em poucos minutos, usando combustíveis baratos como gás natural, já que na minha época levava-se meio ano para viajar ao redor do mundo e a metade de um dia para cozinhar uma refeição.

PASCAL: Fica sabendo, então, que tais foguetes de fato existiram, três séculos depois de ti, e os fornos também. Devo acrescentar, porém, que os foguetes não foram utilizados para carregar passageiros, mas bombas, tão poderosas que uma só tinha o poder de destruir uma cidade inteira. Devo acrescentar, também, que os fornos eficientes e baratos de que falaste foram realmente inventados; no entanto, também é um fato que a nação mais culta, científica e tecnológica da Terra os usou para cozinhar seis milhões de seres humanos inocentes dentro deles.

DESCARTES: Estou espantado e estarecido. Mas sei que não podes mentir aqui. Fico doente só de imaginar.

PASCAL: Foi isto o que não conseguiste ver, René: que sois todos doentes, que a humanidade inteira é doente. A teologia em que cremos chama isso de “Pecado Original” – pensavas que era apenas uma fórmula arcana e inútil repetida pelas escolas?

DESCARTES: Minha filosofia estava errada desde o princípio?

PASCAL: Estava. Pois o seu ponto de partida foi tua própria sabedoria, e o seu fim, a felicidade. Tua sabedoria era o novo método e as novas certezas que proclamaste; tua felicidade era o resultado que almejaste, a conquista da natureza. Sócrates te mostrou o que havia de errado com tua sabedoria, eu te mostrei o que há de errado com tuas esperanças de felicidade.

DESCARTES: E qual é o ponto de partida da tua filosofia, Pascal?

PASCAL: Um que é muito mais seguro, René. O ponto de partida de minha filosofia não é “sou sábio e feliz”, mas “sou ignorante e infeliz; desejo, no entanto, ser sábio e feliz”. É este o dado fundamental que serve de critério a todas as hipóteses. Se quisermos ser fiéis à realidade da vida, devemos procurar uma filosofia que explique da melhor maneira possível *estas* quatro verdades: que todos os homens buscam a felicidade; que ninguém a encontra nem é verdadeiramente feliz neste mundo; que todos os homens buscam a sabedoria e a certeza; e que ninguém as encontra neste mundo. Também que, como Sócrates

descobriu, quanto mais tolos são os homens, tanto mais crêem eles que são sábios.

DESCARTES: Aonde um ponto de partida tão pessimista poderia levar?

PASCAL: Vem ver. Toma e lê meus *Pensamentos*.

Sócrates encontra Descartes
Copyright © by Peter Kreeft
Impresso no Brasil
1ª edição - novembro de 2012 - CEDET

Título Original: Socrates Meets Descartes
Tradução autorizada do idioma inglês da edição publicada por Ignatius Press.
© 2004 by Ignatius Press, San Francisco

Os direitos desta edição pertencem ao
CEDET - Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico
Rua Angelo Vicentin, 70
CEP: 13084-060 - Campinas - SP
Telefone: 19-3249-0580
e-mail: livros@cedet.com.br

Gestão Editorial:
Silvio Grimaldo de Camargo

Tradução:
Gabriel Melatti

Revisão:
Alessandra Lass *Capa e Diagramação:*
Diogo Chiuso *Desenvolvimento de eBook*
Loope – design e publicações digitais
www.loope.com.br

Reservados todos os direitos desta obra. Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica ou mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Kreeft, Peter

Sócrates Encontra Descartes [recurso eletrônico] / Peter Kreeft; Tradução de Gabriel Melatti - Campinas, SP : Vide Editorial, 2012

Título Original: Socrates Meets Descartes
e-ISBN: 978-85-67394-22-0

1. René Descartes 2. Filosofia Socrática 3. Filosofia Moderna. I. Peter Kreeft II. Título.

CDD – 194

Índice para Catálogo Sistemático

1. Descartes – 194
2. Filosofia Socrática – 183.2
3. Filosofia Moderna: Ensaios – 190.2

Sobre o Autor



É professor de filosofia no Boston College, onde leciona desde 1965. Palestrante dotado de humor e clareza incomparáveis, ele tem sido convidado para ensinar em várias universidades, seminários e instituições educacionais e religiosas em todos os Estados Unidos. O professor Kreeft é autor de mais de sessenta livros sobre filosofia, cristianismo e apologética, incluindo *Como Vencer a Guerra Cultural*, *Manual do Peregrino Moderno*, *Catholic Christianity*, *Fundamentals of the Faith*, *The Best Things in Life* e a série de diálogos em que Sócrates interroga filósofos modernos, que agora a VIDE Editorial traz ao leitor brasileiro.

Sobre a Obra

Este livro é parte de uma série de explorações socráticas das grandes obras da filosofia moderna. Os livros desta série são curtos, claros, e de fácil compreensão aos iniciantes, e introduzem as questões básicas das disciplinas filosóficas: metafísica, epistemologia, antropologia, ética, lógica e metodologia.

Em cada livro da série, Sócrates encontra um filósofo moderno na eternidade, analisando no mundo do além as principais obras de Maquiavel, Descartes, Hume, Kant, Marx e Sartre. A dialética de Sócrates é implacável e segue demonstrando em cada capítulo os erros e as incoerências desses grandes filósofos e suas filosofias.



OUTROS TÍTULOS:

Marxismo e Descendência

Antônio Paim **Da Guerra à Pacificação**

Ricardo Vélez Rodríguez **A Psicologia do Sentido da Vida**

Izar Aparecida de Moraes Xausa

O Enigma Quântico

Wolfgang Smith **Maquiavel ou a Confusão Demoníaca**

Olavo de Carvalho **Crise e Utopia: O Dilema de Thomas More**

Martim Vasques da Cunha **A Filosofia e seu Inverso**

Olavo de Carvalho **www.videeditorial.com.br**